

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – CAMPUS BELO HORIZONTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA**

**MARIA ALICE DE SOUZA**

**OS USOS SOCIAIS DO MEME DA INTERNET NA *FANPAGE* DE UMA ESCOLA  
PÚBLICA DA REDE ESTADUAL DO MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE**

**Belo Horizonte**

**2019**

**MARIA ALICE DE SOUZA**

**OS USOS SOCIAIS DO MEME DA INTERNET NA *FANPAGE* DE UMA ESCOLA  
PÚBLICA DA REDE ESTADUAL DO MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Culturas, Memórias e Linguagens em Processos Educativos.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Diniz Monteiro de Barros

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lana Mara Castro Siman.

**Belo Horizonte**

**2019**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**FICHA CATALOGRÁFICA**

S729 Souza, Maria Alice de.

Os usos sociais do meme da internet na fanpage de uma escola pública da rede estadual do município de Belo Horizonte [manuscrito] / Maria Alice de Souza. - 2019.

150 f. il., color.

Orientador: Marcelo Diniz Monteiro de Barros

Dissertação (mestrado) -- Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Humana. Universidade do Estado de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Referências: 113-121.

1. Meme da internet. 2. Cultura. 3. Práticas comunicativas. 4. Juventude. I. Barros, Marcelo Diniz Monteiro de. II. Universidade do Estado de Minas Gerais. Faculdade de Educação. III. Título.

CDU: 37.018.43

Ficha catalográfica: elaborada pelo Bibliotecário Daniel Henrique da Silva CRB-6/3422

## MARIA ALICE DE SOUZA

Dissertação de mestrado apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação e Formação Humana junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais.

O Exame de Defesa apresentado, no dia 19 de março de 2019, à Banca Examinadora constituída pelos professores:

---

Prof. Dr. Marcelo Diniz Monteiro de Barros – Orientador (UEMG)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lana Mara Castro Siman – Coorientadora (UEMG)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Braz Maletta - Professora Interna (UEMG)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Célia Abicalil Belmiro - Professora Externa (UEMG)

*À minha amada irmã Margarete Soraia de Souza.*

## AGRADECIMENTOS

Longe de ser um simples gesto de educação, a gratidão é uma experiência de felicidade. Tenho consciência que se não fosse a presença de certas pessoas em minha vida, não estaria escrevendo este agradecimento neste momento.

Assim, começo agradecendo à Adriana Datas, que me informou sobre o Programa de Mestrado da Faculdade de Educação do Estado de Minas Gerais, em 2016. Depois de aprovada e cursando as disciplinas do programa, não posso deixar de externar meu agradecimento a duas companheiras de curso: Flávia Lima e Jacqueline Castro. Devo dizer que, para mim, o meme da internet apenas se concretizou como um objeto instigante de investigação depois das interlocuções que tive com ambas. E, ainda, quero agradecer ao professor Adálcio Araújo, que tão prontamente me esclareceu sobre aspectos da elaboração do problema de pesquisa.

Com o problema de pesquisa definido, sou extremamente grata aos membros da *fanpage* Estadual Central, que me acolheram, fornecendo todos os dados que eu precisava para compor meu texto de dissertação. Esses jovens, muitos deles meus ex-alunos, dispuseram do tempo livre para responder minhas incansáveis perguntas.

Também sou muito agradecida a todos os professores do programa, especialmente a meus orientadores Marcelo Barros e Lana Siman e às professoras integrantes da banca examinadora Ana Maletta e Célia Abicalil. A finalização desta pesquisa apenas foi possível pelo valoroso auxílio desses profissionais.

Quero ainda agradecer a minha família pelo apoio e amor incondicional: à minha dedicada mãe Rosalina Moreira, ao meu pai José Pereira e à minha inestimável irmã Margarete Soraia, que me acompanhou em cada momento desta escrita.

Enfim, sou infinitamente grata a Deus por ter me iluminado no decorrer desta pesquisa, dando-me energia para concluir mais uma etapa de minha vida acadêmica.

*Eu vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério  
O jovem no Brasil nunca é levado a sério  
Eu vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério, não é sério*

(Chorão, Trecho da canção “Não é sério”)

## RESUMO

Conhecido pela combinação de imagens vinculadas a legendas com teor normalmente irônico ou bem-humorado, o meme da internet, bem popular entre os jovens, propaga determinada ideia, piada ou comportamento. Assim, ao se investigá-lo não se questiona apenas um objeto cultural, indaga-se sobre a juventude e suas práticas de comunicação. Diante disso, este trabalho analisa um *corpus* de memes da internet selecionados da *fanpage* administrada por alunos (e ex-alunos) de uma escola pública da rede estadual do município de Belo Horizonte. Mediante revisão de literatura, esta dissertação apresenta uma visão concisa do fenômeno, considerando sua estrutura, tipos de enunciados, inserção sociocultural e práticas de comunicação a ele atreladas. Para apresentar a história de constituição social do meme, este estudo recorre a Dawkins (1978); Recuero (2007); Jenkins (2009); Sales (2010); Souza Junior (2014); Barreto (2015); Escalante (2016); Chagas (2016). No intuito de situar seu uso social, este texto apresenta as considerações de Coscarelli (2006); Ribeiro (2009); Euzébio e Cerutti-Rizzatti (2013). Para relacionar o meme da internet à cultura jovem, recorre-se a Dayrell (2001-2007); Dayrell e Carrano (2014); Rezende, Ferreira e Vargas (2014). Além disso, para proceder à análise do *corpus* recorre-se a Fragozo, Recuero e Amaral (2011), a Halliday (1978); Kress e Van Leeuwen (2006). Finalmente, para tratar o meme da internet enquanto objeto cultural, esta análise traz as contribuições de Lemos (2004-2005); Faria e Moura (2008). O percurso metodológico foi traçado com a finalidade de não apenas identificar as teorias que elucidam o meme, mas também compreender o que motiva os usuários da página investigada a utilizarem esse artefato em suas interações cotidianas. Nos resultados da pesquisa, percebe-se que longe de ser a combinação de imagens e frases bem-humoradas próprias para a fruição, o meme da internet porta teor afetivo, crítico e político, possuindo um grande potencial comunicativo.

**Palavras-chave:** Meme da internet; Cultura; Práticas comunicativas; Juventude.

## ABSTRACT

Known for the combination of caption images with usually ironic or humorous content, the internet meme, popular with young people, propagates a certain idea, joke or behavior. Thus, when investigating it is not only questioned a cultural object, it inquires about the youth and its practices of communication. Therefore, this work analyzes a corpus of internet memes selected from the fanpage administered by students (and alumni) of a public school of the state network of the city of Belo Horizonte. Through a literature review, this dissertation presents a concise view of the phenomenon, considering its structure, types of statements, socio-cultural insertion and communication practices linked to it. To present the meme's social constitution history, this study draws on Dawkins (1978); Recuero (2007); Jenkins (2009); Sales (2010); Souza Junior (2014); Barreto (2015); Escalante (2016); Chagas disease (2016). In order to locate its social use, this text presents the considerations of Coscarelli (2006); Ribeiro (2009); Euzébio and Cerutti-Rizzatti (2013). To relate the Internet meme to young culture, Dayrell (2001-2007) is used; Dayrell and Carrano (2014); Rezende, Ferreira and Vargas (2014). In addition, to analyze the corpus is resorted to Fragoso, Recuero and Amaral (2011), Halliday (1978); Kress and Van Leeuwen (2006). Finally, to treat the internet meme as a cultural object, this analysis brings the contributions of Lemos (2004-2005); Faria and Moura (2008). The methodological course was designed not only to identify the theories that elucidate the meme, but also to understand what motivates users of the page investigated to use this artifact in their daily interactions. In the results of the research, it is perceived that far from being the combination of images and humorous phrases suitable for fruition, the meme of the Internet has an affective, critical and political content, possessing a great communicative potential.

**Keywords:** Internet meme; Culture; Communicative practices; Youth.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1. Captura de tela da página inicial da <i>fanpage</i> Estadual Central .....	51
Imagem 2. Captura de tela do questionário de sondagem aplicado na <i>fanpage</i> Estadual Central .....	55
Gráfico 1. Sexo dos participantes do questionário de sondagem .....	56
Gráfico 2. Idade dos participantes do questionário de sondagem .....	57
Gráfico 3. Temas preferidos dos participantes do questionário de sondagem .....	57
Figura 1. Senhora cadê os 6 mil? .....	62
Imagem 3. Captura de tela das interações realizadas no dia 24 de outubro de 2016 .....	66
Figura 2. Vocês não vão entrar .....	68
Figura 3. Hora do grêmio dxr tds entrarem .....	70
Figura 4. Coisas que eu queria comer agora .....	71
Imagem 4. Captura de tela com comentários sobre “Coisas que eu queria comer agora” .....	73
Figura 5. novas normas pra escola? .....	74
Figura 6. volta as aulas .....	76
Imagem 5. Captura de tela mostrando as interações realizadas sobre o trote do Central .....	77
Figura 7. dia normal/PAC.....	79
Imagem 6. Captura de tela das postagens nomeadas “Mais um dia normal no central”.....	82
Figura 8. De que é feito o universo? .....	83
Figura 9. Diretor Resposta .....	85
Imagem 7. Captura de tela com comentários sobre um <i>spotted</i> compartilhado da <i>fanpage</i> Crush Central .....	86
Figura 10. Eu vendo as pessoas receberem <i>spotted</i> e sem ganhar nenhum... ..	87
Imagem 8. Captura de tela da página inicial do grupo fechado Estadual Central Memes, criado especificamente para a coleta de dados .....	90
Imagem 9. Captura de tela do questionário virtual em formato de memes aplicado no grupo fechado criado especificamente para a coleta de dados .....	91

Foto 1. Aplicação do questionário virtual no laboratório de informática da Escola Estadual Governador Milton Campos .....	93
Quadro 1. Respostas dos participantes da pesquisa à pergunta “Você costuma compartilhar os memes da internet postados na <i>fanpage</i> Estadual Central .....	101
Imagem 10. Reprodução das imagens que deram origem a dois conjuntos de memes recorrentes na <i>fanpage</i> Estadual Central: o garoto do topete e o diretor Trakinas .....	102

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	14
1 MEME DA INTERNET: UM ARTEFATO ENTRE A COMUNICAÇÃO E A CULTURA .....	20
1.1 Cibercultura e gêneros digitais.....	23
1.2 As práticas sociais no ciberespaço.....	24
1.3 A genealogia do meme da internet.....	26
1.4 Taxonomia do meme da internet.....	28
1.5 Meme da internet enquanto artefato cultural .....	31
2 JUVENTUDE E CULTURA ESCOLAR: AS COMPLEXAS RELAÇÕES ESTABELECIDAS ENTRE JOVENS E ESCOLA .....	33
2.1 Cultura escolar e juventude.....	33
2.1.1 A cultura escolar.....	34
2.1.2 Juventudes .....	36
2.2 Cultura escolar e cibercultura .....	38
2.3 Juventude e cibercultura .....	40
2.4 Meme da internet e excedente cognitivo .....	42
3 ITINERÁRIO DA INVESTIGAÇÃO: DAS ESCOLHAS TEÓRICO-CONCEITUAIS E PROCEDIMENTAIS À SELEÇÃO DOS JOVENS PARTICIPANTES DA PESQUISA .....	45
3.1 A revisão de literatura.....	46
3.2 O estudo de caso .....	48
3.3 A <i>fanpage</i> Estadual Central .....	50
3.4 A Coleta de dados .....	53
3.4.1 A importância dos conhecimentos prévios na coleta de dados .....	54
4 A RELAÇÃO ENTRE OS ACONTECIMENTOS DO COTIDIANO ESCOLAR E A PRODUÇÃO DE MEME DA INTERNET NA <i>FANPAGE</i> ESTADUAL CENTRAL .....	59
4.1 A relação entre os sujeitos da pesquisa e a <i>fanpage</i> Estadual Central.....	59
4.2 Memes da internet na <i>fanpage</i> Estadual Central: Quando tudo começou... ..	61
4.3 A Primavera Secundarista.....	63
4.3.1 “Vocês não vão entrarem”.....	65
4.3.2 “Vocês não vão entrarem”: uma análise a partir da Gramática do Design Visual... ..	68
4.3.3 “Hora do grêmio dxr tds entrarem”.....	70
4.3.4 “Coisas que eu gostaria de comer agora”.....	71
4.4 “Novas normas pra escola?” .....	74
4.5 “Volta às aulas” e a Gramática do Design Visual.....	75

4.6	“Dia normal no Central” .....	78
4.6.1	“Mais um dia normal no Central” .....	81
4.7	Os memes associados.....	83
4.8	<i>Spotted</i> : receber ou não receber, eis a questão.....	85
4.9	Uma análise a partir da taxonomia dos memes.....	88
5	O QUE DIZEM OS JOVENS SOBRE OS MEMES DA INTERNET.....	90
5.1	Percalços da coleta de dados.....	91
5.2	Analisando os dados do questionário virtual .....	93
5.3	O uso da entrevista na interpretação do campo investigado .....	97
5.4	Retomando à origem da <i>fanpage</i> Estadual Central.....	98
5.5	Os participantes da pesquisa e suas atuações.....	99
5.6	O que diz o diretor da Escola Estadual Governador Milton Campos sobre a <i>fanpage</i> Estadual Central .....	105
5.7	A relação entre os dados coletados e o contexto teórico .....	106
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	110
	REFERÊNCIAS .....	113
	APÊNDICES .....	122

## APRESENTAÇÃO

Primeiro dia de aula, um garoto está conhecendo seus novos colegas. Todos à sua volta estão rindo e conversando, mas ele não se sente animado. Está completamente deslocado e torce para que o professor chegue logo na sala. A mão alcança o celular no bolso do agasalho e todo o empreendimento se completa após alguns toques. Do outro lado da cidade, uma garota vê a tela do aparelho se acender: seu melhor amigo acaba de postar na linha do tempo dele. Apesar de saber que as normas da escola proibem o uso de aparelhos eletrônicos em sala de aula, ela verifica o *post*. O meme que ele postou a faz sorrir. Ela “curte” a publicação do amigo. Sem hesitar, escreve: “Vc se acostuma Tlgd”<sup>1</sup>. O garoto ri do comentário da amiga. Ele sabe que aquela manhã será difícil, porém não se sente tão sozinho.

A historinha que acabo de contar é ficção, mas se eu perguntasse a qualquer um dos estudantes para os quais leciono, se algo parecido já lhe aconteceu, a maioria responderia que sim. Diferentemente do que se acreditava no século passado, longe de provocar o isolamento social, os ambientes virtuais, materializados nas telas de computadores, *tablets* e *smartfones*, têm intensificado a comunicação entre os jovens. Conseqüentemente, ao potencializar essa interação, as tecnologias digitais têm influenciado os modos de relacionamento.

Exercendo minha função de professora da rede pública estadual, vivo cercada de jovens, sendo impossível ignorar as especificidades da fase da vida desses sujeitos. Ao relacionar-me com eles, percebo que as redes sociais virtuais têm se tornado um espaço de interação em torno de afinidades que eles compartilham e isso não exclui a preferência por determinados gêneros. Como usuários ativos das redes, eles criam, adicionam e controlam postagens, manipulando os dados de acordo com suas preferências.

Minha afinidade com as ideias, gostos e sentimentos juvenis não veio ao acaso, ela nasceu da experiência vivida, no ano de 2008, com Programa de Educação Afetivo-Sexual (PEAS) desenvolvido pela Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais (SEE-MG). Veio daí também meu encantamento pelas tecnologias; antes novas, agora digitais.

Se para muitos adultos lidar com a juventude tem sido desgastante, para mim, participar desse cotidiano é uma prática imensamente rica e instigante. É certo que tenho meus momentos de exasperação diante de alguns comportamentos juvenis, porém entendo que os jovens hoje

---

<sup>1</sup> Na linguagem dos jovens, a expressão “tá ligado” (Tlgd) é usada para verificar se o interlocutor entendeu aquilo que foi explicado. No entanto, muitas vezes, o termo aparece no final de uma frase apenas para criar um sentido de camaradagem.

estão vivendo numa época muito diferente da de seus pais, professores e outros profissionais de suas relações e isso não deve ser fácil para eles também.

Inquestionavelmente, no meu caso, ter conhecimento do meme da internet apenas foi possível pela convivência com jovens. A palavra “meme”, na internet, surgiu na década de 90, quando Joshua Schachter criou um site que reunia conteúdos e *links* que se proliferavam pela rede – o Memepool. No entanto, foi etólogo Richard Dawkins (1978), na obra *O gene egoísta*, que ao teorizar sobre evoluções culturais e genéticas, criou o vocábulo para designar a unidade de cultura que se propagava de uma mente para outra. O neologismo, que provém da forma em inglês “mimeme”, origina do grego “mimema”, da mesma raiz de “mimese” (imitação), ainda apresenta, para o biólogo evolucionista, semelhanças com as palavras “gene” e “memória” (DAWKINS, 1978).

Foi justamente os estudantes do primeiro ano do ensino médio que me apresentaram os memes da internet. Não foi uma apresentação intencional e formal. Creio que, pelo fato de estarmos interligados, houve a propagação da ideia. Um dia, aceita-se a solicitação de amizade de um aluno; depois de um segundo, daí a pouco se tem boa parte da turma como amigos do Facebook. E, ao interagir com um e outro, não há como não notar que os jovens, tendo como ponto de partida as redes sociais virtuais, socializam-se e comunicam-se de modo próprio. Sob esse ponto de vista, é essa peculiaridade que me leva a questionar quais as reverberações desses comportamentos na contemporaneidade.

Até o ano de 2015, como disse, não conhecia meme da internet. É evidente que já tinha visto as peças nas páginas de Facebook de meus alunos, mas não tinha associado aqueles artefatos a um novo gênero. E, para dizer a verdade, eu não gostava muito deles. Foi a recorrência do contato que me fez perguntar de maneira muito despretensiosa a uma estudante quem era a personagem que aparecia na charge que compartilhara em sua página. “Não é charge, não prof.! É meme!” Sucintamente ela me explicou que meme era a mistura de imagens e textos engraçados e que aquela figura era do sócia<sup>2</sup> do Vin Diesel<sup>3</sup>.

A rápida explicação aguçou minha curiosidade e eu, a partir daquele momento, comecei a buscar mais informações sobre o assunto, atentando-me nas postagens em que os memes apareciam.

---

<sup>2</sup> É o rosto de Marcos Salvo que aparece em um dos memes mais populares da internet. O Vin Diesel brasileiro nasceu em Curitiba e tornou-se conhecido por sua semelhança com o ator estadunidense.

<sup>3</sup> Conhecido por sua atuação na série “Veloze e Furiosos”, Mark Sinclair Vincent, o Vin Diesel, é um ator, roteirista e produtor de cinema norte-americano. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Vin\\_Diesel](https://pt.wikipedia.org/wiki/Vin_Diesel). Acesso em 15 ago. de 2018.

No entanto, apesar do que expus acima, quando tive a oportunidade de participar do processo seletivo do Programa de Mestrado da Faculdade de Educação do Estado de Minas Gerais - FaE/UEMG em 2016, resolvo concorrer com um projeto que me afasta desse interesse. Ao construir minha proposta de pesquisa, proponho-me a investigar que tipo de formação os docentes demandam para usufruírem das tecnologias da comunicação e informação. Depois de aprovada e já realizando as disciplinas do curso, constato que meu projeto me conduzia a um levantamento dos currículos das universidades que formavam professores. No entanto, ao perceber que iria lidar apenas com documentos, estava ficando apavorada.

Nessas condições, tive contato com obra *A interpretação das culturas*, de Clifford Geertz, na disciplina Cultura, Memória e Educação, ministrada pelas professoras Karla Cunha e Lana Siman. Foi justamente no seminário do capítulo “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura” que, ao pensar que eu discursava sobre elementos de minha pesquisa, sou surpreendida pelo comentário de Karla. Não me lembro das palavras exatas, mas era algo como: “Se antes o etnógrafo tinha de ir aos lugares mais exóticos para investigar uma cultura, hoje se faz isso acessando a internet”. Estudar a cultura juvenil, tendo como lugar de observação as redes sociais não era meu tema de pesquisa, porém estava ali a oportunidade para mudar de objeto de investigação.

Com a nova temática, a velha inquietação emerge com outro aspecto: será que os memes da internet eram uma nova forma de expressão da cultura juvenil? Será que esses artefatos culturais eram capazes de estabelecer conexões entre os jovens e não apenas compartilhava um conteúdo? Por sorte, numa tarde, ao comentar com um aluno acerca de um ensaio que havia escrito sobre memes, ele me perguntou se eu conhecia as produções do grupo Estadual Central. Não! Eu não conhecia!

Percebendo que aquele ambiente virtual poderia ser favorável à minha pesquisa, busquei pela página criada pelos alunos da Escola Estadual Governador Milton Campos. Surpreendentemente, desde os primeiros acessos, notei que os jovens recorriam aos memes da internet para manifestar opiniões, ideias e pensamentos referentes ao cotidiano escolar. Era visível que as peças facilitavam o contato entre eles, funcionando como forma de diálogo. Em outras palavras, muitas vezes, um membro do grupo se manifestava utilizando um meme, recebendo comentários ou outros memes como resposta. Diante do novo objeto de pesquisa, busquei nos especialistas sustentação para minhas hipóteses.

## Encontrando o meme da internet

Se minha história com o meme da internet começa pela convivência com os jovens, numa piscadela que me exigiu buscar explicação da “construção das construções de outras pessoas” (GEERTZ, 2008, p. 7), a história do meme se inicia com Richard Dawkins que, ao teorizar sobre as espécies, definiu-os como replicadores de comportamento (DAWKINS, 1978). No entanto, mutante como é, o meme começou a se metamorfosear a partir de seu surgimento. Assim, na década de 90, foi considerado artefato informacional com atitude (DENNETT, 1998), transmitido pelo aparato cognitivo humano (BLACKMORE, 2002). Nos anos 2000, visto como artefato típico da cultura participativa (JENKINS, 2009), teve dimensão local e global destacada dentro da *web* (RECUERO, 2007). Hoje, associado às redes sociais, vincula padrões de composição e propósitos multimodais, sendo identificado como meme da internet (SOUZA JUNIOR, 2014).

Conhecido normalmente pela combinação de imagens e legendas bem-humoradas, o meme da internet tem se alastrado rapidamente pela *web*, sendo sua repercussão percebida pela recorrência de transmissões, comentários ou imitações por *blogs*, *sites*, redes sociais, aplicativos de mensagens instantâneas e *chats* (CHAGAS, 2016).

Podendo ser criado por um indivíduo ou por grupos especializados, que não apenas compartilham um conteúdo, mas estabelecem conexões e estimulam percepções, o meme da internet pode se referir a qualquer assunto, possuindo normalmente teor cômico, mordaz ou crítico (CHAGAS, 2016). Além disso, a proliferação desse artefato tem reunido os sujeitos em torno de interesses comuns (BARRETO, 2015; ESCALANTE, 2016), indicando que se refere a uma prática comunicativa que abarca diversas esferas da vida contemporânea (EUZÉBIO e CERUTTI-RIZZATTI, 2013).

É importante se ressaltar que com o avanço das tecnologias digitais, novas manifestações e modos de comunicação emergiram. Em vista disso, tornou-se emergencial investigar como a recepção e a transmissão de ideias são concebidas pelos diferentes grupos culturais e como isso reverbera em suas relações sociais.

Nesse sentido, esta pesquisa averigua em quais práticas comunicativas os integrantes da *fanpage* Estadual Central, composta principalmente por alunos (e ex-alunos) do ensino médio da Escola Estadual Governador Milton Campos em Belo Horizonte, utilizam os meme da internet, investigando também em quais situações esses sujeitos legitimam, por meio dessa produção, a comunicação em ambientes virtuais. Em outras palavras, este estudo indaga sobre

os hábitos de produção e compartilhamento de memes da internet, verificando seus usos sociais em ambientes virtuais.

Considera-se ainda, nesta dissertação, o meme da internet, enquanto artefato cultural que emerge como uma nova forma de expressão da cultura digital; já que, tendo como suporte a *web*, textos, imagens e vídeos são transformados em unidades de imitação associadas a situações da vida cotidiana (BARRETO, 2015). Se o advento do meme da internet tem influenciado a maneira de comunicar nas redes, nada mais pertinente que investigar em quais práticas comunicativas esse artefato cultural tem mudado a comunicação entre os jovens.

Sob esse ponto de vista, esta pesquisa, ao identificar em quais práticas de comunicação os jovens utilizam memes da internet, intenciona contribuir para campo educacional oferecendo descobertas que possam possibilitar aos professores e a outros profissionais da educação, uma compreensão mais aprofundada sobre os elementos da cultura juvenil.

### **Objetivos da pesquisa**

Diante desse objeto e campo de estudo, esta pesquisa tem como objetivo geral investigar quais práticas comunicativas são realizadas com o uso de meme da internet entre os membros da *fanpage* de uma escola pública da rede estadual do município de Belo Horizonte, descrevendo a natureza das peças produzidas para a página e interpretando o tipo de percepção que os jovens têm desses artefatos culturais.

Em conformidade com o exposto acima, os objetivos específicos visam: a) elencar as teorias que compreendem o meme da internet enquanto prática comunicativa que contempla diversas esferas da vida; b) analisar, em diálogo com as teorias, os dados referentes à pesquisa realizada com alunos sobre como usam memes da internet em suas práticas comunicativas ambientadas na *fanpage* estudada; c) identificar, do ponto de vista sociocultural, quem são os sujeitos da pesquisa; d) especificar e analisar quais temas motivam a produção de memes da internet no contexto da *fanpage* pesquisada.

Salienta-se ainda que esta pesquisa foi estruturada em cinco capítulos. No primeiro, o objeto de estudo foi relacionado aos acontecimentos culturais e sociais que o cercam, sendo expostas teorias que abarcam o problema de pesquisa apresentado. Nesse capítulo, também se descreveu, identificou e classificou os tipos de meme da internet. No segundo, as principais contribuições acadêmicas sobre cibercultura, cultura escolar e juventude foram apresentadas. O terceiro capítulo tratou da metodologia deste estudo, identificando as teorias que permitiram compreender o meme da internet como um objeto cultural. No quarto capítulo, os memes da

internet produzidos pelos integrantes da *fanpage* Estadual Central foram analisados. No quinto capítulo, a análise dos dados das entrevistas e reflexões sobre o resultado da pesquisa foram exibidos.

## **1 MEME DA INTERNET: UM ARTEFATO ENTRE A COMUNICAÇÃO E A CULTURA**

As tecnologias digitais da comunicação e informação (TDCI) se tornaram um elemento sem o qual as práticas comunicativas e a cultura contemporânea são impensáveis. Ao se infiltrarem nas relações sociais, transformaram a natureza da comunicação humana, redefinindo as organizações sociais. Nessas circunstâncias, a realidade humana se viu modificada a partir do momento em que as pessoas passaram a utilizar a rede mundial de computadores, recebendo todo tipo de informação quase instantaneamente. Por certo, essas tecnologias têm proporcionado novos modos de viver, de pensar e de conhecer, não se apresentando apenas como instrumento que expande a capacidade motora do homem, mas como uma extensão de sua mente (PETERS, 2004; ROSINI, 2007).

Como criação humana, a tecnologia é parte da cultura, devendo ser compreendida em sua relação a outros elementos culturais. Nesse sentido, Bastos (1998) lembra que, ao incorporar elementos da vida social, tornou-se um veículo de expressão da cultura de uma sociedade, ultrapassando a dimensão técnica. Trotta (2004) acrescenta que, mesmo não sendo um elemento determinante, a tecnologia se configura como elemento fundamental da sociedade. E mais, pelas tecnologias midiáticas, os indivíduos percebem, compreendem, criam, adaptam-se, organizando e produzindo insumos, produtos e serviços. Desse modo, para LEMOS e CUNHA (2003, p. 5), a internet é mais que uma mídia de massa ou ambiente midiático, caracterizando-se como “incubadora de instrumentos de comunicação”.

Sob esse ponto de vista, a cibercultura, movimento social em que as relações mediadas pelos computadores são fundadas sem um espaço físico delimitado, pauta-se na interconexão, na criação de comunidades virtuais e na inteligência coletiva (LÉVY, 1999; LEMOS, 2003; SALES, 2010). Dito de outro modo, entende-se por cibercultura as novas formas sociais surgidas da associação entre sociedade, cultura e novas tecnologias a partir da década de 70. Essa nova condição permitiu que os modos de ação e comunicação dos indivíduos se ampliassem, alterando sua relação espaço-temporal.

A cibercultura se caracteriza principalmente pela mudança de comportamento dos sujeitos, que negam o acúmulo individualista, voltando-se para a troca excessiva de conteúdo. Nesse contexto, potencializa-se “aquilo que é próprio de toda dinâmica cultural, a saber o compartilhamento, a distribuição, a cooperação, a apropriação dos bens simbólicos” (LEMOS, 2004, p. 11). Assim, incorporar os diversos artefatos tecnológicos em práticas cotidianas,

modos de agir e pensar forjou um novo tipo de indivíduo. É desse “conjunto de práticas, de atitudes, de significados, de símbolos, de modos de pensamento e de valores produzidos, experimentados e compartilhados no ciberespaço” que se constitui a cibercultura (SALES, 2014, p. 232).

Como resultado, ampliando modos de contato e expressão, o ciberespaço surge para abrigar um volume gigantesco de informações, configurando-se como lugar de existência real que altera a percepção de tempo e de espaço dos indivíduos. Nesse contexto, o ciberespaço é espaço para trocas de informações, não sendo um simples suporte para a comunicação ou infraestrutura material da comunicação digital (SOUSA e LEÃO, 2016).

De fato, ampliando os processos cognitivos, o ciberespaço permite que a mente humana seja expandida pelas consecutivas interconexões realizadas diariamente. Aliás, enquanto rede, o ciberespaço se mostra aberto, sendo determinado pelo tempo, dinâmica social e conexões (LEMOS, 2004). No entanto, apesar dessa virtualidade e das trocas simbólicas, o corpo físico permanece como garantia da intermediação com o mundo material (FARIA, 2008).

Além disso, a presença das tecnologias no cotidiano humano levou à construção de novas subjetividades, que perceberam na cibercultura seu espaço de domínio. Nesse cenário, o sujeito interage com aquilo que está próximo e com pequenas redes com as quais se identifica. Vive a troca no *estar-junto* – estrutura social que dificilmente pode ser superada. SILVA (2012, p. 80) afirma que os indivíduos “se formam na intersubjetividade e na comunicação em que prevalecem os sentimentos, o imaginário e as paixões como troca”, isto é, “o indivíduo identifica-se com sua tribo, com seu território físico e simbólico e com sua ética e estética particulares”.

O fato de as pessoas estarem desvinculadas de marcos referenciais ou de narrativas totalizantes permitiu o redimensionamento da mensagem, da emissão e da recepção, instaurando uma nova configuração tecnológica: a interatividade. Operando uma significativa modificação na esfera das comunicações, a interatividade possibilitou que o usuário modificasse o conteúdo, sendo essa experiência ainda não verificada pelas tecnologias tradicionais. Desse modo, o sujeito tornou-se menos submisso à uniformização e à massificação (SILVA, 2012).

Cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas, as tecnologias digitais se tornaram ferramentas essenciais para se acessar uma informação. Ter a tela como espaço de transmissão e recepção de ideias não é apenas mais uma maneira de ter acesso a dados, mas uma nova maneira de obter conhecimento. Em outras palavras, as práticas de comunicação

transfiguraram-se, levando os sujeitos a diferentes comportamentos, que reverberaram na comunidade (SOARES, 2002; COSCARELLI E RIBEIRO, 2005; XAVIER, 2005).

Como a vida social existe por intermédio da linguagem desenvolvida pela humanidade, a integração dos seres humanos com seu meio é o universo simbólico que dá sentido às suas experiências. Segundo MORAES (2002, p. 39), “a linguagem serve como espelho social, refletindo valores implícitos e atitudes. No entanto, a linguagem não é apenas uma representação social, porque ela também reforça os valores sociais e os perpetua”. Por intermédio das linguagens, “padrões sociais são encontrados pelas relações que os signos assumem metaforicamente com seus objetos e pelos significados ideológicos com que estes signos são reconhecidos na sociedade” (TROTTA, 2004, p. 85).

Por certo, considerando que nenhuma produção humana é constituída apenas de conteúdo, as práticas sociais caracterizam-se por um amálgama de intenções, significados, linguagens e recursos tecnológicos estruturados em camadas. Como saldo de escolhas, deliberações, montagens, modos de dizer ou de chegar ao interlocutor, todo texto existe apenas dentro de um suporte que lhe atribui legibilidade (RIBEIRO, 2013).

Além disso, em vez de se relacionarem com a realidade diretamente, os indivíduos dependem cada vez mais de uma vasta quantidade de informações mediatizadas, que os alcançam com mais poder, facilidade e rapidez (MORAES, 2002; TROTA, 2004). Aliás, esse cenário trouxe mudanças na recepção e finalidade das manifestações linguísticas. Assim, ao se considerar os imperativos dos sujeitos num mundo cada vez mais sitiado por máquinas, o advento do computador fez surgir outras práticas sociais na esfera da cultura escrita caracterizadas pela ampliação das atividades em ambientes virtuais (COSCARELLI e RIBEIRO, 2005; XAVIER, 2005; RIBEIRO, 2009).

Ora, o computador permitiu mais do que simplesmente expressar a realidade, ele admitiu que se criasse ordens hierárquicas de significado, variantes e inferências pelo recorte e simultaneidade. Sob esse ponto de vista, é necessário se considerar o enquadramento das imagens, os cortes, as cores, a aparência do conjunto e dissoluções, ou seja, a montagem permite a recombinação de elementos para a criação de sentidos. Além do mais, a justaposição desses itens manipulou o tempo e o espaço, criando sequências tematicamente relacionadas, que não existiam anteriormente. Esses elementos, conforme DALEY (2010, p. 48) são “estratégicos para a construção do significado, assim como advérbios, adjetivos, parágrafos, orações, analogias e metáforas o são para textos”.

Todo esse panorama ainda aponta para o quanto os sujeitos recorrem frequentemente à imagem no dia a dia. Do ponto de vista funcional, os diferentes usos das imagens na vida social ressignificam o mundo de maneira menos utilitária, confirmando seu caráter. De acordo com BELMIRO (2000, p. 14), a imagem também permite a contiguidade física do signo com seu referente, constituindo-se num “conjunto de significado do todo social”.

### **1.1 Cibercultura e gêneros digitais**

O uso das tecnologias digitais levou a formas comunicativas revolucionárias e a gêneros originais. Desse modo, provenientes das inovações tecnológicas, os gêneros digitais surgiram das necessidades e das atividades socioculturais no novo panorama (PEREIRA, 2012).

Diferenciando-se da cultura do papel, a cibercultura produziu novas organizações textuais e configurações visuais que modificaram a relação entre texto e leitor (PEREIRA, 2012). Sob esse ponto de vista, Ribeiro (2013) afirma que hoje muitas composições já nascem verbo-visuais, ou seja, são constituídas por palavras e imagens desde sua origem. Nessa perspectiva, as produções são concebidas a partir de um projeto textual e gráfico, que demanda de seus leitores uma ação, que é uma performance sustentada pelas noções de como os textos são delineados. Longe de fortuita ou ingênua, esse contato serve de matéria-prima para aqueles que também produzem.

Ao contrário dos gêneros tradicionais, os gêneros digitais integram uma série de símbolos e formatos de mídia múltipla, incluindo ícones, símbolos animados, áudio, vídeo, tabelas interativas e ambientes de realidade virtual. Nesse contexto, a aquisição da leitura e da escrita crítica é central para novas aquisições no cenário digital, que são múltiplas, multimodais, multifacetadas e dêiticas<sup>4</sup> (LEU *et al.*, 2013; ROWSELL *et al.*, 2013). Enquanto tecnologia, a internet determina um aprendizado dentro de uma comunidade global, exigindo novas capacidades para que os sujeitos possam acessar totalmente seu potencial (MARCUSCHI, 2005).

No entanto, Belmiro (2000) alerta que, mesmo que as imagens ordenem a maneira dos indivíduos perceberem o mundo que os cerca, muitas vezes, eles não possuem um aprendizado sistematizado de seus modos de leitura, isto é, desconhecem como se organizam os

---

<sup>4</sup> São chamados de dêiticos, as palavras ou expressões que funcionam como elementos linguísticos de coesão de um texto. Os dêiticos ainda indicam participantes de uma situação enunciativa, bem como o lugar ou o tempo em que certo enunciado é produzido. Disponível em <<https://www.estudopratico.com.br/deixis-referencia-deitica-o-que-e-e-para-que-serve/>> Acesso em 7 fev. 2019.

componentes de uma imagem, como enquadramento, corte, distância, ângulo, seleção ou não de cor, textura.

Referindo-se a práticas de comunicação, as possibilidades que surgiram com as tecnologias digitais são bastante diferentes daquelas que existiam há 40 anos. Na atualidade, os sujeitos clicam, seguem e leem *hiperlinks*; comunicam pelas redes sociais e produzem textos utilizando telas de navegação, rolagem e digitalização em vários sites. Nesse sentido, um usuário proficiente da internet é aquele que entende como construir significado de novas maneiras, manipulando e fazendo *upload* de suas próprias informações ou adicionando dados ao constante crescimento que define a internet (LEU *et al.*, 2013; ROWSELL *et al.*, 2013).

Além do mais, tornou-se cada vez mais imperativo utilizar as tecnologias digitais para interagir e colaborar com os outros. Nesse cenário, a fim de resolver problemas, os indivíduos além da capacidade de reunir, compreender, analisar, avaliar, sintetizar, relatar informações e ideias, precisam criar textos impressos e não impressos em mídias antigas e novas. Se, de um lado, os contextos sociais moldam a função e a forma das práticas letradas; por outro, são moldados por elas. Embora as tecnologias não criem gêneros, seus usos interferem nas atividades comunicativas cotidianas (LEU *et al.*, 2013; ROWSELL *et al.*, 2013).

Salienta-se ainda que os indivíduos ao buscarem *hiperlinks*, cores e imagens, encontram, diferentes formas de informação em todo tipo de gênero (LEU *et al.*, 2013; ROWSELL *et al.*, 2013). No entanto, muitas vezes, o enquadramento crítico é um ingrediente ausente nesse consumo.

## **1.2 As práticas sociais no ciberespaço**

As práticas sociais de escrita e de leitura têm sido usadas para os mais distintos fins e nas mais diversas situações interacionais. Como essas práticas são mediadas e concretizadas por gêneros orais, escritos e visuais, de acordo com Rojo (2009), as tecnologias digitais trouxeram para os eventos da cultura novas nuances relacionadas ao prestígio, modos de publicação e circulação.

Nesse cenário, a escrita e leitura não estão mais voltadas exclusivamente para a escolarização e erudição. Segundo Euzébio e Cerutti-Rizzatti (2013), essas práticas são eventos sociais que acontecem tanto em contextos institucionais como em não formais. Simultaneamente, Xavier (2005) entende que as práticas sociais levam ao estudo do gênero com a finalidade de conhecer sua produção, utilização e acomodação. Almeida e Almeida (1999) acrescentam que, para auxiliar na construção do conhecimento, o objeto digital possui

benefícios explícitos, principalmente por utilizar as tecnologias intelectuais, que amplificam as funções cognitivas humanas por formas digitais de memória, imaginação, percepção e raciocínio, permitindo novos acessos às informações e estilos de raciocínio e conhecimento.

Entendendo ainda que as práticas sociais comportam em si a linguagem visual, Belmiro (2000, p. 16) esclarece que, por sua natureza mediática, uma imagem é representação: o que se vê é “tradução de um modo de organização do olhar”, que cria modos de apropriação do visível, influenciado pelas inovações técnicas, numa lógica presa “a um conjunto de fatores históricos, sociais, científicos”.

Como as tecnologias digitais reorganizaram os espaços de produção e recepção dos produtos da cultura escrita, o uso da variedade escrita se modificou, deixando de ser considerado um conjunto de habilidades individuais para abarcar os expedientes socioculturais contextualizados historicamente (SOARES, 2002; XAVIER, 2005).

Desse modo, se as práticas se caracterizam enquanto base do *iceberg*, envolvendo valores, atitudes, sentimentos e relações sociais; os eventos são sua ponta, possuindo papel e definindo-se como episódios observáveis resultantes das práticas. Se as práticas estão associadas às regras reguladoras do uso e compartilhamento das produções, indicando quem as produz e quem tem acesso a elas; os eventos estão relacionados às rotinas, ora dando início a procedimentos formais de instituições sociais, ora instituindo-se em vivências informais, originadas do ambiente doméstico (HAMILTON, 2000; EUZÉBIO e CERUTTI-RIZZATTI, 2013).

Ora, os eventos envolvendo as práticas sociais possuem quatro elementos visíveis: participantes, ambientes, artefatos e atividades. Desse modo, os participantes são os indivíduos que interagem com a produção; os ambientes relacionam às ocorrências concretas nas quais a interação advém; os artefatos correspondem às ferramentas envolvidas na interação e, finalmente, as atividades equivalem às ações concretizadas pelos participantes na prática social. Considerando esse entendimento, as práticas sociais agregam tanto instituições formais como aspectos da vida cotidiana não regularizados por procedimentos formais (HAMILTON, 2000; EUZÉBIO e CERUTTI-RIZZATTI, 2013). É nessa conjuntura que surge o meme da internet, cerne desta pesquisa.

Salienta-se ainda que o meme da internet pode oferecer elementos para compreender aspectos do convívio social (BARRETO, 2015), já que suas postagens, associadas a comentários, são maneiras de comunicação que permitem a formação de diferentes comunidades virtuais (RECUERO, 2007). Por conseguinte, o estudo desse fenômeno pode

auxiliar na compreensão das identidades, relações e valores que circulam no ciberespaço. Ademais, faz-se necessário saber com que ferramentas esses artefatos são produzidos e quais seus efeitos. Nessa perspectiva, o meme não se configura como um produto neutro, já que o contexto determina o modo de os sujeitos o utilizarem em suas práticas sociais (ESCALANTE, 2016).

Por certo, quem lê ou produz um meme da internet não possui apenas habilidades voltadas para a linguagem escrita, domina também a linguagem oral e a imagética (ESCALANTE, 2016). E, como uma representação do real, as imagens presentes nas peças evocam uma narrativa, já que compõem analogias que criam enredos (BELMIRO, 2012).

Diante disso, se a proliferação desse artefato reúne os sujeitos em torno de interesses comuns em diversas esferas da vida (BARRETO, 2015), a finalidade desta investigação é identificar quais práticas comunicativas são realizadas com a utilização do meme na *fanpage* Estadual Central.

Isso não quer dizer que todos os sujeitos obterão conhecimentos com o meme da internet; mas, em algum momento, ele poderá incitar a curiosidade de alguém que não tenha conseguido entender de imediato seu código. Aliás, ESCALANTE (2016, p. 93) alerta que a leitura de um meme envolve “saber ler, saber em qual língua o meme está escrito, conhecer as referências culturais que estarão presentes nele, saber manusear o aparato técnico em que ele está exposto etc.”.

Como já dito, o meme da internet se organiza num sistema verbo-visual, entretanto, muitas vezes, as peças não dependem de um texto-fonte, exibindo imagens que possuem autonomia suficiente para seu entendimento (BELMIRO, 2012). Embora a escrita de uma peça não precise adotar a norma culta da língua, exige dos usuários outras habilidades como utilizar *softwares* de edição e familiaridade com a plataforma usada.

### **1.3 A genealogia do meme da internet**

Apesar de o termo meme parecer contemporâneo, ele surgiu muito antes da popularização da internet. Como já mencionado anteriormente, o primeiro a usar a expressão foi Richard Dawkins em *O gene egoísta*. Na obra, o etólogo teoriza a evolução das espécies pelo ponto de vista do gene, fazendo uma analogia entre evoluções culturais e genéticas para fundamentar sua conjectura. Dawkins (1978), ao definir o meme como um replicador de comportamentos, mostrou que melodias, *slogans*, moda de vestuário, ideias ou parte delas, ou

seja, tudo que propagava de um cérebro para outro, por meio da imitação, era considerado meme. Para completar, afirmou que a vida de um meme era determinada pelo tempo que conseguia se multiplicar, por sua aceitação e pela capacidade de mutação contínua.

Em decorrência dessas formulações, Dennett (1998) entendeu o meme como pacotes de informação com atitude, que dependia de um ambiente sociocultural para ter sua capacidade de replicação ampliada. Assim, como o DNA é transmitido pelo gene, o meme é transmitido por diferentes mídias. E, num jogo metalinguístico infinito, mídias são criadas pelos sujeitos para replicar memes (BLACKMORE, 2002). É no final da década de 90 que surge o meme da internet como o conhecemos atualmente: difusor de ideias e forma de comunicação. O fenômeno, na época, era caracterizado principalmente por vídeos excessivamente compartilhados nas redes sociais.

Apresentando outras ponderações, Jenkins (2010) afirma que, na cultura participativa, a metáfora da infecção não é a melhor maneira para se explicar como o meme da internet se espalha. Dito de outro modo, diferente do que acontece numa infecção, em que se observa um distúrbio das funções de um órgão, a transmissão de um meme indica que “alguém”, diante de um conhecimento, normalmente com humor, reflete suas práticas e relações sociais, tecnológicas, textuais ou econômicas. Para o autor, a metáfora da infecção falha ao desconsiderar a complexidade dos processos culturais comunicativos, associando o meme a um agente patogênico, que mata os sujeitos hospedeiros. Além disso, Jenkins (2010) acrescenta que as ideias apenas sobrevivem porque conseguem ser transformadas, reaproveitadas ou distorcidas ao passarem por uma variedade de indivíduos.

Sem abordar as diferenças entre meme e meme da internet, FONTANELLA (2009, p.8) entende que o gênero, originado de determinados “aspectos sociais, culturais, temporais, espaciais”, refere-se a “ideias, jogos, brincadeiras, piadas ou comportamentos” que se alastram por sua replicação de maneira massiva. Além disso, esse fenômeno é uma performance significativa pela qual os sujeitos podem criar ou manter identidades individuais e coletivas (BENWELL e STOKOE, 2006; BARRETO, 2015).

Isso exposto, não se pode falar em meme, sem mencionar seu veículo de comunicação. Nesse cenário, a internet tornou-se o local mais fecundo para esse artefato da cultura popular, que ao incorporar elementos como o *remix* e o humor, ridiculariza ideologias, influenciando redes de contato. Se de um lado, o *remix*, associado à cultura popular, indica uma versão alternativa da obra original, que foi alterada ou recombina para outro contexto; de outro, o

humor, atributo reiterado, permite de forma inesperada se descobrir outro sentido do texto (CHAGAS, 2016).

A princípio as tecnologias digitais possibilitaram que os sujeitos se apropriassem mais facilmente dos produtos de entretenimento. Nesse sentido, o meme da internet exige dos indivíduos conhecimentos de diferentes campos, ou seja, para compreender seu conteúdo, é necessário ser capaz de combinar criticamente diferentes recursos visuais em diversos gêneros do discurso (ESCALANTE, 2016). Assim, reiterando a importância dos usuários na cultura participativa e como usam seu tempo livre de modo colaborativo (SHIRKY, 2011), mais que um ato criativo que acumula preferências individuais, a produção desse artefato abarca questões sociais, já que exige dos sujeitos saberes necessários para compreendê-lo.

#### 1.4 Taxonomia do meme da internet

Retornando às origens do fenômeno, entende-se que Dawkins (1978) ao construir o conceito de meme apontou como características inerentes ao gênero: a fidelidade à ideia, a longevidade e a fecundidade. Sem descartar esses princípios, mas considerando as influências das tecnologias digitais, Recuero (2007) viu a necessidade de avaliar o alcance que as peças possuíam na rede. Conforme a autora, a propagação de um meme da internet está diretamente relacionada ao capital social de alguns sujeitos. Em outras palavras, a influência, a popularidade e o poder de autoridade de determinados atores sociais em suas comunidades *on-line*<sup>5</sup> são fatores para se compreender como os intrincados se alastram.

Inicialmente o meme da internet possui uma natureza hipertextual, pois a construção de seu sentido exige a articulação de conhecimentos prévios vindos de diferentes fontes. Nesse sentido, Coscarelli (2006), ao abordar as características dos gêneros digitais, mostra que a estrutura de um texto desempenha uma função relevante na apreensão de seu significado, assim sendo nenhum texto é linear e sempre faz referência outro, ou seja, a intertextualidade é um traço indicativo dos textos por lidar com dimensões lexicais, morfossintáticas e semânticas.

Outra propriedade intrínseca do meme da internet é a intertextualidade, já que é visto como: a) item digital com características semelhantes de conteúdo, forma e postura; b) peça criada pelos usuários com conhecimento em outras peças; e c) objeto imitado, transformado e

---

<sup>5</sup> O termo comunidade *on-line* designa um grupo fechado de pessoas que se relacionam, tendo como suporte uma rede social, pelo fato de possuírem aspirações, hábitos e comportamentos semelhantes. Disponível em <https://www.institutoqualibest.com/artigos/comunidade-online/>. Acesso em 30 abr. 2019.

distribuído pela internet (SHIFMAN, 2014). De acordo com Escalante (2016), o meme está impregnado de intertextualidade, demandando de quem o interpreta vários saberes. A autora ainda acrescenta que a partir de uma unidade de imitação se pode compreender não apenas tendências culturais, mas a essência da cultura participativa, que compartilha, imita e *remixa*.

Nessa perspectiva, as personagens já conhecidas por aqueles que compartilham meme da internet representam circunstâncias particulares, estando, muitas vezes, vinculados a comunidades virtuais específicas. Conforme Barreto (2015), uma unidade de imitação não desconsidera a competência cognitiva dos sujeitos, sendo sua evolução garantida pela seleção que os indivíduos fazem, ou seja, é a preferência por determinada peça que garante sua vida útil.

Salienta-se ainda que a disseminação de uma peça depende do quanto o contexto cultural é diversificado; da utilização das redes sociais; do modelo que permita a possibilidade de explorar nichos; da cultura participativa incentivando a reapropriação; e do acesso à tecnologia para a produção e consumo (JENKINS, 2009; BARRETO, 2015).

De fato, à teoria do meme não cabe previsibilidade, ou seja, ele pode ser transmitido durante muito tempo ou desaparecer rapidamente. Sua evolução dependerá da capacidade de mutação potencializada pelo *remix* da cultura *pop*, que cria um tipo de diálogo entre o momento histórico, a finalidade da produção, a ideologia subjacente e os significados por trás do fenômeno (CHAGAS, 2016).

Nesse sentido, para compreender como um meme da internet influencia determinada rede social é necessário entender suas particularidades. Em decorrência dessas qualidades, quanto à fidelidade, relaciona-se a retenção dos atributos originais de uma peça. Nesse preceito, de acordo com Recuero (2007), o meme da internet é classificado em: a) replicador, aquele que apresenta variação reduzida, sendo sua função básica informar um fato específico; b) metamórfico, aquele que se presta ao debate, incitando à interação, é modificado e reinterpretado quando propagado; c) mimético, aquele que sofre recombinações, mas é facilmente percebido como imitação, sua essência está na personalização. Quanto à longevidade, associa-se ao tempo de sobrevivência de uma peça, ou seja, sua chance de se replicar. Nesse critério, o meme é considerado: a) persistente, aquele que é replicado durante um grande espaço de tempo, enquadra-se também aquele que desaparece por um tempo, mas volta a se replicar; b) volátil, aquele que é esquecido rapidamente ou torna-se uma nova peça. Quanto à fecundidade, agrega-se a quantidade de replicações de um meme e sua velocidade. Nessa classificação, ele se enquadra em: a) epidêmico, aquele que se alastra largamente por

várias redes sociais; b) fecundo, aquele que se espalha por grupos menores. Quanto ao alcance, percebem-se os tipos de nós que uma peça atinge. Nessa categoria, é catalogado em: a) global, aquele que alcança nós distantes entre si numa rede social específica, não possui uma conexão direta entre os sujeitos; b) local, aquele propagado por indivíduos que estão próximos e interagem frequentemente.

Uma vez que as unidades de imitação disseminadas dentro de uma comunidade virtual possuem aspecto agregador, os comentários tecidos a partir deles proporcionam o estreitamento dos vínculos sociais, diminuindo as distâncias sociais e instituindo outros grupos. Esse capital social reunido por essas comunidades é estimulado pelas diversas postagens, que convergem o estado afetivo de um indivíduo aos estados afetivos daqueles com quem dialoga. Nesse aspecto, o meme da internet está ainda imbuído de valor simbólico, já que representa a encenação que transmite determinadas ideologias culturais (RECUERO, 2007; BARRETO, 2015).

A classificação do meme da internet ainda pode ocorrer de acordo com seu conteúdo ou intenção comunicativa. De acordo com Shifman (2014), um meme pode ser: a) persuasivo, peça publicitária que incorpora o discurso do convencimento; b) de ação popular, frase de efeito, que indica um comportamento coletivo repetido ou pose de foto, que se replica em situações e cenários diferentes; c) ou de discussão pública, peça de informação que incorpora referências intertextuais e humor crítico.

O meme persuasivo, considerado mais institucional, possui retórica propositiva, crítica ou ético-moral. Há nele apelo emocional e ideológico, que apela ao pragmático e à credibilidade da fonte. No meme de ação popular, a conexão é híbrida e o engajamento relativo. Nesse caso, a atuação coletiva é tradicional, sendo as redes administradas por organizações. Já o meme de discussão pública recorre ao lugar-comum da política. Ele traz gracejos sobre personalidades, mostra alusões literárias, apresenta piadas situacionais ou incorpora elementos do humor. Para que um meme de discussão pública seja compreendido, é necessário que o interlocutor tenha informações prévias do assunto, seja capaz de apreender vários significados de uma palavra em determinado contexto, identifique o uso das palavras com significados opostos e perceba o emprego de significantes semelhantes com significados diferentes (CHAGAS *et al.*, 2014).

Quanto mais se avizinha do meme de discussão pública, mais se aproxima do discurso humorístico. O oposto acontece quando se acerca do meme persuasivo, que traz a ação e o engajamento político como institucionalização. No meio termo, está o meme de ação popular. Desse modo, entende-se o *slogan* de uma campanha política como meme persuasivo; já um bordão ou uma *selfie* são considerados de ação popular. Por fim, um intricado que apresenta

uma reação a situação específica é identificado como de discussão pública (CHAGAS *et al.*, 2014).

Acrescenta-se a isso que a comunicação, na internet, apenas foi possível com a invenção de linguagens com gramáticas específicas que fundissem elementos gráficos, fonéticos e estéticos. Nessa direção, é preciso considerar ainda, entre outros elementos, o internetês, linguagem cibernética, que demarca a maneira de expressar própria dos internautas, combinando elementos da oralidade, símbolos, ícones e abreviações, tanto para agilizar a comunicação teclada, como para expressar sentimentos ou acrescentar humor. De acordo com SALES (2010, p. 90), o internetês configura-se como uma maneira de demarcar a subjetividade na cibercultura, oportunizando aos usuários a criação de “seus próprios produtos culturais”. Logo, apesar de possuir uma linguagem simples à primeira vista, o meme da internet vincula singularidades de diversos campos do saber, instigando novas práticas sociais que envolvem aprendizado, leitura e escrita.

### **1.5 Meme da internet enquanto artefato cultural**

A cultura se constitui num processo singular e plural concomitantemente (GEERTZ, 1989). E, no que se refere a meme da internet, ainda é necessário ressaltar a ideia que ele se configura enquanto artefato cultural; já que, além de propiciador de práticas sociais de comunicação, é objeto carregado de sentidos, que são ressignificados e transformados de acordo com o contexto (CASTELLS, 2004). Ademais, o artefato cultural é caracterizado pelo uso, tornando-se marco de alguma aprendizagem (CERTEAU, 1994).

Desse modo, uma canção, um noticiário de televisão, um enredo de filme ou um meme da internet são muito mais que manifestações culturais e/ou gêneros do discurso, são artefatos que identificam um público. Aliás, essa identificação, de acordo com ROCHA (1995, p. 194), “busca um padrão de comportamento, estilo de vestuário, habitação, arte, tecnologia, lazer, como usar os mesmos objetos, definir as mesmas práticas do sexo, de culinária, do mobiliário, da espacialização e da organização das cidades”.

Assim, considera-se artefato cultural todo produto da ação humana que traz dados sobre a cultura de seu criador e usuários. De acordo com Certeau (1994), pelo estudo das representações e dos comportamentos de uma sociedade, é possível delimitar a lógica de quem consome objetos sociais. Embora possa mudar no decorrer do tempo, o artefato cultural é carregado de valores e ideologias de seu produtor.

Se os sujeitos se apropriam da matéria transformando-a em objetos culturais, constata-se que, na contemporaneidade, esses objetos são o resultado das relações estabelecidas entre sociedade, cultura e tecnologia. Além do mais, percebe-se que essas relações apenas são constituídas mediante ideias e modos de pensar (FARIA e MOURA, 2008).

É necessário ressaltar que o meme da internet não reflete fidedignamente o que está nele representado, sendo um ponto de vista entre muitos do que possa existir. Logo, as peças apresentam graus de confiabilidade relacionados ao contexto que foram produzidas. O meme enquanto artefato cultural, expõe marcas que mostram traços da realidade, informando sobre atitudes e valores de um período determinado. Conforme declara LÉVY (1999, p. 24), “Por trás das técnicas, agem e reagem ideias, projetos sociais, utopias, interesses econômicos, estratégias de poder, e toda a gama dos jogos dos homens em sociedade”.

Desse modo, já que permite a troca de percepções entre os jovens, o meme da internet ainda pode ser entendido como “veículo de comunicação” que, por meio do contato, medeia as relações dos usuários com o espaço e o tempo (FARIA e MOURA, 2008).

Como cada indivíduo influencia e é influenciado pelos outros mediante negociação para se resolver diferenças, não se pode conceber a interação humana simplesmente como um mecanismo de ação e reação. Nesse sentido, a comunicação humana ultrapassa as trocas verbais, já que a interação é percebida pela relação de interdependência entre os sujeitos (BERLO, 1991). A interação não envolve apenas pessoas, uma vez que os eventos, ações e comportamentos estão inter-relacionados à criação, conservação e término de relações num determinado contexto socio-temporal (PRIMO, 2000).

No decorrer desse capítulo, o meme da internet foi compreendido em relação aos acontecimentos culturais e sociais que o cercam. Essa seção também mostrou a existência de teorias que abarcam o problema de pesquisa apresentando concepções sobre práticas sociais na contemporaneidade. No próximo capítulo, concepções sobre cibercultura, cultura escolar e juventude são revisitadas.

## **2 JUVENTUDE E CULTURA ESCOLAR: AS COMPLEXAS RELAÇÕES ESTABELECIDAS ENTRE JOVENS E ESCOLA**

Na contemporaneidade, a maior parte das experiências dos jovens é mediada pelas tecnologias digitais (SALES, 2010). Assim, se de um lado, a cultura escolar, muitas vezes, não valoriza os conhecimentos adquiridos pelos jovens, condenando seu gosto musical, seu modo de vestir, maneira de comunicar e comportamento (DAYRELL, 2007); de outro, operando simultaneamente com a linguagem verbal e visual, as comunidades *on-line* incorporam os saberes juvenis aos vários elementos midiáticos (SALES, 2010).

Mesmo que muitos jovens reajam aos padrões de poder e à ordem estabelecida, usando a dimensão simbólica e expressiva como modo de comunicação e como maneira de se posicionar diante da sociedade (DAYRELL e CARRANO, 2014), ainda são tratados pela maioria dos adultos como seres ausentes ou inferiores (DAYRELL, 2007). Logo, numa sociedade em que o mérito é o principal rito de passagem, muitos jovens são vistos como preguiçosos e pouco esforçados (ARROYO, 2014), sendo condenados por tratarem com descaso os compromissos escolares ou por se envolverem em demasia com seus aparelhos eletrônicos.

### **2.1 Cultura escolar e juventude**

A cultura faz parte da condição humana, sendo produto significativo de suas ações. Para Geertz (1989), ela não pode ser entendida como uma ciência experimental à procura de leis, mas deve ser vista como uma ciência interpretativa à procura de significados. Extrapolando fatos sociais, comportamentos, instituições ou procedimentos, a cultura está relacionada a um contexto. Aliás, a cultura perpassa ritos, linguagens, currículos, modos de organização e gestão escolares (SILVA, 2006).

Instituída em torno de um conjunto de normas e regras, a escola encobre uma miríade cultural, resultado de um processo mais amplo que acontece no cotidiano das relações sociais. Sob essa perspectiva, a instituição escolar está em constante construção social, criando uma trama de relações entre os sujeitos ao atribuir funções e hierarquizar espaços. Nesse contexto, já que muitos jovens veem a escola como ambiente de rotina enfadonha, o conflito entre instituição escolar e juventude se torna mais manifesto (DAYRELL, 2001-2007).

Apesar de reforçar mecanismos de adaptação e dominação, sendo a “principal instituição da sociedade, responsável pela educação formal dos indivíduos” (SILVA, 2006, p.

203), a escola se apresenta como espaço e tempo de experiências juvenis (DAYRELL, 2007), abarcando não apenas as relações ordenadas conscientemente, mas todas que resultam de sua existência como grupo social (CANDIDO, 1964). Apesar de possuir normas e regras que unificam e delimitam a ação de seus sujeitos, é espaço intrincado de interações, com identidades e estilos diversos.

### *2.1.1 A cultura escolar*

Um dos desafios da escola contemporânea é lidar com a indisciplina. As questões envolvendo jovens vão desde a maneira de eles se vestirem aos comportamentos agressivos, sejam verbais ou físicos, com seus iguais ou com seus professores (DAYRELL e CARRANO, 2014).

Apesar disso, os jovens com seus interesses e motivações diferentes dos adultos, não só criam sentidos próprios para aquilo que vivem, como transformam o espaço social. Desse modo, o espaço além de servir como mediação para relações sociais juvenis, funciona como ancoragem para a memória individual e coletiva. Assim, no ambiente escolar, se a relação com o tempo é marcada pelo cumprimento aos horários e pela exigência de pontualidade; fora da instituição, muitas vezes, predominam aleatoriedade, a experimentação e os sentimentos compartilhados (DAYRELL e CARRANO, 2014).

Ao permanecerem juntos na escola, os jovens estabelecem uma conexão interna, buscam reconhecimento entre seus pares e criam uma rede de interdependências, que gera acordos informais e expectativas de comportamentos. Aliás, ao mesmo tempo que se interessam (ou não) pelos assuntos da escola, os jovens com seu estilo e linguajar próprio constroem sua experiência. Logo, não pode se desconsiderar os sentidos que o jogo social constrói para o aprendizado escolar. Para REZENDE, FERREIRA e VARGAS (2014, p. 322-323), a escola é também “local de sociabilidade, de encontro, de construção de identidades e imagens de si, de aprender a burlar regras, de escapar ao controle adulto, de criar um espaço de autonomia e construção próprios”.

Configurando-se como instituição com cultura própria, a escola é lugar “de encontro de experiências sociais, de indagações, de leituras de mundo e de si no mundo que exigem ser reconhecidas e sistematizadas” (ARROYO, 2014, p. 159). De acordo com Chervel (1988) esses elementos se materializam a partir dos atores, que são os gestores, professores, alunos e famílias; dos modos de comunicação; da organização escolar e sistema educativo e dos comportamentos que se consolidam durante um período.

Embora a escola reproduza o processo de produção e apropriação de saberes, ela ainda não é um local em que se armazenam saberes. Conforme VIÑAO FRAGO (2000, p. 100), a cultura escolar caracteriza-se pelo “conjunto de práticas, normas, ideias e procedimentos que se expressam em modos de fazer e pensar o cotidiano da escola”, que é aceito, compartilhado e interiorizado pelos sujeitos para que as atividades diárias sejam desempenhadas. FORQUIN (1993, p. 167) acrescenta que o mundo da escola é caracterizado por “seus ritmos e ritos, sua linguagem, seu imaginário, seus modos próprios de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e de gestão de símbolos”.

Mesmo que o perfil das comunidades escolares tenha mudado nos últimos tempos, seus rituais continuam semelhantes aos de décadas passadas (TEIXEIRA, 2014). Tudo isso leva a pensar a necessidade de um diálogo entre as gerações no cotidiano escolar, já que muitos conflitos entre os jovens e as instituições são causados por não se conseguir compreender os contextos não escolares (VIANA, 2014).

Vale dizer ainda que existem instituições escolares que desconsideram a diversidade real dos jovens, reduzindo suas diferenças aos âmbitos da cognição ou ao comportamento. Como exemplo, ignorando as diversidades socioculturais, o uniforme escolar, padrão de vestimenta que identifica os estudantes de uma certa instituição de ensino, vem consagrar o tratamento homogeneizante dispensado ao jovem. Para DAYRELL (2001, p. 140) o jovem precisa ser compreendido “na sua diferença, enquanto indivíduo que possui uma historicidade, com visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, com lógicas de comportamentos e hábitos que lhe são próprios”. Aliás, em geral, as escolas não ponderam sobre as experiências e relações anteriores ou paralelas vividas e estabelecidas pelo jovem.

Pelos pátios, corredores, salas de aula, o convívio das pessoas é materializado e normatizado, mostrando que a escola é um espaço basicamente coletivo. Ao cruzarem o portão da instituição, os jovens assumem um papel diferente do que desempenham na família, no trabalho, onde moram, entre os amigos. No entanto, segundo DAYRELL (2001, p. 153), esse papel não é dado, é construído a partir da “tradição familiar, em relação com a escola, e com suas experiências pessoais em escolas anteriores”. O autor entende a escola como construção social, caracterizada pela relação entre “os programas, currículos oficiais, normas e legislações” e os “resultados da ação praticada pelos atores envolvidos no desenvolvimento desses programas”.

Nesse ambiente marcado pelo conflito de interesses, de um lado, existe uma organização oficial do sistema, que hierarquiza o espaço com o objetivo de distinguir as funções e; de outro,

gestores, professores, alunos, funcionários e família, que produzem um enredo de interrelações. Desse modo, segundo SILVA (2006, p. 211) “os muros escolares, o pátio escolar, a separação arquitetônica das salas de aulas” constituem um “modo de vida e civilização e de semiologias capazes de desconstruir e codificar elementos que expressam um sistema de intenções, valores e discursos”.

Em contrapartida, percebe-se que fora da escola, os alunos, interpretando de forma particular os elementos simbólicos da sociedade, associam-se a grupos sociais que compartilham uma mesma concepção de realidade (DAYRELL, 2001). Apesar de todas as adversidades, de acordo com Dayrell (2001, p. 144), os jovens veem na escola

(...) o lugar de encontrar e conviver com os amigos; o lugar onde se aprende a ser ‘educado’; o lugar onde se aumenta os conhecimentos; o lugar onde se tira diploma e que possibilita passar em concursos. Diferentes significados, para um mesmo território, certamente irão influir no comportamento dos alunos, no cotidiano escolar, bem como nas relações que vão privilegiar.

A princípio, a função da escola é assegurar que os indivíduos tenham acesso aos conhecimentos acumulados pela sociedade. No entanto, esses saberes, reduzidos a produtos, a maioria das vezes não estabelecem relações com o que é vivenciado pelos alunos.

### 2.1.2 *Juventudes*

A juventude não compõe um grupo social homogêneo, por isso não se pode pensar os jovens desconsiderando a história e a cultura em que estão circunscritos. Como disse TEIXEIRA (2014, p. 20), “existem jovens e jovens, juventude e juventude, há juventudes”, ou seja, os eventos da juventude não são absolutos, existindo “vários pertencimentos e posicionamentos sociais”. Nas palavras de DAYRELL e CARRANO (2014, p. 114):

Esses indicadores sociais constituem-se numa forte evidência para a confirmação da noção de que as juventudes não são apenas muitas, mas são, fundamentalmente, constituídas por múltiplas dimensões existenciais que condicionam o leque de oportunidades da vivência da condição juvenil.

Em outras palavras, jovens de idades aproximadas vivem realidades distintas em decorrência de sua origem, condição social, acesso ao mercado de trabalho e a bens materiais e simbólicos (RAGGI, 2010).

No Brasil, embora o jovem seja reconhecido como sujeito de direito pela legislação, não conta com políticas públicas que assegurem sua cidadania plena. Logo se vive o paradoxo: cobra-se protagonismo, mas as ações da juventude não são legitimadas pelas instituições

sociais. Quando convidado a pronunciar a respeito das questões que o afetam diretamente, o posicionamento do jovem não é realmente considerado como válido e, por não ser adulto, tem suas vivências ignoradas. No imaginário dos brasileiros, ainda persiste a visão de uma “juventude-problema”, mas agora há um agravante: ao ser comparada à geração de 1968, é rotulada de alienada, não crítica e pouco envolvida em questões políticas (DAYRELL e CARRANO, 2014).

Apesar dessa adversidade, cada vez mais, os jovens brasileiros veem na música, na dança e no vídeo modos de comunicação. Sem dúvida, essas linguagens, enquanto mediadoras, permitem que eles se expressem, posicionando como produtores e não mais como simples fruidores. Sob esse aspecto, DAYRELL e CARRANO (2014, p. 117) argumentam que “em torno do mesmo estilo cultural podem ocorrer práticas de delinquência, intolerância e agressividade, assim como outras orientadas para a fruição saudável do tempo livre ou, ainda, para a mobilização cidadã em torno da realização de ações solidárias”.

Nesse contexto, dois aspectos precisam ser abordados: as diferenças temporais entre professores e alunos e as relações estabelecidas entre eles. Não é de se estranhar que entre adultos e jovens conflitos aconteçam; já que, nas relações de disciplinamento, é comum que os jovens enfrentem e confrontem os adultos e, muitas vezes, a maneira como eles se expressam diante de situações autoritárias é vista pelos adultos como transgressora ou rebelde. Isso leva a refletir se noções de disciplina e indisciplina sejam as mesmas entre eles (TEIXEIRA, 2014).

No entanto, não se pode deixar de considerar que a atual geração vem se informando, aprendendo e socializando-se em esferas diferentes das do século passado, como na internet. Além disso, os avanços das ciências sociais proporcionaram outra visão sobre crianças, adolescentes e jovens, compreendendo-os de acordo com suas especificidades (TEIXEIRA, 2014).

Desse modo, a cultura permite aos jovens a construção de identidades positivas sem a imposição social de identidades subalternas. Para DAYRELL e CARRANO (2014, p. 115) “o mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais onde os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil”. Assim sendo, apesar da reprovação de alguns pais, educadores e empregadores, os jovens buscam sua identidade, seu lugar, constituindo suas próprias culturas e modos de lazer. Dito de outra forma, ao fugirem da lógica mercadológica, mobilizando recursos culturais, os jovens constroem novas visões sobre si mesmos e do mundo que os cerca.

Sob esse ponto de vista, os elementos provenientes do meio sociocultural são subsídios para que a juventude crie suas próprias representações. Nessa perspectiva, não existe uma cultura única, já que os grupos de indivíduos vivenciam experiências particulares. No entanto, no Brasil, embora os espaços relacionados ao mundo juvenil, surgidos das mudanças socioculturais, mostrem-se mais democráticos, a escola ainda não conseguiu legitimar os diversos aspectos culturais da contemporaneidade (DAYRELL, 2000). Os jovens estão nas escolas, mas esses espaços não proporcionam um efetivo desenvolvimento de suas intelectualidades, não superando o “fazer pelo fazer” (VIANA, 2014).

Como fruto dos mais diversos contextos sociais e experiências de socialização, a juventude se constitui de múltiplas identidades. Sem os ritos de passagem e cada vez mais longe da autoridade paterna, os jovens reinventam seus caminhos, cruzando os limites impostos pela estrutura social. Sob esse aspecto, conforme DAYRELL e CARRANO (2014, p. 121), o exercício da participação é um contraponto que “pode propiciar aos jovens o desenvolvimento de habilidades discursivas, de convivência, de respeito às diferenças e à liderança, dentre outras capacidades relacionadas com o convívio na esfera pública”.

Nesse cenário, a participação dos jovens diz respeito à sua associação aos grupos criados nas diversas organizações da sociedade. Segundo Dayrell e Carrano (2014), esses espaços e tempos podem proporcionar uma experiência educativa, já que o engajamento participativo potencializa o processo de aprendizagem escolar, levando à melhoria da escrita ao estimular a capacidade de argumentação na defesa de um ponto de vista.

## **2.2 Cultura escolar e cibercultura**

A cultura perpassa todos os acontecimentos da vida humana, bem como suas representações. É a partir da cultura “que valores, regras, hábitos e modos de vida emergem e ganham sentido” (PAULA, 2009, p. 207). Sob esse aspecto, CHAUI (2014, p.72-73) acrescenta que um dos modos de instrumentalização da cultura é movido “pela educação, que age na reprodução de classes e sistemas ideológicos e no adestramento de mão de obra”. Aliás, a cultura perpassa ritos, linguagens, currículos, modos de organização e gestão escolares (SILVA, 2006).

Ora, os jovens que se encontram nas escolas, “vivendo as práticas curriculares; percorrendo as séries, ciclos e graus do ensino; atingindo supostos níveis de desenvolvimento; alcançando certas etapas; cumprindo ou transgredindo normas e regimentos”; também estão nas redes sociais, “construindo conhecimentos; aprendendo condutas, valores e comportamentos;

experimentando diversas práticas de sociabilidade; divertindo-se ou se indignando” (SALES, 2010, p. 51).

Assim sendo, a partir das relações estabelecidas por intermédio das tecnologias digitais, novas subjetividades são constituídas. Nesse cenário, essas tecnologias se constituem como elemento importante da cultura juvenil, sendo o ciberespaço seu *locus* privilegiado. De fato, como afirma SALES (2014, p. 234), a juventude conduz a vida numa relação simbiótica de posse com esses artefatos tecnológicos. Para essa geração nascida na era da internet, “símbolos compartilhados no ciberespaço geram significados e referenciam atitudes e posturas das pessoas tanto quanto sinais e gestos do encontro físico”.

No entanto, muitas vezes, nas instituições escolares, as práticas da cibercultura são pouco valorizadas, prevalecendo, conforme SALES (2014, p. 235), apenas o discurso que “jovens não leem, escrevem errado em decorrência da incorporação do internetês, não conversam, copiam tudo da internet sem refletir e ficam o tempo todo no computador”. Embora existam aqueles que demonizam o ciberespaço, qualificando-o como alienador da juventude, cada vez mais as expressões culturais juvenis, divulgadas pelas mídias digitais, são usadas como ferramentas que facilitam a interlocução entre os jovens (SALES, 2014).

Dessa maneira, como produção interativa da cultura, o meme da internet pode formar representações coletivas. Espirituoso e popular, o meme diz do cotidiano das pessoas, exigindo delas uso competente em suas práticas sociais (CHAGAS, 2016). Nessa direção, para se construir significados, é necessário que o leitor seja capaz de identificar o gênero a partir do suporte e das categorias formais que o organizam, entender como se encadeiam suas sequências tipológicas e estabelecer coerência pelas escolhas léxicas utilizadas (COSCARELLI, 2006). Logo, a construção completa do sentido de uma peça apenas será percebida pelas marcas linguísticas que sinalizam as relações temporais, espaciais e referenciais.

Como as primeiras charges que, no final do século XIX, “traziam personagens emblemáticos que refletiam, de forma cômica, situações políticas e sociais” (VIANA, 2014, p. 263), hoje o meme da internet carrega essa mesma tendência de relacionar as questões do cotidiano aos aspectos sociopolíticos. Ademais, as linguagens culturais “evocam sentidos estéticos, políticos e éticos”, apresentando suas concepções particulares. Em outras palavras, as culturas “nascidas na modernidade e na pós-modernidade, no entrecruzamento da industrialização, da urbanidade”, como o *punk*, o *hip hop*, o *reggae*, o *funk*, os grafites, os quadrinhos e o *rock*, romperam com “os modos convencionais de expressão, ampliando seus suportes, técnicas e conceitos” (VIANA, 2014, p. 251).

Nesse sentido, o meme da internet oportuniza experiências intelectuais que levam a refletir os contextos histórico, político, social em que foram produzidos. Assim, não se pode ter uma visão reducionista desse produto cultural, que perpassa instituições formais, mesmo tendo surgido fora delas. Isso não quer dizer que se deva escolarizar essas expressões culturais, mas recorrer a elas para construir e compartilhar novos saberes (VIANA, 2014).

### 2.3 Juventude e cibercultura

Incorporadas às práticas mais corriqueiras do dia a dia, as TDCI provocaram mudanças nos modos de organização do conhecimento, visibilidade dos indivíduos e instituições sociais e negociação entre eles. Entre os jovens, por exemplo, as redes sociais estabeleceram um novo modelo de condutas e comportamentos distintos (SALES, 2014).

Nesse cenário, diante dessas novas formas de interação social, os jovens se sentem coagidos a estar conectados todo o tempo para existirem entre os iguais (SALES, 2014). E, se de um lado, o uso excessivo dos artefatos tecnológicos causa o risco de dependência; de outro, não os possuir ou ficar ausente das redes sociais é sinônimo de exclusão (SOUSA e LEÃO, 2016).

Foi pelo Orkut que brasileiros começaram a ocupar o ciberespaço, familiarizando com os elementos da cibercultura. No Brasil, a rede teve mais de 30 milhões de usuários, porém com a chegada do Facebook e do Instagram, foi perdendo pouco a pouco sua popularidade até encerrar suas atividades em 2014. O Facebook, rede social criada pelo programador e empresário estadunidense Mark Elliot Zuckerberg (mais quatro colegas), contou com mais de 2,13 bilhões de usuários ativos no mundo<sup>6</sup> em 2017, sendo que no Brasil esse número chegou a 127 milhões, no primeiro semestre de 2018<sup>7</sup>.

Sob esse ponto de vista, entende-se o ciberespaço como lugar privilegiado dos jovens. Lugar em que, com a utilização das tecnologias, eles norteiam seus comportamentos e experiências de vida. As redes sociais compõem um conjunto de sentidos para o entendimento do mundo, operando nas maneiras do jovem se comportar (KENWAY, 1998). Além disso, a juventude, ao utilizar cada vez mais a internet, tem construído novas maneiras de se comunicar

---

<sup>6</sup> Disponível em <https://link.estadao.com.br/noticias/empresas,facebook-chega-a-2-13-bilhoes-de-usuarios-em-todo-o-mundo,70002173062> Acesso em 2 jan. 2019.

<sup>7</sup> Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/07/facebook-chega-a-127-milhoes-de-usuarios-mensais-no-brasil.shtml> Acesso em 2 jan. 2019.

e relacionar-se, demandando aprendizagem constante das dinâmicas das redes (SALES, 2010; BARRETO, 2015).

Longe dos determinismos estruturais, a internet é o espaço de uso coletivo que permite aos jovens recriarem seu momento próprio de expressão. Essa sociabilidade ocorre entre um compromisso e outro, entre a família, a escola e o trabalho, no tempo ocioso e de lazer, nas andanças pela cidade (DAYRELL e CARRANO, 2014).

Não se restringindo a um espaço para se buscar informações, a internet tem ditado novos modos de sociabilidade, sendo local de compartilhamento de saberes e produção de conhecimento (KENWAY, 1998). A criação da internet permitiu que os indivíduos ao se tornarem membros de comunidades *on-line*, produzissem e distribuíssem suas produções culturais. Desse modo, o ciberespaço não apenas expandiu as relações sociais no espaço-tempo como diminuiu as fronteiras geográficas entre as pessoas. Dito de outra forma, as redes sociais transformam cada indivíduo em um ponto de interseção capaz de receber e enviar informações (REZENDE, FERREIRA e VARGAS, 2014).

De fato, é admirável como os jovens estão abertos aos apelos da mídia, realizando mudanças nos modos de conviver e expressar. Nesse cenário, as tecnologias digitais fazem parte do cotidiano dentro ou fora da escola, participando do processo de socialização e construção das subjetividades juvenis (BACCEGA, 2002). De acordo com Recuero (2008), na internet, entende-se por redes sociais, os agrupamentos estabelecidos por interações sociais que têm como suporte tecnologias digitais de comunicação. Para a autora, as redes sociais se sustentam a partir dos atores, que podem ser pessoas, instituições ou grupos e suas interações ou laços sociais.

Assim, pelas redes sociais, ao lidar com os conteúdos compartilhados, os jovens têm contato com várias temáticas, produzindo conteúdo, participando de discussões, republicando ou curtindo postagens. Mesmo que não atuem diretamente em determinada comunidade, eles estão inseridos num contexto que permite encontrar visões diferentes das divulgadas pelo senso-comum (REZENDE, FERREIRA e VARGAS, 2014).

Sob esse aspecto, o elemento principal das redes sociais são as pessoas (CASTELLS, 2003). Como criadoras, elas participam e moldam as estruturas sociais da rede mediante a interação e vínculos identitários. Ainda, as postagens nas redes sociais podem conferir *status* a seu autor (RECUERO, 2006). Nessa direção, as redes sociais são compreendidas como um conjunto de pessoas, instituições ou grupos e suas conexões, que ao se transformarem, por meio

de uma composição dinâmica, permitem adaptação e produção de comportamentos (BARRETO, 2015).

Na cibercultura, se o tempo real dificulta a ponderação, argumentação e o discurso bem construído, “o clique generalizado permite a potência da ação imediata, o conhecimento simultâneo e complexo, a participação ativa nos diversos fóruns sociais” (LEMOS e CUNHA, 2003, p. 3). Segundo LEMOS (2005, p. 2), esse cenário do “tudo em rede” tem como consequência “a rede em todos os lugares”, em todos os aparatos tecnológicos, que se tornam cada vez mais em “máquinas de comunicar”. De fato, o que se sabe do mundo e de si mesmo é herdado dos outros, ou seja, a identidade e a cultura de um grupo surgem da troca, das influências recíprocas e da cooperação (LEMOS, 2004).

Como se podia esperar, os comportamentos juvenis em relação à escola aparecem na cibercultura. Desse modo, as redes sociais fazem parte da cultura própria que deriva da escola, quando utilizadas para intermediar a comunicação entre estudantes e docentes, bem como a escola e suas experiências de aprendizagem estão nas redes sociais, quando comunidades *on-line* tematizam a instituição, utilizando determinados gêneros digitais (SALES, 2010; SALES, 2014).

## 2.4 Meme da internet e excedente cognitivo

Uma das vantagens das redes sociais virtuais é a possibilidade de acesso uns aos outros. Hoje as TDCI permitem que os indivíduos conectados, produzam, compartilhem e consumam informações, possibilitando que o tempo livre, a energia e o talento individuais sejam usados colaborativamente. A isso Shirky (2011) denominou “excedente cognitivo”.

Desse modo, os jovens, cada vez mais, têm usado alternativamente seu tempo livre e, embora os memes da internet, não pareçam um mecanismo de comunicação engajado à primeira vista, eles trazem um efeito positivo, não sendo simples humor. SHIRKY (2011, p. 22) reforça que “qualquer pessoa que veja um lolcat<sup>8</sup> recebe uma segunda mensagem correlacionada: “Você também pode brincar disto”. Essa é a grande “jogada” dos memes: entre não fazer nada e realizar algo é melhor efetivar alguma coisa.

Ademais, quando um indivíduo realiza uma determinada ação leva em consideração os meios (como), o motivo (o porquê) e a oportunidade (quando e com quem). Levar o outro a rir

---

<sup>8</sup> Lolcat é uma espécie de meme da internet que apresenta uma imagem digital de um ou mais gatos sobreposta a um texto frequentemente incomum e gramaticalmente incorreto. A palavra “lol” é a abreviação de “laughing out loud”, ou seja, rindo alto (ARAÚJO, 2012).

por intermédio de um meme da internet é uma atividade bem diferente de ser pago para fazer os outros rirem. Assim, de acordo com SHIRKY (2011, p. 31), “o excedente cognitivo não é apenas acumular preferências individuais”, já que coloca o tempo e os talentos coletivos para funcionar mutuamente.

Nesse cenário de baixos custos de visibilidade, as pessoas se dedicam a atividades que lhes permitam encontrar outras pessoas e interagir. No entanto, elas não usam esse acesso público para alcançar mais audiência, mas para alcançar outros indivíduos como elas mesmas. Dito de outro modo, as pessoas buscam experiências que as recompensem e reagem quando lhes são oferecidas falsas versões de participação. Os sujeitos não buscam as redes sociais por si sós, eles querem aquilo ligado à condição humana que elas possibilitam (SHIRKY, 2011).

Sem dúvida, as pessoas têm hoje uma nova liberdade para agir de forma organizada e em público. Em vista disso, existem quatro maneiras de compartilhamentos: a) pessoal, realizado entre indivíduos que de outro modo não estariam coordenados; b) comum, efetivado por um grupo de colaboradores; c) público, criado por um grupo de colaboradores com finalidades de recurso público; d) cívico, concebido com objetivos de transformar a sociedade (SHIRKY, 2011). Isso exposto, pode-se perceber que a *fanpage* investigada se caracteriza por ser um grupo de compartilhado pessoal.

As redes sociais virtuais são extensões do mundo social existente. Conforme SHIRKY (2011, p. 146), as emoções mantêm os grupos unidos, ou seja, “os grupos precisam equilibrar a efetividade enquanto grupo com a satisfação enquanto indivíduos”. Assim, um grupo com um propósito comum, precisa ser satisfatório para seus integrantes, deixando claro os motivos de sua união, caso contrário seus integrantes não permaneceram associados.

Diferente da informação, o conhecimento não pode existir sem que alguém o saiba. A isso acrescenta que, apenas quando é claro, o conhecimento compartilhado pode beneficiar, de fato, os sujeitos. Desse modo, segundo SHIRKY (2011, p. 127) “quanto mais pessoas de uma comunidade compreendam um determinado fato, um método, uma história, mais provável que elas trabalhem juntas (...)”. Logo, quanto mais se reduz o custo de transmitir conhecimento, maior será o grupo de conhecedores.

Sendo assim, um grupo apenas conseguirá crescer, se levar em conta, o tamanho da comunidade, a redução dos custos de compartilhamento e a clareza dos conhecimentos transmitidos. Outra condição que permite o crescimento de um grupo é a cultura, ou seja, as opiniões comuns de como os membros de uma comunidade devem se portar e as relações recíprocas entre seus integrantes são determinantes em relação a seu trabalho (SHIRKY, 2011).

Nesse capítulo, com a intenção de revisitar conceitos, realizou-se uma síntese das principais contribuições acadêmicas sobre cibercultura, cultura escolar, juventude e excedente cognitivo com a finalidade de relacionar o meme da internet ao contexto cultural e aos sujeitos da pesquisa. No capítulo a seguir, delimita-se o percurso metodológico.

### **3 ITINERÁRIO DA INVESTIGAÇÃO: DAS ESCOLHAS TEÓRICO-CONCEITUAIS E PROCEDIMENTAIS À SELEÇÃO DOS JOVENS PARTICIPANTES DA PESQUISA**

Na obra *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll, há um diálogo instigante entre a protagonista e um gato. Na narrativa, a menina depois de seguir um coelho branco, cair num buraco e chegar a um lugar repleto de criaturas peculiares, experimenta inúmeras situações inusitadas, como mudar frequentemente de tamanho. Após esses transtornos, encontra o Gato de Cheshire, ao qual pede ajuda. O bichano quer saber aonde ela quer chegar, porém a garota responde que não se importa com isso, desde que consiga sair daquele lugar. É nesse momento que acontece a curiosa fala: “Oh, esteja certa de que isso ocorrerá (...) desde que você caminhe o bastante” (CARROLL, 2000, p. 32). Faço essa menção para mostrar o quanto é importante o planejamento das atividades em relação ao tempo. Estabelecer prazos para realizar as tarefas relacionadas à pesquisa resulta num ganho real de tempo.

Para a compreensão do meme da internet, parti em busca de um recorte teórico que me permitisse apresentar o fenômeno, penetrando em suas características e particularidades sociocomunicativas. Nesse sentido, quanto ao procedimento metodológico, primeiramente, o trabalho se caracterizou como revisão de literatura com um recorte qualitativo, apresentando um levantamento e seleção bibliográficos de material já publicado sobre o assunto (MARCONI e LAKATOS, 2010). Essa estratégia se pautou na leitura e fichamento de artigos, monografias, dissertações e teses de pesquisadores provenientes das áreas de Comunicação, Ciências Humanas e Sociais, Filosofia e Letras.

Para compreender como o meme da internet foi determinado pela circunstância produtora, a análise das peças se baseou nas condições de produção e na noção de lugar, já que o discurso como instrumento de prática política pode modificar as relações sociais criando determinadas demandas. Em minhas considerações, a história não foi vista como uma sucessão de fatos cronológicos com sentidos já dados, mas foi constituída de “fatos que reclamam sentidos, cuja materialidade não é possível de ser apreendida em si, mas no discurso” (LIMA, 2003, p. 82).

Empreguei o estudo de caso, enquanto posicionamento metodológico, tendo consciência que, em ambientes virtuais, o campo não se apresenta enquanto uma experiência com variáveis controláveis (SALES, 2010).

Entendendo a cultura como um conjunto de significados que mede os arranjos sociais e as relações humanas, dei sentido aos significantes, considerando os eventos, fatos, ações e contextos em que foram produzidos, percebidos e interpretados (MATTOS, 2011). Em outras palavras, minha principal preocupação era obter uma descrição do que um grupo de pessoas realizava (GEERTZ, 2008).

A construção do texto de dissertação iniciou-se no primeiro semestre de 2018. No entanto, apenas a partir de mês de setembro, deu-se o contato com os integrantes da *fanpage* Estadual Central. O mês de outubro foi dedicado à realização dos encontros presenciais com a intenção de coletar informações por meio de entrevistas sobre os usos sociais do meme da internet do ponto de vista dos estudantes. Em novembro, iniciei a análise e interpretação do *corpus* da pesquisa, baseando-me nas teorias apresentadas na revisão de literatura. A redação dos capítulos de análise relacionados às coletas ocorreu nos meses de novembro e dezembro. Nos meses de janeiro e fevereiro, dediquei-me à revisão da produção.

### **3.1 A revisão de literatura**

Na revisão de literatura, realizei um levantamento das pesquisas sobre meme da internet no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Na fase inicial do trabalho, ao buscar pela palavra “meme” no catálogo, deparei-me com 549 teses e dissertação, datadas entre os anos de 2014 e 2017. No entanto, em contato com os resumos, identifiquei apenas 16 trabalhos que dialogavam com as especificidades de meu objeto de estudo.

Entre essas pesquisas, quatro forneceram subsídios importantes para meu trabalho, compondo as referências. A partir da leitura dessas dissertações e teses, fui elencando aspectos relevantes sobre o meme da internet. Por exemplo, Araújo (2012), em sua pesquisa, investiga os motivos que levam os usuários a colaborar com a criação e propagação do meme Rage Comic no maior grupo no Facebook destinado a essa criação. Souza Junior (2014), analisa um conjunto de memes a partir do princípio da “funcionalidade”, ou seja, ele investiga como os fenômenos meméticos surgidos em esfera local atingem alcance midiático global. Para o pesquisador, os fenômenos meméticos, vistos como “eventos sociais”, espelham e dinamizam as particularidades das sociedades contemporâneas. Horta (2015), numa perspectiva semiótica, compreende o meme como forma de expressão, que se fundamenta na reelaboração paródica, coletiva e descomedida de imagens, vídeos e textos. Para ela, a *web* é meio de comunicação em que o meme se apresenta enquanto linguagem da internet com gramática própria. Escalante

(2016), mostra como o meme da internet se caracteriza como um produto da cultura contemporânea, conectando conteúdos e conhecimentos de diferentes campos. A pesquisadora investiga a linguagem que os usuários utilizam nas redes sociais, as razões que os levam a postar num *site* específico e o motivo pelo qual empregam um determinado gênero em seu cotidiano.

Embora não fossem referenciados em minha pesquisa, os demais trabalhos trazem aspectos importantes para o campo de investigação. Por exemplo, Inocencio (2015)<sup>9</sup>, aponta o meme como artefato da cultura digital, analisando as peças criadas e compartilhadas a partir de dois eventos midiáticos: o Oscar 2014 e o Grammy 2015. Melo (2017)<sup>10</sup>, propõe uma análise discursiva dos memes protagonizados pelas personagens Rage Faces. Silva (2017)<sup>11</sup>, apresenta uma análise do meme “Bela, recatada e do lar”, tendo em vista a polêmica provocada pela disseminação da peça nas redes sociais. Brasil (2017)<sup>12</sup> problematiza se os discursos propagados pelos memes contribuem para uma participação política no Facebook. A pesquisadora estudou as peças produzidas no primeiro turno das eleições presidenciais de 2014 no Brasil.

As pesquisas ainda abarcam as especificidades do meme da internet. Desse modo, Toledo (2009)<sup>13</sup>, em sua tese de doutorado, questiona se a memética (estudo formal dos memes) é de fato uma ciência, e em caso afirmativo, que tipo de ciência é. Já Mian (2016)<sup>14</sup>, em seu trabalho, aponta para um aspecto pouco investigado: “Até que ponto os memes ferem os direitos

---

<sup>9</sup> INOCENCIO, Luana Ellen De Sales. **O meme é a mensagem: cultura memética, entretenimento digital e estética remix na cultura participativa**' 31/08/2015 205 f. Mestrado em Comunicação E Culturas Midiáticas Instituição de Ensino: Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa, João Pessoa Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFPB.

<sup>10</sup> MELO, Lilian Adriana Cabral Moreira de. **O gênero meme e as Ragefaces: um diálogo relativamente estável com o humor e a ironia.**' 24/08/2017 101 f. Mestrado em Linguística Instituição de Ensino: Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo Biblioteca Depositária: Haddock Lobo.

<sup>11</sup> SILVA, Joaciana Pessanha Barbosa da. **Memes em perspectiva dialógica: uma análise bakhtiniana**' 19/09/2017 81 f. Mestrado em Linguística Aplicada Instituição De Ensino: Universidade De Taubaté, Taubaté Biblioteca Depositária: undefined.

<sup>12</sup> BRASIL, Livia Maia. **Memes imagéticos sobre as eleições de 2014: uma análise de discursos e representação política no Facebook.** 2017, 114f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia.

<sup>13</sup> TOLEDO, Gustavo Leal. **Controvérsias meméticas: a ciência dos memes e o darwinismo universal em Dawkins, Dennett e Blackmore** 01/04/2009 417 f. Doutorado em Filosofia Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica Do Rio De Janeiro, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca Central.

<sup>14</sup> MIAN, Mariella Batarra Zotelli. **Memes e propriedade intelectual: uma complexa relação era da internet.** 2016. 140 fl. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal ABC, Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais, Santo André, 2016.

de propriedade intelectual no contexto da cibercultura?”. Schuabb (2017)<sup>15</sup>, aborda sobre a mudança do modelo de difusão “um-para-todos”, característico dos grandes veículos de mídia para o novo modelo “todos-todos”, próprios da *web* colaborativa. Sob essa perspectiva, para a pesquisadora, o meme se tornou uma linguagem em si, permitindo aos sujeitos se expressarem em diversas situações do dia a dia. Castro (2017)<sup>16</sup>, analisa como, no meme, durante a interação dos sujeitos, os objetos de discurso são (re)elaborados.

Ainda há produções que apresentam como cenários as instituições escolares. Sob esse ponto de vista, Silva (2016)<sup>17</sup>, mostra como, no ensino de língua estrangeira, a habilidade de *Writing* pode ser desenvolvida recorrendo ao meme da internet. Arruda (2017)<sup>18</sup>, examina os sentidos atribuídos pelos alunos aos memes produzidos em língua inglesa. Santos (2015)<sup>19</sup>, reflete sobre uma prática pedagógica em ensino de língua em que esse artefato se apresenta como subsídio para um letramento crítico. Calixto (2017)<sup>20</sup> desenvolve um estudo que discute quais representações e sentidos os alunos do ensino fundamental de uma escola municipal na zona norte de São Paulo atribuem ao meme.

### 3.2 O estudo de caso

Ao investigar a *fanpage* Estadual Central, encontrei informações subjetivas, que exigiram de mim utilizar uma metodologia que garantisse a validade do estudo. Dessa forma, procurando identificar os fatores que contribuíam para a ocorrência do meme da internet na página, busquei a compreensão dos integrantes do grupo acerca do que acontecia naquele

---

<sup>15</sup> SCHUABB, Paula Alexandre. **Processos e temporalidades dos memes de internet**' 30/08/2017 95 f. Mestrado em DESIGN Instituição de Ensino: Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: CTC/ESDI/UERJ.

<sup>16</sup> CASTRO, Lorena Gomes Freitas de. **O meme digital: construção de objetos de discurso em textos multimodais**' 10/04/2017 undefined f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: Fundação Universidade Federal De Sergipe, São Cristóvão Biblioteca Depositária: undefined.

<sup>17</sup> SILVA, Luciana Idalgo da. **O uso do Facebook no contexto escolar: os gêneros meme e fotopoema para a produção textual em língua inglesa** ' 10/12/2016 64 f. Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ, Londrina Biblioteca Depositária: Biblioteca do campus Londrina.

<sup>18</sup> ARRUDA, Raphael Barbosa Lima. **Gênero meme e ensino de leitura: investigando o letramento multimodal crítico de alunos de língua inglesa.**' 22/12/2017 184 f. Mestrado em LINGÜÍSTICA APLICADA Instituição de Ensino: Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza Biblioteca Depositária: Biblioteca do Centro de Humanidades.

<sup>19</sup> SANTOS, Anselma Morais. **O estudo de memes no ensino de língua**' 20/11/2015 80 f. Mestrado Profissional em LETRAS Instituição de Ensino: Fundação Universidade Federal de Sergipe, Natal Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Universidade UFS.

<sup>20</sup> CALIXTO, Douglas de Oliveira. **Memes na internet: entrelaçamentos entre educação, cibercultura e a 'zoeira' de estudantes nas redes sociais.** 20/09/2017 234 f. Mestrado em Ciências da Comunicação Instituição de Ensino: Universidade de São Paulo, São Paulo Biblioteca Depositária: ECA/USP.

ambiente a partir do exame direto das peças e de entrevistas (ZANELLI, 2002; MARTINS, 2008; FREITAS e JABBOUR, 2011).

Diante disso, o estudo de caso se tornou a metodologia apropriada, uma vez que eu pretendia investigar um fenômeno contemporâneo, focalizando seus aspectos culturais. Além disso, a produção de memes na *fanpage* Estadual Central tornou-se um caso digno de estudo por sua singularidade no contexto das comunidades *on-line* de alcance local.

Desse modo, o estudo de caso permitiu que eu fizesse a descrição de um evento real contemporâneo para sua maior compreensão. Conforme Yin (2005), quando as circunstâncias de um evento são complexas, o estudo de caso permite investigar esse acontecimento em seu contexto real. Martins (2008) ainda acrescenta que o estudo de caso possibilita, pela investigação exaustiva de um objeto demarcado, a imersão em uma realidade social.

O estudo de caso é uma metodologia utilizada nas ciências sociais e da saúde para descrever ou avaliar circunstâncias em que há a presença do elemento humano, realizando o levantamento das evidências a partir da análise dos artefatos culturais. A finalidade dessa metodologia é compreender a complexidade de uma situação concreta pela imersão em um determinado objeto. Além disso, essa é uma metodologia válida nas ocasiões em que questões do tipo “como?” ou “por quê?” são respondidas (YIN, 2005; MARTINS, 2008; FREITAS; JABBOUR, 2011).

Tendo sua origem na sociologia e na antropologia do final do século XIX, o estudo de caso tem sido utilizado em diferentes campos do conhecimento. Na educação, essa metodologia tem sido utilizada desde a metade do século XX, sendo caracterizada pelo estudo descritivo “de uma escola, um professor, um grupo de alunos, uma sala de aula” (ANDRÉ, 2005, p. 14). No entanto, foi apenas com a realização da conferência internacional em Cambridge em 1975, que novas abordagens começam a surgir no campo da educação.

Seguindo as orientações de André (2005), desenvolvi o estudo de caso em três momentos: no primeiro, familiarizada com o ambiente a ser pesquisado, apliquei o questionário de sondagem, estabeleci contatos, localizei os sujeitos e defini os procedimentos e instrumentos para a coleta de dados; no segundo, coletei os dados, por intermédio da criação de um grupo no Facebook e das entrevistas; no terceiro, realizei a análise das informações, associando os subsídios teóricos do estudo com os dados recolhidos.

Assim para a efetiva condução do estudo de caso, realizei entrevistas com os integrantes da *fanpage* com a finalidade de alargar a confiabilidade da investigação e obter diferentes olhares em relação às postagens dos memes da internet no grupo. Sem gerar desconforto aos

voluntários, as entrevistas foram gravadas para garantir a integridade das declarações (MINAYO, 1996; MARTINS, 2008; FREITAS e JABBOUR, 2011).

É importante ressaltar que, no estudo de caso, as técnicas de coleta não determinam o tipo de pesquisa, uma vez que o conhecimento gerado encontra reverberação na experiência da vida real, sendo mais concreto, contextualizado e voltado para a interpretação do leitor. Aliás, o estudo de caso deve interpretar os dados de uma instância particular que emerge do cotidiano a partir da cultura de um grupo social; desvelando, para o leitor, novos sentidos para fenômeno pesquisado (MERRIAN, 1988; STAKE, 1995; ANDRÉ, 2005). Acrescenta-se a isso que, no campo da educação, o estudo de caso visa o processo educativo, e não a descrição densa da cultura de um grupo social (GUBA e LINCOLN, 1985).

Durante a condução das entrevistas, que foram realizadas presencialmente no prédio da Escola Estadual Governador Milton Campos, fiquei atenta no quanto os voluntários estavam dispostos a compartilhar de suas percepções. Seguindo as considerações de Bassey (2003), fiz perguntas, ouvindo atenciosamente as respostas; observei os acontecimentos, atentando no que acontecia no cotidiano escolar; realizei cuidadosamente a leitura de documentos produzidos. Pelas conversas informais, algumas condições referentes à produção de determinados memes foram evidenciadas. E, adotando as recomendações de Zanelli (2002), articulei a lógica da construção discursiva entre os dados obtidos nas entrevistas e as teorias ou conceitos apreendidos pela revisão de literatura.

### **3.3 A *fanpage* Estadual Central**

A *fanpage* Estadual Central<sup>21</sup>, instalada no Facebook, foi criada por estudantes da Escola Estadual Governador Milton Campos no ano de 2015. A página é de alcance local e, em sua categoria de grupo fechado, possui um número considerável de associados, mais de 4.000 membros, reunindo alunos, ex-alunos, professores e funcionários da instituição escolar. Na página inicial, aparece a foto do auditório da escola e *links* que levam os integrantes a todo conteúdo da *fanpage*, conforme se pode observar na imagem 1.

---

<sup>21</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/groups/CanalhasDoCentral/> Acesso 22 jun. 2018.

**Imagem 1** – Captura de tela da página inicial da *fanpage* Estadual Central.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/CanalhasDoCentral>. Ano 2018.

Na abertura da página, há o perfil de cada administrador e informações que se referem às regras e termos particulares para a boa convivência no grupo. Há uma enumeração das atividades que não podem ser realizadas na página, como promover vendas (o que é normalmente infringido sem a retirada do anúncio), postar imagens pornográficas, fazer *posts* racistas ou homofóbicos, realizar comentários que promovam o discurso de ódio ou que desrespeitem o outro, realizar divulgação de evento sem autorização dos administradores. Ainda são proibidas mensagens que se caracterizam por “correntes” ou que forcem discursos políticos. Nessa seção, os membros ainda são informados que toda produção realizada no grupo é considerada patrimônio da Escola Estadual Governador Milton Campos.

As postagens são muitas vezes motivadas pelos acontecimentos do cotidiano escolar dos integrantes, ou seja, é comum não acontecerem interações durante vários dias e um episódio motivar inúmeras participações. A dinâmica do grupo pode ser percebida pelos comentários e “curtidas” aos *posts*, que abrangem avisos escolares, anúncios de serviços, esclarecimentos de dúvidas e memes da internet.

A administração da página está a cargo de alunos e ex-alunos da escola, que revezam o comando de tempos em tempos. A entrada de novos integrantes acontece pela “solicitação de amizade” e posterior aceite dos administradores. Em outras palavras, para fazer parte do Estadual Central é necessário solicitar amizade ao grupo, aguardando a resposta de um dos administradores. Sem a interferência dos administradores, as contribuições são postadas pelos membros, que ainda podem “curtir”, compartilhar e comentar o conteúdo. Caso os administradores julguem que um *post* contraria as normas estabelecidas, a publicação é retirada da página.

Como já mencionado, o grupo é composto por alunos, ex-alunos, professores e funcionários da escola Governador Milton Campos, mas não são todos os membros que participam ativamente da página. Normalmente os mais atuantes são os alunos cursando as três séries do ensino médio e os integrantes do Grêmio Estudantil. A faixa etária dos membros atuantes se concentra entre 15 a 19 anos, reforçando a convicção que a cultura dos memes da internet está associada aos jovens (ARAÚJO, 2012). No ano de 2017, por exemplo, não houve nenhuma postagem de professor ou funcionário, evidenciando que o grupo é uma manifestação própria da cultura juvenil.

Utilizar memes da internet para expressar questões de afeto, reclamar ou reivindicar posicionamento dos dirigentes da escola é bem recorrente no grupo. No ano de 2017, por exemplo, uma quantidade significativa de peças foi produzida polemizando esses temas. É interessante ressaltar que os memes compartilhados de outras agências não têm o mesmo número de curtidas que os criados especialmente para a página.

No grupo, é comum aos integrantes apenas “curtir” as peças sem que haja uma discussão do conteúdo. Araújo (2012) ressalta que “curtir” alguém ou algo não apresenta em si uma justificativa, apenas reflete uma posição do usuário perante um conteúdo, ou seja, se “curte” um meme da internet por considerá-lo engraçado, por se identificar com ele ou para se manter trocas sociais com quem o criou.

As trocas sociais da *fanpage* Estadual Central, seguindo o modelo do Facebook, acontecem pelo compartilhamento, pelo comentário e pelo “curtir”. As postagens em torno de questões relativas à realidade da escola se destacam de maneira crítica e interativa (SALES, 2014). Se o compartilhamento se caracteriza pela acomodação e reconhecimento do material produzido, os comentários reforçam seus traços comuns e o “curtir” funciona como uma avaliação de um comentário ou postagem compartilhada (ARAÚJO, 2012).

Não há anonimato em relação às postagens, uma vez que para ser membro do grupo há a necessidade de se ter uma conta no Facebook. Entretanto, isso não garante que perfil cadastrado seja genuinamente real ou referente a uma identidade inventada (*fake*). Por esse motivo, realizei uma investigação a 25 perfis para averiguar se eram realmente de alunos (ou ex-alunos) reais da Escola Estadual Governador Milton Campos. Como resultado, constatei que os usuários, embora muitas vezes utilizassem apelidos (*nicknames*), eram estudantes matriculados na instituição ou tinham estudado nela em anos anteriores.

Tomando como base os princípios de Sousa e Leão (2016), verifiquei na *fanpage* quatro formas de interação: a) a de sociabilidade, caracterizada pela organização de festas, anúncios

de produtos e serviços, participação em eventos dentro e fora da escola, postagem de vídeos ou memes da internet; b) a ordinária, caracterizada pelo posicionamento dos membros sobre determinadas regras escolares, decisões da direção ou grêmio; c) a colaborativa, caracterizada por perguntas sobre atividades escolares, calendários, volta às aulas (principalmente durante a ocorrência de greve de professores); d) a extraordinária, caracterizada pela interação dos membros para sanar dúvidas sobre os componentes escolares.

### 3.4 A Coleta de dados

Como as práticas culturais sofrem influências externas de acordo com os interesses de cada grupo, não se pode desvincular os sujeitos do espaço físico que frequentam. Sob esse ponto de vista, os espaços não se referem apenas à definição de “lugar próprio”, mas dizem respeito de “operações que permitem percursos, passagens, intercâmbios, trocas, compartilhamentos” (CARVALHO e SILVA, 2009, p. 4).

Considerando esse entendimento, iniciei a coleta de dados para a criação do *corpus* seguindo os seguintes passos: no primeiro momento, todos os memes identificados na *fanpage* foram salvos em arquivo, depois foram listados por nome, ano de publicação, número de curtidas e comentários (APÊNDICE I); no segundo momento, os memes foram agrupados em torno dos temas: a identidade do aluno do Estadual Central, indignação em relação às ações do grêmio estudantil e da direção da escola, eventos acadêmicos envolvendo a participação dos estudantes; no terceiro momento, os memes da internet mais curtidos ou comentados foram selecionados para análise.

Para a seleção do *corpus*, utilizei as considerações de Berber-Sardinha (2004), elencando o meme da internet de acordo com os seguintes critérios: a) o período retratado pelo *corpus*; b) as diversas ocorrências das expressões meméticas investigadas; c) a representatividade das unidades de análise e a relação entre os usuários, ou seja, para quê? e para quem? as peças eram representativas; d) os autores e os modos de interação, isto é, a quem eram direcionadas as postagens e por quem elas eram escritas; e) o assunto abordado; f) os acontecimentos ocorridos no período da coleta, os propósitos expressos nos *posts* e as várias recombinações dos assuntos tratados.

Como critério de amostragem, considerei para a seleção do *corpus* os elementos derivados do problema de pesquisa, as peculiaridades do campo e os métodos de análise. Diante disso, os memes da internet presentes na mostra desta dissertação foram escolhidos por apontarem essas categorias. No entanto, caso fosse necessário (o que ocorreu), eu poderia

ocorrer uma seleção adicional de peças para confirmar, contrariar ou apresentar novos elementos aos resultados verificados.

#### 3.4.1 A importância dos conhecimentos prévios na coleta de dados

Seria um prejuízo para minha pesquisa ir a campo sem noções do objeto de estudo, por isso após organizar um conjunto de conceitos em torno das categorias centrais, objetivando explicar o caráter social do meme da internet, investiguei o fenômeno a partir de uma abordagem crítica, analisando de forma articulada os elementos recolhidos. Em outras palavras, ao realizar no campo de investigação a coleta sistemática dos dados, considerei a natureza interpretativa, contextual e emergente que constituíram cada peça (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2011).

Como as categorias emergiram dos dados a partir da questão fundamental, minhas análises não foram separadas dos conceitos com os quais tive contato, ou seja, a fundamentação teórica referente ao fenômeno auxiliou-me a construir a análise dos dados. Assim, o conjunto de informações foi sistematicamente examinado para capturar as particularidades do objeto. Sob esse aspecto, a observação do campo, a análise documental, as transcrições de entrevistas ou questionários auxiliaram no reconhecimento dos elementos importantes para o exame (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2011).

Sendo assim, escolhi os atores, ou seja, a rede social e o grupo de sujeitos para depois considerar as conexões, que variaram entre a subordinação a *fanpage* investigada e as interações sociais. Ainda considerei o conjunto de laços estabelecidos entre indivíduos específicos que caracterizaram as relações sociais.

No início da análise, fiz a identificação, descrição e categorização dos memes da internet dentro do campo. Nesse primeiro momento, a construção da teoria constituída pelos dados levou a seu questionamento e a uma constante comparação entre eventos, ações, interações e conceitos, que levaram à edificação de categorias mais amplas. No segundo momento, recorrendo às considerações teóricas, os dados obtidos foram relacionados às categorias criadas para se entender melhor o que elas representavam para os participantes envolvidos. Na última fase, as categorias foram reunidas ao fenômeno estudado e aos conceitos vinculados às informações obtidas no campo (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2011).

Essa metodologia foi marcada por uma sensibilidade advinda do contato com a literatura teórica e de minha experiência profissional e pessoal. Seguindo as recomendações de Fragoso, Recuero e Amaral (2011), em relação ao laço social, caracterizei as interações entre os membros

do grupo em três tipos básicos: a) interações de construção, que objetivavam construir intimidade, aprofundando uma relação; b) interações de manutenção, que apenas tinham por finalidade manter o laço social; c) interações de desgaste, que mostraram um conflito entre os envolvidos, gerando normalmente o fim da conexão ou redução dos comentários entre eles.

Ao entrar em contato com a *fanpage* investigada, examinei primeiramente aquilo que a circundava, isto é, sua infraestrutura social e técnica. Também anotei minhas impressões sobre as participações dos investigados (KOZINETTS, 2014). Essas anotações, fundamentais para a produção final da cultura estudada, foram registradas num diário de campo, que apresentou três funções: a) a emotiva, quando apontei observações subjetivas; b) a empírica, em que coletei dados; c) a reflexiva e analítica, quando ocorreu a emersão das categorias e padrões recorrentes da análise (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2011).

Apesar de me apresentar na *fanpage* Estadual Central como pesquisadora, explicando os objetivos da investigação, optei por não compartilhar conteúdo na página ou manifestar-me nas postagens, por entender que minha proximidade com o campo poderia causar mudanças de comportamento dos usuários (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2011). Manifestei-me poucas vezes no grupo, entre elas: quando convidei os membros para participarem da pesquisa (APÊNDICE II) e quando apliquei o questionário de sondagem (APÊNDICE III), construído pela ferramenta Google Forms, conforme se verifica na imagem 2.

## Imagem 2 – Captura de tela do questionário de sondagem aplicado na *fanpage* Estadual Central.



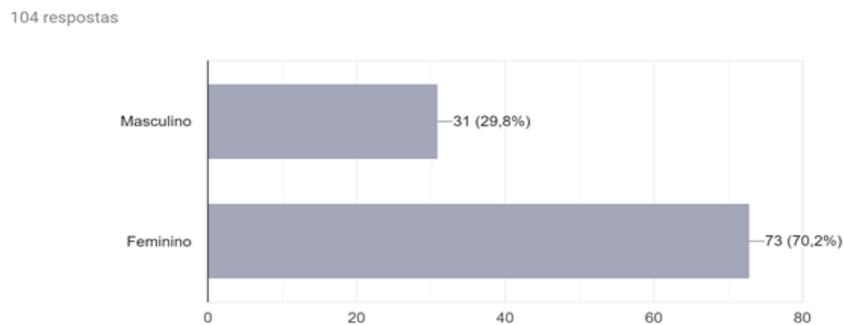
Fonte: Própria. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/239878116658046/>. Ano 2018.

Durante uma semana, aceitei as respostas dos usuários da página, obtendo 57 retornos. Depois desse período, considerei que nenhum jovem responderia ao convite se eu não solicitasse a ajuda deles para responder ao questionário. Diante disso, já que intencionava usar valores percentuais, necessitando de uma mostra superior a 100 participações, durante três semanas, reforcei o convite periodicamente, alcançando 104 preenchimentos.

Embora membros da *fanpage* investigada tivessem respondido ao questionário de sondagem, fornecendo seus *e-mails* para serem contatados, apenas uma jovem retornou o convite para participar do grupo fechado criado por mim para a coleta de dados.

Ao submeter a um tratamento percentual os dados coletados no questionário de sondagem, pude traçar um perfil geral dos jovens membros da *fanpage* Estadual Central. Esses dados foram organizados nos três gráficos a seguir.

**Gráfico 1 – Sexo dos participantes do questionário de sondagem**

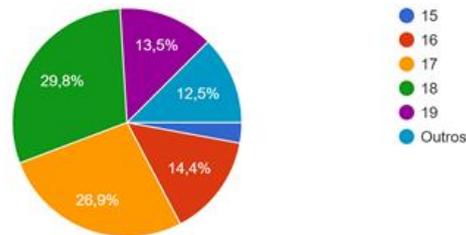


Fonte: Dados colhidos pela autora. Ano 2018.

No gráfico 1, pode-se observar certa disparidade em relação ao sexo, uma vez que dos 104 participantes, 73 pertenciam ao sexo feminino e 31, ao sexo masculino. Esses dados mostram que, na *fanpage*, o sexo feminino está mais propenso a comportamento colaborativo, já que as pessoas desse sexo se prontificaram imediatamente a responder ao questionário proposto por mim.

## Gráfico 2 – Idade dos participantes do questionário de sondagem

104 respostas

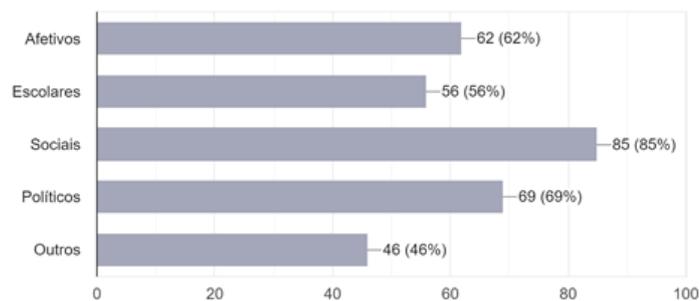


Fonte: Dados colhidos pela autora. Ano 2018.

Nesse segundo gráfico, observa-se que a maioria dos participantes do questionário de sondagem estão entre 17 e 18 anos. Os dados mostram que 14 jovens possuem 19 anos; 31 jovens, 18 anos; 28 jovens, 17 anos e 15 jovens, 16 anos. Essas informações vieram ao encontro com minhas expectativas, pois em minha experiência profissional, tinha observado que os memes da internet estavam relacionados à cultura jovem.

## Gráfico 3 – Temas preferidos dos participantes do questionário de sondagem

100 respostas



Fonte: Dados colhidos pela autora. Ano 2018.

No último gráfico, pode-se observar que os temas de caráter social estão entre os preferidos dos participantes (85 marcações); em seguida, aparecem os temas políticos (69 marcações); em terceiro lugar os afetivos (62 marcações); em quarto lugar, estão os escolares (56 marcações). Outros temas tiveram a adesão de 46 participantes. É válido ressaltar que os participantes poderiam optar por mais de um tema.

Esse capítulo apresentou a proposta metodológica da pesquisa, identificando as teorias que auxiliaram a compreensão do meme da internet não apenas enquanto artefato cultural, mas

também como elemento que motiva práticas comunicacionais. No próximo capítulo, analisa-se o *corpus* selecionado da *fanpage* Estadual Central a partir das teorias já mencionadas.

#### **4 A RELAÇÃO ENTRE OS ACONTECIMENTOS DO COTIDIANO ESCOLAR E A PRODUÇÃO DE MEME DA INTERNET NA *FANPAGE* ESTADUAL CENTRAL**

O *corpus* de análise selecionado teve como suporte o sistema de rede social Facebook, uma mídia social privilegiada para um estudo que objetivava analisar as práticas sociais originadas pelas inovações tecnológicas. Nesse estudo, consideram-se ainda os comentários que contribuíram para expandir o tamanho das amostras realizados pelos membros do grupo.

Um critério utilizado na seleção do *corpus* se referiu aos temas mais recorrentes na página e às finalidades expressas nos *posts* (SOUZA JÚNIOR, 2014). Foram consideradas as práticas de produção pelo viés dos envolvidos nos contextos estabelecidos e as interações presentes na página. Ainda houve uma avaliação em relação ao conhecimento compartilhado pelos usuários à medida que uma determinada expressão memética se tomava recorrente entre os frequentadores da página.

O *corpus* desta investigação é composto de 10 peças. Nelas, foram avaliados os elementos verbais e visuais, bem como as categorias de atitude de seus produtores, como afeto, julgamento ou apreciação. Do ponto de vista da multimodalidade, recorri à interpretação proposta pela Gramática do Design Visual, de Gunther Kress e Theo van Leeuwen, que leva em consideração o que/quem está em destaque no cenário; as escolhas de reelaboração da peça e a natureza dos processos de representação. (SOUZA JÚNIOR, 2014).

Na análise, os títulos dos memes aparecem em sua grafia original, quando se pode perceber a presença de abreviações, infrações à ortografia da norma culta e a ausência de letra maiúsculas em nomes próprios ou no início da frase.

##### **4.1 A relação entre os sujeitos da pesquisa e a *fanpage* Estadual Central**

Ao analisar a *fanpage* Estadual Central, adoto a concepção de Charlot (2000), por entender seus membros como sujeitos sociais que constroem um modo próprio de ser jovem a partir do cotidiano. Ocupando certo lugar social, os integrantes da página são seres singulares que se relacionam uns com outros, interpretando e dando significado ao mundo que os cerca.

Assim, ao familiarizar-me com a perspectiva dos membros do grupo acerca da produção de memes da internet em sua relação com o problema de pesquisa, consegui identificar os participantes num cenário social. Quanto à construção do campo, observei, selecionei e

documentei as peças para posteriormente analisá-las (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2011).

Na *fanpage* Estadual Central, foi constatada a presença das três bases estruturantes da cibercultura proposta por Lemos (2005): primeiro, os membros produzem e divulgam conteúdo, não sendo consumidores passivos; segundo, de qualquer parte do planeta, um membro pode ter acesso a várias informações, recombina-as e usa-as do seu modo e finalmente, as produções midiáticas são adaptadas ou ajustadas, sendo que um modelo não anula o outro, por exemplo, o meme da internet não anulou a charge.

Uma vez que os membros do grupo fazem (ou já fizeram) parte da mesma comunidade escolar, além das brincadeiras ou comentários irônicos motivados pelo teor das peças, é comum encontrarmos, nos *posts*, manifestações que denotem intimidade. Isso demonstra que os laços fortes ocorrem dentro do espaço do grupo, levando seus membros a compartilharem memes e outros gêneros digitais entre si.

Na página, é perceptível diversos modos de comportamento. De acordo com Watzlawick, Beavin e Jackson (1993) qualquer comunicação sugere um comportamento, já que envolve um acordo que define a relação entre os interlocutores. Desse modo, na interação humana, não existem relações unilaterais, isto é, a interação humana não é propriedade individual, que pode ser dividida em unidades básicas. Sob essa perspectiva, se de um lado, cada interagente ao estabelecer a natureza da relação com o outro, confirma, rejeita ou modifica essa comunicação; do outro, a não redefinição da relação pode ocasionar o rompimento da relação.

Guiando-me pelas considerações de Bourdieu (1986) sobre capital social, observei que participar *fanpage* Estadual Central confere aos integrantes um determinado direito. Aliás, as relações de conhecimento recíproco e de reconhecimento apenas existem a partir das trocas simbólicas entre os integrantes do grupo, que reafirmam a proximidade entre os membros, como adoção do nome Estadual Central<sup>22</sup>, designação popular da Escola Estadual Governador Milton Campos e pelo conjunto de ações constitutivas para formar e informar os sujeitos submetidos a ele.

De fato, a *fanpage* Estadual Central possui seus modos de transmissão que possibilitam a existência da página. O grupo foi organizado de modo a garantir tanto lucros materiais, como troca de informações, resultantes do relacionamento entre os integrantes; quanto lucros

---

<sup>22</sup> O Liceu Mineiro foi inaugurado na cidade de Ouro Preto no século 19. Com a mudança da capital mineira, o ginásio funcionou em outras sedes, sendo rebatizado para Colégio Estadual de Minas Gerais (Estadual Central) até se estabelecer, no bairro de Lourdes, em Belo Horizonte.

simbólicos, como o prestígio derivado de sua associação (embora seus administradores não tenham a função de representantes do grupo, falando ou agindo em nome dele). Conforme Bourdieu (1986), a reprodução do capital social implica um esforço contínuo de sociabilidade, já que o reconhecimento é afirmado e reafirmado constantemente a partir das contínuas trocas.

Sendo assim, as interações instituem maneiras de capital social entre os membros do grupo, isto é, normas, valores e relacionamentos comuns são recursos vinculados na rede de relações. Sob esse ponto de vista, o capital social diz respeito a laços sociais que podem ser fracos ou fortes. Os laços sociais fracos estão presentes em relações distantes e sem intimidade, caracterizando-se apenas por comentários às postagens. Nos laços sociais fortes, os atores estão próximos, familiarizando-se uns com os outros. Além disso, as interações sociais fora do grupo visam o relacionamento entre os membros, designando popularidade, reputação e autoridade (BOURDIEU, 1986; ARAÚJO, 2012).

Ademais, os memes da internet não são apenas produzidos pelos membros da *fanpage* Estadual Central, também são consumidos por eles. Nas palavras de SHIRKY (2011, 22-23), “O prazer de em ‘Você também pode brincar disso não reside apenas no fazer, reside também no compartilhar’”, aliás ninguém cria um meme apenas para si mesmo. Além do mais, as pessoas gostam de fazer e compartilhar “coisas”, mesmo que pobres em conteúdo. E, se no século passado, publicar era uma atividade extremamente valiosa e difícil, hoje se tornou ocasionalmente de grande valor e fácil.

#### **4.2 Memes da internet na *fanpage* Estadual Central: Quando tudo começou...**

Há algum tempo assisti a um filme<sup>23</sup> em que um vírus altamente contagioso e letal se espalhava rapidamente por várias fronteiras do planeta. Na trama, enquanto as mortes se multiplicavam, um grupo de médicos tentava decifrar o código do microrganismo patogênico que não parava de se modificar. O grande desafio da equipe era reconstituir as últimas horas de vida do “paciente zero” na tentativa de se descobrir como a contaminação começou. Por que estou falando disso? Apesar de não enfrentar uma epidemia, estou na mesma condição daqueles pesquisadores, chegou o momento de encontrar o “meme zero” de minha história e trazer à superfície quando tudo começou.

---

<sup>23</sup> Contágio (Contagion) é uma produção cinematográfica, de 2011, dirigida por Steven Soderbergh e protagonizada por Matt Damon, Jude Law, Kate Winslet, Laurence Fishburne, Marion Cotillard e Gwyneth Paltrow. Disponível em <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-178091/> Acesso em 21 jul. 2018.

Com o fenômeno do meme da internet, muitos sites se dedicaram exclusivamente à postagem desse tipo de artefato e, embora a página do Estadual Central tivesse outra função, esse gênero se fez presente desde sua criação. Datado de 15 de dezembro de 2015, um dos primeiros memes criados para a página, com 157 curtidas e com 32 comentários, denuncia o desvio de dinheiro<sup>24</sup> que seria destinado à formatura daquele. A peça, conforme se pode verificar na figura 1, foi criada a partir de um meme global “Senhora? Senhora?”

**Figura 1** – Senhora cadê os 6 mil?



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/CanalhasDoCentral>. Ano 2018.

Vários memes como o que foi produzido para a *fanpage* Estadual Central foram motivados pela reportagem de Renata Costa, que investigava o caso de servidores da Assembleia Legislativa do Estado de Goiás, que mesmo sem trabalhar recebiam um salário de aproximadamente R\$ 10.000,00. Na reportagem, a jornalista persegue uma funcionária que se recusa a responder suas perguntas, com o seguinte argumento: “Senhora? Senhora? Se a senhora não tem problema, por que está correndo?”<sup>25</sup>

Diferentes contextos globais originaram novas peças e os novos memes retratavam normalmente, no primeiro plano, a jornalista fazendo uma indagação, que ia desde “Quando

<sup>24</sup> Embora, no meme, seja mencionado o valor de 6 mil reais, nenhum integrante do grupo postou provas confirmando o valor do pecúlio desviado.

<sup>25</sup> Disponível em <<http://www.museudememes.com.br/sermons/senhora/#comments>>. Acesso em 12 jan. 2019

voltam às aulas?”, numa menção à greve nas universidades federais a perguntas corriqueiras como “Já lavou a louça?” e, no segundo plano, a servidora fugindo para não responder.

É notório que o criador do meme associa o desvio de dinheiro da formatura à reportagem de Renata Costa. A jovem que tem seu rosto no meme é identificada, em um comentário, como “Druz”. O meme criado para *fanpage* recebe elogios dos outros integrantes pela criatividade e há, inclusive, uma sugestão para que fosse criada uma página apenas com os melhores memes da Druz. Em outro comentário, um meme com rosto da jovem é postado como resposta à proposta de produzir memes da Druz.

O título “Senhora cadê os 6 mil?” precede a montagem feita a partir da sequência de *frames* já viralizada na internet. No primeiro plano, constata-se a originalidade do meme, pois ao realizar uma colagem em que o rosto da funcionária Edinair Maria dos Santos Moraes é substituído pelo da jovem Druz, seu criador relaciona um acontecimento do cotidiano escolar a um evento global; no segundo plano, é retomada uma imagem já conhecida por muitos internautas em que se vê a entrevistada fugindo da repórter e os dizeres “Senhora? Volta aqui senhora”.

Nos comentários relacionados a essa peça, a frase memética “Senhora? Volta aqui senhora” é retomada sendo associada a diferentes episódios da vida cotidiana em que as pessoas fogem de situações embaraçosas. Os membros da *fanpage* ainda associam o meme “Senhora cadê os 6 mil?” à zombaria, mencionando que no grupo a “zueira” não tem fim; dialogam com outros integrantes, comentando situações engraçadas do dia a dia; procuram por colegas que não se manifestaram; revelam sua descontração com a gargalhada “kkk”.

### 4.3 A Primavera Secundarista

Qualquer assunto pode se transformar em meme da internet e, no ano de 2016, as mobilizações estudantis ocuparam não apenas a mídia, como a *fanpage* do Estadual Central. Além das discussões surgidas na página sobre o assunto, inúmeros memes foram criados motivados por um evento envolvendo a presidente em exercício do grêmio estudantil Abre Alas.

A Primavera Secundarista, como também ficou conhecido o movimento dos jovens estudantes secundaristas brasileiros, foi uma sequência de manifestações e ocupações de escolas do ensino médio e universidades no ano de 2016<sup>26</sup>.

---

<sup>26</sup> Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Mobiliza%C3%A7%C3%A3o\\_estudantil\\_no\\_Brasil\\_em\\_2016](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mobiliza%C3%A7%C3%A3o_estudantil_no_Brasil_em_2016)>. Acesso em 13 jan. 2019.

Com ocorrência em diversos estados do Brasil, as mobilizações tinham como objetivo protestar contra os projetos de lei que visavam uma reforma na educação, dentre eles: a Proposta de Emenda à Constituição 241 (PEC 241), objetivando limitar o crescimento das despesas do governo brasileiro durante 20 anos; o projeto Escola sem Partido, movimento contra a parcialidade do professor em sala de aula; o Projeto de Lei da Câmara 44 (PL 44), autorizando o poder público a qualificar entidades privadas sem fins lucrativos como organizações sociais e da Medida Provisória nº 746 (MP 746), uma política de desenvolvimento à efetivação de escolas de ensino médio em tempo integral.

Essa série de manifestações teve inspiração no movimento dos jovens secundaristas paulistas que ocuparam centenas de escola em 2015, posicionando-se contra projetos e medidas que visavam reorganizar a educação básica no Estado de São Paulo. Os estudantes ainda reivindicavam do governo de Geraldo Alckimin mais investimentos na educação e melhorias nas condições de trabalho ou de estudo para alunos e professores.

A apropriação dos prédios das instituições de ensino começou pela articulação entre líderes de grêmios estudantis de diferentes escolas, que se organizaram pelas redes sociais. Durante o período das ocupações, os estudantes se mobilizaram normalmente em frente das escolas, expondo cartazes e faixas que atacavam as medidas e reformas educacionais propostas pelos governos estaduais e federal.

As ocupações estudantis tiveram o apoio de movimentos estudantis como União Nacional dos Estudantes (UNE) e União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), além de parte dos professores e pais. Os contrários à ocupação argumentavam que os manifestantes não tinham conhecimento sobre o que estavam protestando, que aproveitaram o movimento para usar drogas ilícitas ou manter relações sexuais, que promoviam atos de desordem e vandalismo dentro da escola. Em Minas Gerais, de acordo com a Secretaria Estadual da Educação (SEE), 103 escolas estaduais haviam sido ocupadas até o final do mês de outubro.

Na Escola Estadual Governador Milton Campos, a primeira a ser ocupada no Estado de Minas Gerais, os manifestantes acamparam no prédio escolar durante 78 dias. A diretoria da escola não criticou ou coibiu a ação dos manifestantes, apesar de não apoiar publicamente a mobilização dos estudantes. Mesmo sem o apoio de todos os secundaristas, a ocupação realizada pelo grêmio estudantil Abre Alas começou no dia 6 de outubro de 2016 e, ainda que as aulas não tivessem sido suspensas em virtude da ocupação, houve dias em que foram interrompidas devido às paralisações.

Apesar dos movimentos estudantis e da rejeição popular, a PEC 241 (ou PEC 55) foi aprovada em segundo turno no Senado. A partir desse momento, por intermédio de acordos com os governos estaduais, as escolas e universidades foram desocupadas, na maioria delas de forma pacífica.

#### 4.3.1 “Vocês não vão entrarem”

É no clima de contestação que, no dia 24 de outubro de 2016, professores e alunos são impedidos de entrar na Escola Estadual Governador Milton Campos para suas atividades pedagógicas por determinação do grêmio estudantil. Na frente dos portões da escola, a presidente da agremiação impedia a entrada dos estudantes, sendo essa ação mais um modo que o Abre Alas encontrava para protestar contra as propostas do governo federal. Não contando com a compreensão dos colegas e diante da insistência daqueles que queriam se dirigir às salas de aula, a representante proferiu a frase que se tornaria um meme: “Vocês não vão entrarem!”

Para muitos alunos que assistiram à cena, a sentença não passava de um caso grave de falta de concordância verbal. Mas o inevitável aconteceu: naquela mesma tarde do dia 24, os membros da *fanpage* Estadual Central começaram a postar comentários irônicos e memes sobre o evento, conforme se verifica na imagem 3.

### Imagem 3 – Captura de tela das interações realizadas no dia 24 de outubro de 2016.

The image shows a screenshot of a Facebook group page titled 'CanalhasDoCentral'. The page displays several posts from October 24, 2016, all related to the popular internet meme 'Vocês não vão entrar' (You won't get in). The posts are from various members, including Carol Melo, Augusto Guilherme Augusto, Saymon Farias, Gabriel Morais, Eduardo Andretto, Brendha Sampaio, Maria Clara, Jonathan Duque, Brendha Sampaio, Guilherme Ferreira, Nicole Hipólito, Ana Carolina Vieira, Joaquim Henrique, and Raynner Rodrigues. Each post typically includes a video or image of the meme, a caption, and a list of users who interacted with it (commented or shared). The comments often play on the meme's theme, such as 'Vocês não vão entrar' or 'Vocês não vão entrar' with variations. The page layout is typical of a Facebook group feed, with posts arranged chronologically and interaction counts visible for each.

Fonte: <https://www.facebook.com/groups/CanalhasDoCentral>. Ano 2018.

No dia 24 de outubro, dos 120 memes postados, 31 traziam a expressão memética “Vocês não vão entrar”. Na sequência, entre os dias 25 e 27 de outubro de 2016, 19 peças motivadas pela fala da representante foram criadas. “Vocês não vão entrar” é um dos memes mais persistentes da página.

Na *fanpage*, são encontradas várias recombinações da peça, algumas bem inusitadas como se pode conferir na figura 2.

**Figura 2** – Voces não vao entrerem



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/CanalhasDoCentral>. Ano 2018.

“Voces não vao entrerem” apresenta três *frames* da saga Harry Potter: primeiro, o diretor da Escola de Magia e Feitiçaria de Hogwarts, Albus Dumbledore, entre os jovens bruxos no Grande Salão da escola; segundo, Harry Potter, de posse da Varinha Anciã, durante sua jornada em busca de outras relíquias e, terceiro, Harry Potter com seu mentor Dumbledore durante um diálogo.

Apesar de as cenas se referirem à saga Harry Potter, as legendas dialogam com dois outros contextos. No primeiro plano, à frase “Voces não vao entrerem” (uma corrupção de “Vocês não vão entrarem”) refere-se ao pronunciamento da representante do grêmio estudantil Abre Alas; no segundo, “Fodase meu irmão” faz menção ao “Oh really? Fuck You Bro!” fala irritada da personagem Shrek na animação computadorizada de mesmo nome; e, no terceiro, “Nosa Reri Potter”, alusão à “Wow Shrek!”, repreensão dita pela princesa Fiona na mesma produção.

Na elaboração da peça, vários elementos intertextuais foram recombinaados e associados ao acontecimento ocorrido no dia 24 de outubro de 2016. Além disso, no último *frame*, ao grafar o nome da protagonista da saga do modo como se pronuncia (“Reri Potter”), o criador da peça

privilegia a fonética. Ao optar pelo “nosa”, em vez do “nossa”, infringe intencionalmente regras ortográficas, considerando a tensão entre escrita e pronúncia.

#### 4.3.2 “*Voces não vao entrarem*”: uma análise a partir da Gramática do Design Visual

Entendo, como Kress & van Leeuwen (2006), que as imagens não são apenas reprodução da realidade, estando relacionadas aos interesses das instituições sociais em que foram produzidas. Desse modo, para continuar a análise da figura 2, são pertinentes algumas considerações teóricas a respeito da Gramática do Design Visual.

Ora, as estruturas visuais do mesmo modo que as linguísticas, exteriorizam as interpretações particulares, estabelecendo modos de interação social. De acordo com Kress e van Leeuwen (2006), na comunicação visual, o significado de uma imagem é afetado pelas diferentes estruturas composicionais ou usos das cores, ou seja, as opções de composição de uma imagem determinam seus sentidos. Para os autores as imagens, além de transmitirem uma mensagem, funcionam como modo de representação, negociação de identidade e relações sociais, produzindo significados ideacionais, interpessoais e textuais.

Logo, numa imagem, cores, textura e proximidade entre leitor e participantes são aspectos relevantes, já que revelam um tipo de realidade e uma determinada visão de mundo. Além do mais, é preciso examinar os participantes da imagem, seus gestos, vestimentas, expressões faciais (KRESS e VAN LEEUWEN, 2006; SANTOS, 2009).

Os significados representacionais de uma imagem se dividem em narrativo e conceitual. Segundo SANTOS (2009, p. 35-37), no narrativo, o ator é o participante mais relevante na imagem, “seja pelo seu tamanho, posicionamento, contraste com o segundo plano, cor e foco”. No conceitual, os participantes podem fazer papel de subordinado ou de subordinador; ser parte de uma estrutura entre parte e todo ou ter um atributo simbólico.

Quando se analisa as representações visuais, é necessário considerar tanto as categorias narrativas como as conceituais. Assim, nos processos narrativos são admitidos as circunstâncias (instrumento, local, companhia) e os participantes (seres humanos ou não), que fazem algo para alguém ou recebem algo de alguém; já nos processos conceituais, os participantes existem, estão associados, são superiores ou subordinados a outros elementos visuais (KRESS e VAN LEEUWEN, 2006; SOUZA JÚNIOR, 2014).

Pelos significados interacionais, conforme Kress e van Leeuwen (2006), a natureza do relacionamento entre observadores e observador é estabelecida pelo: a) contato, ou seja, pela maior ou menor interação estabelecida com o leitor pelo olhar, que pode ser oferecimento ou

demanda; b) afinidade social, isto é, pelos tipos de enquadramento (plano fechado, plano médio ou plano aberto) são constituídos uma relação de maior ou menor distância social; c) atitude, ou seja, pelo tipo de ângulo são situadas as relações de poder (ângulo alto, no nível dos olhos ou baixo), realismo (cor, totalidade, pormenores, profundidade e luz) e orientação do código (naturalístico, sensorial, tecnológico e abstrato).

Consequentemente, os significados composicionais de uma imagem estão relacionados ao *layout*, que apresenta valores informacionais conforme a posição de seus elementos. Desse modo, se localizados à esquerda da folha são concebidos como de conhecimento do leitor, se localizados à direita, são apresentados como novos. Além do *layout*, ainda é preciso se considerar as conexões estabelecidas entre os elementos e os efeitos de cor, tamanho, contraste, cores e localização.

Dito isso, em relação aos significados representacionais, “Vocês não vão entrar” apresenta uma estrutura narrativa. No primeiro quadro, o mago Dumbledore é o participante mais proeminente da cena, o ator. A posição dos braços demonstra que ele é o subordinador. No segundo, o jovem bruxo Harry Potter é o ator, sendo o único envolvido na ação. O gesto com o braço esquerdo funciona como um vetor, ou seja, direção do movimento do participante. No terceiro, nota-se a presença do ator (Dumbledore) pela posição dos braços em sua meta (Harry Potter).

Quanto aos significados interativos, no primeiro quadro, não há contato visual com o observador, o que ocasiona um distanciamento. No segundo, apesar da postura furiosa, Potter estabelece um contato visual (olhar de demanda) em relação aos observadores, diminuindo o distanciamento entre eles. Essa distância média é reforçada pelo enquadramento em plano médio. O ângulo na linha dos olhos do participante estabelece uma relação de igualdade com o observador. No terceiro, os participantes não estabelecem nenhum contato visual com os observadores. A expressão facial de Dumbledore sugere preocupação e cuidado em relação a Harry Potter, que aparece na cena apenas como uma unidade de informação. No que tange ao enquadramento, a distância entre os participantes sugere uma relação familiar.

Analisando a peça, pode-se inferir que no primeiro plano, Dumbledore simboliza a presidente do grêmio estudantil e sua fala autoritária: “Vocês não vão entrar”. No segundo, a reação de Harry Potter (“Fodase meu irmão”) traduz a indignação dos estudantes que almejavam ter aula, mas foram impedidos de exercer seu direito. No terceiro, pode-se supor a surpresa do ator em relação ao participante e o provável pedido para se acalmar.

Quanto aos significados composicionais, nota-se que nos três planos os participantes ocupam o centro do quadro, denotando sua maior relevância. O real se aproxima do que é visto na imagem, sendo que as cores, bordas e sombreamento contribuem para que determinada parte da imagem se destaque aos olhos do observador. Nas palavras de Belmiro (2000, p. 16),

a relação entre o fundo e figura se mantém coerente e compreensível para quem vê, posto que é assegurada coesão interna à figura e sua relação no campo visual mantém contornos invariantes. O que é percebido, então, é visto como algo análogo, semelhante à realidade, caracterizando, assim, sua natureza icônica.

Nesse contexto, a *fanpage* Estadual Central pode ser entendida como artefato cultural, já que é o resultado de um processo de construção, que traduz experiências de membros, como os memes da internet nela produzidos (VALENTE, 2009). Desse modo, dependendo do modo como as relações entre os memes e os membros da *fanpage* são constituídas, diferentes níveis de interatividade são estabelecidos, ou seja, a sensação de interatividade proporcionada pelo contato é intensificada a partir das curtidas e comentários.

#### 4.3.3 “Hora do grêmio dxr tds emtrarem”

Na *fanpage* Estadual Central, os jovens também recorrem com frequência a suas próprias fotos. As imagens são *flashes* do cotidiano escolar e retratam funcionários, professores e colegas em cenas engraçadas. Como se vê na figura 3, quando realizada, a foto flagrava o monitor escolar numa clara repreensão a algum aluno atrasado. No novo contexto, são os representantes do grêmio estudantil que levam a reprimenda.

**Figura 3** – Hora do grêmio dxr tds emtrarem



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/CanalhasDoCentral>. Ano 2018.

Nota-se que o criador do meme faz opção pelo internetês. Nesse caso, as palavras “deixar” (dxr) e “todos” (tds) são escritas sem a presença das vogais. Aliás, ao grafar “entrarem”, há uma clara intenção de infringir as regras ortográficas da norma culta.

Relacionando as peças até o momento analisadas, entendo que os jovens secundaristas da escola Governador Milton Campos trazem à tona, no grupo, questões muitas vezes ausentes do currículo escolar. Memes como “Senhora cadê os 6 mil reais” e “Vocês não vão entrarem” mostram que os jovens estão atentos ao “viver-conviver na sociedade”, indicando que eles não estão alheios aos conflitos que envolvem as relações sociais, raciais, de gênero e de poder (ARROYO, 2014, p. 159).

#### 4.3.4 “Coisas que eu gostaria de comer agora”

No dia 25 de outubro, em meio às postagens de memes que criticam as ocupações estudantis e as ações do grêmio estudantil Abre Alas, um integrante do grupo surpreende com uma peça completamente diferente do assunto que estava fervilhando no momento. Apenas uma postagem (“Eu queria só entrarem no curassaum dela”) retomou a expressão memética “Vocês não vão entrarem” que, naquela semana, tinha mobilizado os integrantes do grupo.

O meme intitulado “Coisas que eu queria comer agora” traz três imagens de guloseimas e a foto de uma garota, conforme se pode observar na figura 4.

**Figura 4** – Coisas que eu queria comer agora.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/CanalhasDoCentral>. Ano 2018.

O meme teve 97 curtidas e 70 comentários. Verificando a peça, pude perceber que os integrantes da página reagiram de três modos diferentes: a) primeiro, houve aqueles que

julgaram o meme como “pesado”, ou seja, uma peça desrespeitosa e de mal gosto; b) segundo, houve aqueles que consideraram a peça engraçada, postando gargalhadas (kkk) ou “chorando de rir” (hahaha); c) terceiro, houve quem avaliasse a produção como digna de premiação, sendo seu criador elogiado e chamado de mito<sup>27</sup>.

No entanto, o que despertou meu interesse foi a forma como alguns comentários se apresentaram, trazendo um novo elemento para reflexões sobre memes da internet enquanto prática comunicativa. Assim, em vez de uma postagem em linguagem verbal, os *posts* exibiram outras peças, que foram produzidas em resposta ao “Coisas que eu queria comer agora”.

Dos 70 comentários referentes à publicação, 10 recorreram a memes como forma de interação, como se pode ver na captura de tela a seguir (imagem 4).

---

<sup>27</sup> Na linguagem dos jovens, mito é aquela pessoa que realiza feitos extraordinários. Disponível em <https://www.brasil247.com/pt/colunistas/lucianaoliveira/321733/O-significado-da-palavra-%E2%80%98mito%E2%80%99-a-Bolsonaro.htm> Acesso em 21 fev. 2019.



A partir desse exame, pode entender que, na *fanpage* Estadual Central, o meme da internet se configura como artefato cultural de representação, já que desenvolve uma relação comunicativa com o grupo. Pelos memes, não apenas mensagens são transmitidas, mas também conceitos, ideologias e visões de mundo.

#### 4.4 “Novas normas pra escola?”

Na *fanpage* Estadual Central, existe uma teia de relações e sentidos que extrapolaram a sala de aula. No grupo, os jovens mostram, por vezes, aquilo que ficou restrito aos pátios durante os horários vagos ou intervalos. Conteúdo esse muitas vezes desconhecidos por gestores e professores.

Os memes da internet confeccionados pelos membros do grupo relacionam-se aos acontecimentos ocorridos antes ou durante o período da coleta do *corpus*. Apesar de parte do *corpus* apresentar peças que foram produzidas tendo como teor as relações de afeto, a maioria dos memes coletados têm como propósito questionar padrões de conduta, reclamar, discordar ou condenar posturas dos sujeitos da instituição escolar, como se pode conferir na figura 5 abaixo.

Figura 5 – novas normas pra escola?



“Sugestão da diretoria”<sup>28</sup> surgiu no site Reddit e popularizou-se pela *web*, tornando-se um meme. A tirinha ironiza o comportamento de chefes e funcionários, mostrando que a melhor solução para o problema sempre é a descartada, já que seu autor é arremessado pela janela. As cópias desse meme sofrem pequenas alterações, sendo comum apenas a mudança dos dizeres dos balões.

No meme criado para o grupo do Estadual Central, seu produtor, por meio de uma colagem, substitui o rosto do chefe da repartição pela ilustração da bolacha Trakinas, em uma alusão ao diretor em exercício da escola Governador Milton Campos no ano de 2017. O gestor, por ser afrodescendente, recebeu esse apelido por ter sua aparência associada ao biscoito de chocolate.

Detalhes dos acontecimentos que envolvem a mudança da direção da escola não cabem neste texto, mas é relevante mencionar que, no segundo semestre de 2016, o diretor eleito anteriormente foi afastado de seu cargo e um interventor foi escolhido pela Secretaria de Educação do Estado (SEE) para substituí-lo.

O novo diretor assume uma linha mais severa em relação ao cumprimento das normas e regras da escola, não conquistando a simpatia de muitos estudantes, que protestam contra a postura adotada por ele. Nesse contexto, os memes da internet surgem como modo de mobilizar-se contra normas e outras adversidades escolares, humorizando situações que envolvem colegas ou criticando sobre os posicionamentos da direção.

#### **4.5 “Volta às aulas” e a Gramática do Design Visual**

Compreendo como Kress e van Leeuwen (2002) que o uso das cores atende aos interesses específicos dos criadores dos signos, sendo um modo de comunicação por si só. Para os autores, existe um entendimento de que a cor está primariamente relacionada ao afeto. De acordo com a função ideacional de Halliday (1978), as cores podem ser utilizadas para identificar pessoas, lugares, objetos ou ideias.

Além disso, as cores apresentam valores aos contextos de situações específicas, ou seja, são usadas pelas pessoas para acalmá-las ou energizá-las. E mais, podem impressionar ou transmitir intimidação. Desse modo, se as cores de um objeto podem levar a um acordo, sua repetição empresta valor simbólico, por exemplo, o azul de uma embalagem de sabão repete a sensação de frescor.

---

<sup>28</sup> Disponível em <https://noticias.uol.com.br/tecnologia/album/2013/02/22/meme-que-ironiza-comportamento-de-empresas-e-usuarios-se-populariza-na-web-veja-piadas.htm?mode=list&foto=1> Acesso em 14 jan. 2019.

As cores assumem valor pelo brilho ou opacidade, apresentam-se coordenadas para melhorar o nexu textual ou contribuem para práticas semióticas cada vez mais globais. Por consequência, elas se referem às três metafunções propostas por Halliday (1978): a) a função ideacional, que visa construir representações do mundo; b) a interpessoal, que objetiva encenar (ou ajudar a decretar) interações com propósitos sociais específicos; c) textual, que tem por finalidade organizar os atos comunicativos nos eventos.

As cores podem excitar, inspirar sentimentos, perturbar e assim por diante. De acordo com Kress e van Leeuwen (2002), foi o gravador LeBon que, no início do século XVIII, distinguiu entre matiz (as diferentes cores) e valor (os tons dessas cores em termos de luz e escuridão), apresentando um sistema com três cores primárias (amarelo, azul e vermelho) e dois valores (preto e branco). No entanto, foi o escritor, romancista, dramaturgo e filósofo alemão Johann Wolfgang von Goethe, que primeiro reconheceu o significado da cor como efeito.

Embora as cores em si possam ser padronizadas, seus significados dependem dos diferentes contextos. Em outras palavras, embora químicos, pintores e psicólogos tenham usado as cores para fins específicos, por exemplo, nos mapas a cor azul indica sempre lagos, rios e oceanos; na vida cotidiana, uma mesma cor pode ter conotações diferentes dependendo da época, lugar ou cultura. De mais a mais, as cores carregam um conjunto de significados de acordo com suas necessidades comunicativas e interesses em um determinado contexto. Em alguns casos, sua escolha será altamente regulamentada pela autoridade de especialistas ou por regras explícitas ou implícitas; em outros casos, sua produção será relativamente livre, como é o caso de interpretação de arte.

Essas ponderações podem ser observadas na figura 6, que apresenta um dos eventos mais esperados por veteranos e calouros da Escola Estadual Governador Milton Campos: o dia do trote.

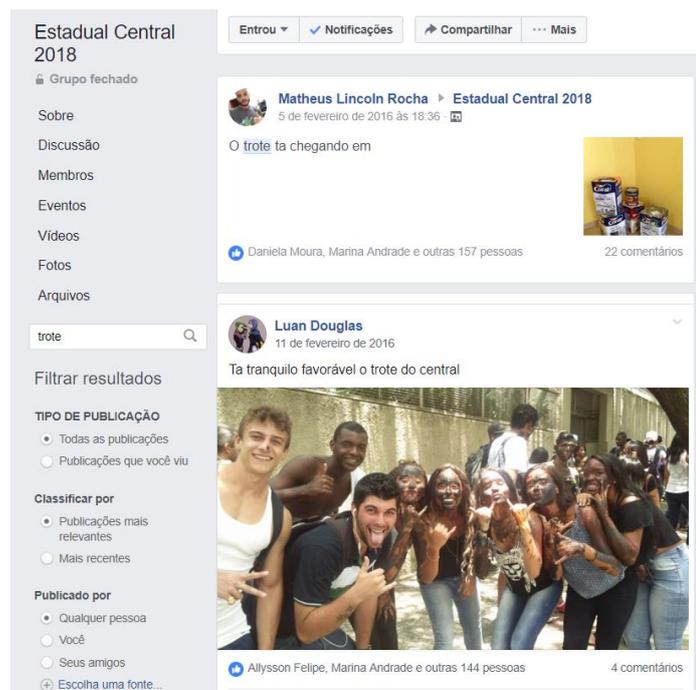
**Figura 6** – volta as aulas.



O criador do meme “volta as aulas” recorre a uma publicidade das tintas Suvinil bastante conhecida na mídia. Na imagem, as cores vermelho, azul e amarelo explodem das latas, numa clara alusão ao “esquema de cores de Mondrian”, pintor holandês, criador do Neoplasticismo, movimento artístico de arte abstrata. Esse esquema tornou-se chave da modernidade por expressar a força e a harmonia por meio de cores primárias aplicadas de forma arbitrária (KRESS e VAN LEEUWEN, 2002). Tendo conhecimento ou não dessas informações, a peça cumpre com sua finalidade: associar as tintas ao trote do Central, já que os calouros levam um banho de tinta (ou quase) no primeiro dia de aula.

“O trote do Central” é um evento promovido pelo grêmio estudantil Abre Alas e conta principalmente com a participação dos estudantes do segundo ano, que pintam, com tinta guache, o rosto e roupas dos novos alunos. A ação dos jovens, vista como forma de interação, sempre acontece no primeiro dia de retorno às aulas nas proximidades do portão de entrada da escola. A brincadeira é aguardada tanto por veteranos como calouros e, na *fanpage*, vários memes da internet e postagens anunciam o acontecimento. Além disso, os jovens também costumam registrar o fato postando fotografias e comentários na página, conforme a imagem 5.

**Imagem 5** – Captura de tela mostrando as interações realizadas sobre o trote do Central.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/CanalhasDoCentral>. Ano 2018.

É importante ressaltar que o trote estudantil teve origem na Europa em plena Idade Média, sendo caracterizado como um rito de iniciação<sup>29</sup>. Embora seja comum notícias veiculando-o a situações de abuso e violência, na escola Governador Milton Campos, o evento é o modo que os estudantes veteranos usam para dar boas-vindas aos calouros.

Diante do exposto, acrescenta-se que essa proposta de análise reuniu o estudo de imagem e texto, considerando as compreensões do uso da cor como recurso semiótico (KRESS e VAN LEEUWEN, 2002) e da linguística sistêmico-funcional (KRESS e VAN LEEUWEN, 2006; SOUZA JÚNIOR, 2014). Também foram averiguados os contextos em que um determinado meme ou expressão memética se mostraram favoráveis ao aparecimento de novas peças (SOUZA JÚNIOR, 2015).

#### 4.6 “Dia normal no Central”

A palavra “aula”, do latim “aula”, do grego “aulé”<sup>30</sup>, é usada, na contemporaneidade, para designar o período em que professor e alunos dispensam ao processo de ensino-aprendizagem. Uma aula pode acontecer dentro ou fora das instituições educacionais e envolve a ação do docente que, por meio de um planejamento, ministra um conteúdo, com objetivos voltados para o desenvolvimento do estudante. A concepção tradicional de aula inclui dois personagens: o professor, visto como o ser dotado de conhecimento e o aluno, o indivíduo que recebe a formação.

Depois desse preâmbulo, começo a análise do meme “dia normal/PAC” (figura 7). A peça é uma montagem de duas fotografias distintas, que compõem os dois planos: na parte superior, o jardim e parte da construção da escola Governador Milton Campos, projeto do arquiteto Oscar Niemeyer<sup>31</sup>, podem ser visualizados e, na parte inferior, no lado direito, um jovem se destaca por sua gargalhada, enquanto ao fundo, percebe-se o rebuliço de outros sujeitos.

---

<sup>29</sup> Disponível em <https://veja.abril.com.br/educacao/a-origem-medieval-do-trote-universitario/> Acesso em 17 jan. 2019.

<sup>30</sup> Disponível em <https://www.gramatica.net.br/origem-das-palavras/etimologia-de-aula/> Acesso em 17 jan. 2019.

<sup>31</sup> Os edifícios que compõem a Escola Estadual Governador Milton Campos possuem a forma de objetos escolares: o auditório reproduz o mata-borrão, antigo objeto usado para absorver tinta; as salas de aula, uma régua; a caixa de água, o giz e a cantina, a borracha. O traçado da construção mostra as linhas mais modernas da técnica arquitetônica. Disponível em <http://www.belo Horizonte.mg.gov.br/local/atrativo-turistico/artistico-cultural/arquitetura/escola-estadual-governador-milton-campos>. Acesso em 17 jan. 2019.

Figura 7 – dia normal/PAC.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/CanalhasDoCentral>. Ano 2018.

No primeiro plano, abaixo do título “dia normal/PAC”, com letras destacadas, aparece a palavra “truco”, jogo de cartas predileto dos jovens estudantes; a seguir aparecem “corre Zé”, expressão memética que convida para a fuga; “cadê o Batista?” referência ao monitor escolar mais conhecido entre os alunos e “Kd o Braga?”, menção ao vice-diretor da escola na época. No centro, o convite “vamo pra liba” (alusão à Praça da Liberdade) sugere uma escalada até o local. No lado direito, “fora Temer” faz o trajeto contrário, indicando o desejo popular de que o presidente em vigor fosse derrubado. Entre escalada e queda, aparecem as expressões “sexo”, “vamo fechar?”<sup>32</sup> e “tô de horário vago”<sup>33</sup>. Esse é o “dia normal”! Nota-se que ele está bem distante da versão tradicional de escola e de aula.

<sup>32</sup> No ano de 2013, grupos de jovens em diversas cidades do país promoviam encontros em parques, estacionamentos e shoppings, conhecidos como “rolês”. Esses encontros não eram bem vistos pelos comerciantes, que ao perceberem a presença dos jovens, fechavam suas lojas, temendo arrastões. No linguajar dos jovens, a expressão “Vamo fechar?” assume a ideia de anuência ou concordância com determinada ação. Disponível em <http://www.museudememes.com.br/sermons/rolezeiras/> Acesso em 17 jan. 2019.

<sup>33</sup> Infelizmente essa é uma realidade em muitas escolas públicas brasileiras: professores não comparecem para trabalhar por motivos de saúde ou questões particulares, deixando alunos confinados, na escola, sem nenhuma atividade pedagógica.

No segundo plano, apresenta-se o contraponto ao “dia normal”: o dia de provas. Prova por Área do Conhecimento (PAC) é o nome da temida avaliação bimestral, que segue o modelo do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Embora seja conhecida pelos resultados negativos, a avaliação faz parte do calendário oficial, sendo parte da tradição da escola Governador Milton Campos. Assim, no dia de sua aplicação, nada mais comum que apelar para a fé: “Pai nosso que estás nos céus, santificado seja vosso nome.” Ainda no quadro, veem-se interjeições próprias do linguajar dos jovens no seu cotidiano: “levanta a mão fdp (filho da puta)”, “aaooo bom bom”. E, mais uma vez, a palavra “truco” aparece, mas agora como se fosse gritada pelo jovem.

A análise do meme “dia normal/PAC” não termina aqui. Ainda cabe mencionar as circunstâncias em que a foto utilizada no segundo plano foi realizada. Desse modo, ao buscar o contexto que motivou a criação de mais um meme da internet na *fanpage* Estadual Central, deparei-me com a conjuntura em torno da mobilização juvenil de 2016. A foto usada para compor o meme, foi postada na *fanpage* em 28 de outubro de 2016, quatro dias depois que professores e estudantes da escola Governador Milton Campos foram impedidos pelo grêmio estudantil de entrar na escola para suas atividades.

Vamos aos fatos: tudo começou quando representantes do Movimento Brasil Livre<sup>34</sup> (MBL), entidade de direita, que defende o liberalismo econômico e o republicanismo, invadiram a escola para protestar contra a ocupação liderada pelo grêmio estudantil Abre Alas. O protesto se transformou num enfrentamento, sendo necessário a intervenção policial. Foi justamente no momento dessa contenda, que o jovem estudante realizou sua *selfie*.

O estudante ao postar na página sua foto, fez o seguinte comentário: “Eu vendo a treta da esquerda x direita”. A postagem teve 621 notificações entre curtir, amei e Haha (emojis que traduzem o estado emotivo do usuário) e 159 comentários. Os comentários sobre a foto começaram com a costumeira gargalhada (kkk), mas gradualmente os ânimos foram se acalorando e a discussão ficou polarizada entre dois membros: o jovem da foto, que era acusado de ser mal informado e outro integrante do grupo, que era julgado por ser de direita e posiciona-se contra o grêmio estudantil.

Aliás, o meme “dia normal/PAC” apresenta construção multimodal, isto é, uma imagem, distribuída digitalmente, de maneira multimidiática, vinculada a uma legenda, cumpre com fins sistematizados pela linguagem (SOUZA JÚNIOR, 2014). Acrescenta a isso que, no segundo

---

<sup>34</sup> Composta por jovens com menos de trinta anos, a MBL ficou conhecida pelos discursos contundentes de seus líderes Kim Kataquiri e Fernando Holiday. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento\\_Brasil\\_Livre](https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Brasil_Livre) Acesso em 18 jan. 2019.

quadro da peça, existe a organização e estrutura dos elementos visuais, ou seja, embora distorcido, o rosto do jovem (ator) aparece na frente, à direita e iluminado. Os demais envolvidos no ato aparecem foscos ou borrados nas margens, no fundo do cenário da imagem (SOUZA JÚNIOR, 2015).

Há mais um aspecto para se ressaltar sobre o “dia normal/PAC”: a peça foi publicada inicialmente, em 11 de julho de 2017, em outra página administrada por alunos da escola Governador Milton Campos – a Central da Depressão e compartilhada em 20 de maio do mesmo ano na *fanpage* Estadual Central. Ainda é necessário esclarecer que a expressão “dia normal” nasce no contexto da página Central da Depressão, conforme mostro a seguir.

#### 4.6.1 “*Mais um dia normal no Central*”

A expressão memética “Mais um dia de aula normal no central”, ou simplesmente “dia normal”, é outro complexo de memes que mostra os alunos em atividades completamente diferentes daquelas consideradas pedagógicas. Daí advém a ironia e humor dos memes. As peças desse conjunto foram postadas inicialmente na Central da Depressão, página também administrada por alunos da escola Governador Milton Campos. Como se nota os jovens são usuários das duas páginas, compartilhando conteúdo entre elas.

Esse conjunto de memes foi analisado levando em consideração a abordagem integradora de Souza Júnior (2014), que se baseia, por sua vez, nas metafunções da linguagem de Michael Alexander Halliday (1978). De acordo com essa proposta teórica, as metafunções permitem que indivíduos entendam e interpretem suas experiências, direcionando suas mensagens à própria audiência ou organizando, sistematizando e distribuindo essas mensagens aos outros pela interação (SOUZA JÚNIOR, 2014).

Os memes “dia normal”, em sua maioria, são vídeos ou fotos que flagram os estudantes em situações inusitadas para uma escola. Em algumas peças, os alunos debandam da escola, aproveitando um muro que caiu; em outras, a sala de aula se transforma em uma lanchonete, quando cafés e sanduíches são servidos, como se vê na imagem 6.

**Imagem 6** – Captura de tela das postagens nomeadas “Mais um dia normal no central”.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/CanalhasDoCentral>. Ano 2018.

Em outros momentos do “dia normal”, alunos escalam as paredes da escola ou a sala de aula é o palco de dança, em que os jovens mostram seus “passinhos” de funk (ritmo musical preferido da juventude ao lado do sertanejo). Vale ressaltar que todas essas situações acontecem nos horários vagos.

Os memes “Mais um dia normal no central” foram criados, publicados e compartilhados entre os meses junho e agosto de 2017, depois pouco a pouco caíram no esquecimento.

Examinando esse conjunto de peças, percebi que existe um desencontro entre como os jovens se veem e como eles são vistos pelos adultos. Na *fanpage* Estadual Central, os jovens reagem aos ocultamentos, apresentando comportamentos que muitas vezes incomodam aos adultos. No entanto, não se pode deixar de refletir sobre o quanto essas vivências geram de saberes.

#### 4.7 Os memes associados

A *fanpage* Estadual Central não se constitui apenas como local de permutas pessoais, ela também funciona como espaço de competições e conflitos. Os memes produzidos pelos membros do grupo mostram a tensão entre o “ser jovem” e o “ser aluno”. As peças expõem o posicionamento dos jovens diante da imposição de normas ou revelam estratégias de transgressão a essas regras. Entendo que, na página, novos roteiros sociais são criados e executados pelos jovens. O que para muitos não passa de insubordinação e desrespeito, vai se configurando como uma nova ordem, que muitos adultos se obstinam em negar.

Essas ponderações podem ser confirmadas nas duas peças a seguir. O formato do “cérebro expandido” é um tipo de meme muito encontrado na *fanpage* Estadual Central. Embora a imagem de cérebros em atividade sejam recorrentes na *web*, faltam explicações sobre sua origem. Normalmente a peça apresenta três ou quatro planos em que a atividade cerebral vai aumentando à medida que determinadas ações são desencadeadas. A figura 8, por exemplo, apresenta quatro imagens de expansões cerebrais associadas a legendas que mostram uma sequência de questionamentos.

**Figura 8** – De que é feito o universo?



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/CanalhasDoCentral>, ano 2018.

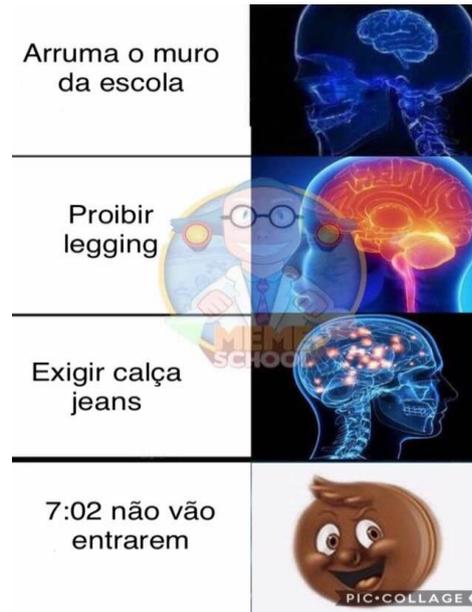
Na ilustração inicial, o cérebro inativo mostra a seguinte questão: “De que é feito o universo?”. Na segunda, o cérebro com sinais de atividade vem acompanhado da dúvida: “O

que há no fundo de um buraco negro?”. A terceira imagem apresenta um cérebro bem iluminado, sugerindo grande desenvolvimento, ao lado de “Como é possível acreditarem que a Terra é plana?”. E, por último, a imagem exhibe um cérebro completamente expandido (o supercérebro) trazendo a seguinte indagação: “Pq que em toda treta do Central sempre sobra pro Pedro Afonso?”.

Nota-se que três questões estão associadas ao discurso de autoridade das ciências. A primeira pergunta ainda não pode ser complementarmente respondida, já que os cientistas não sabem do que 95% do universo é feito. A segunda tem sua resposta a partir da Teoria da Relatividade Geral. A terceira é uma constatação do cientista Galileu Galilei, aceita pelas pessoas desde o século XVII. A quarta pergunta apresenta o inusitado: o jovem Pedro Afonso, aluno da escola Governador Milton Campos, também conhecida por Estadual Central, sempre está envolvido em armações e mesmo que ele não tenha agido em desacordo com as normas escolares, ele sempre é acusado de tê-lo feito.

Foi o contato com a obra *Supercérebro*, de Deepak Chopra e Rudolph E. Tanzi, que me permitiu compreender o sentido desse formato de meme da internet. Para Chopra e Tanzi (2013), o cérebro por meio de suas células nervosas forma conexões que se reorganizam constantemente para dar resposta ao mundo ao redor, precisando ser provocado para que se tornar mais desenvolvido. Logo, quando os indivíduos ativam corretamente seus cérebros atingem uma consciência superior. O humor do meme ocorre porque ações ou comportamentos nobres nunca levam à expansão do cérebro. Nas peças, o evento mais insignificante ou sem fundamento é aquele que possui a capacidade expandir completamente a mente.

É importante ressaltar que o espaço virtual ainda permite aos jovens opinar sobre as regras escolares, participação essa muitas vezes impossível fora da comunidade *on-line*. Além disso, a *fanpage* se mostra como espaço de troca de informações gerais sobre as atividades desenvolvidas na escola. Na figura 9, que segue o mesmo raciocínio da peça anterior, as ações de interesse público ou situações emergenciais não causam nenhum impacto no cérebro, que permanece adormecido; mas os eventos menos significantes ou circunstâncias que poderiam ser aceitas são vistas como intoleráveis. Nesse caso, ao assumirem uma relevância maior, ativam o cérebro inteiramente.

**Figura 9 – Diretor Resposta.**

Fonte: <https://www.facebook.com/groups/CanalhasDoCentral>. Ano 2018.

Podemos notar uma recombinação bem surpreendente no meme “Diretor Resposta”. A peça dialoga com as três ocorrências meméticas discutidas anteriormente: a) cérebro expandido, b) vocês “não vão entrarem” e c) a bolacha Trakinás, alusão ao diretor que exige rigor no cumprimento dos horários.

A escolha do conjunto de memes associados, presente nesse *corpus* de análise, partiu de categorias previamente identificadas, com a intenção de manter a heterogeneidade interna do complexo de memes (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2011). A seleção ainda se caracterizou por ser “bola de neve”, ou seja, um primeiro meme permitiu que vários outros fossem identificados.

Nesse contexto, ousou dizer que a criação de memes permitem aos jovens pensar criticamente. Além disso, entendo que espaços como a *fanpage* Estadual Central podem proporcionar uma experiência educativa, uma vez que o engajamento participativo pode potencializar o processo de aprendizagem escolar ao estimular a capacidade de reflexão.

#### **4.8 *Spotted*: receber ou não receber, eis a questão**

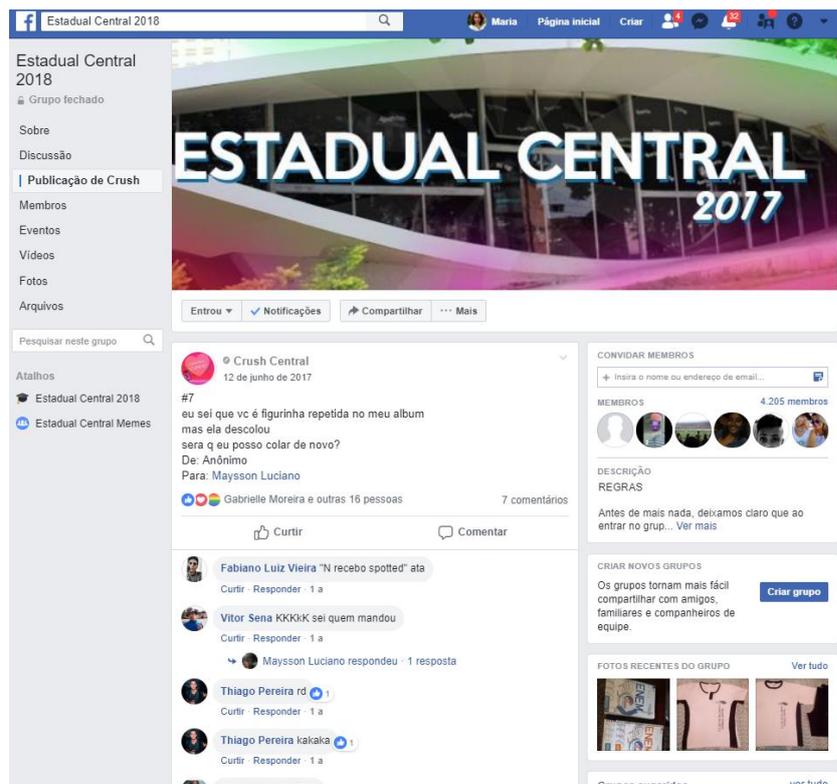
O ciberespaço é hoje um lugar completamente vinculado ao mundo real. A cada dia as ferramentas de mídia social coordenam eventos do mundo físico, tornando-se parte da vida real. Sob esse ponto de vista, SHIRKY (2011, p. 61) afirma que, devido às oportunidades

viabilizadas pelas ferramentas de mídia social, o tempo disponível dos sujeitos cada vez mais tem sido investido em “projetos que variam da diversão à transformação cultural”.

Isso exposto, apresento outro evento que sensibilizou os membros da *fanpage* Estadual Central: o correio elegante eletrônico, também conhecido como *spotted*. A prática do correio elegante não é recente, sendo muito comum em festas juninas ou festas beneficentes; entretanto a ideia se modernizou e a entrega anônima de um bilhete para a pessoa alvo do interesse passou a acontecer pelas redes sociais virtuais.

A ideia do *spotted* (do inglês “visto”) foi importada de universidades estrangeiras, popularizando no Brasil a partir de 2013. Na *fanpage* do Estadual Central, a nova forma de paquerar teve seu início em 2017, sendo seu auge em junho do mesmo ano, mês dos namorados. No entanto, é necessário comentar que a *fanpage* investigada apenas serviu de divulgação para o evento do *spotted*, quando muitos compartilhamentos renderam diversos comentários, como se pode ver na imagem 7.

**Imagem 7** – Captura de tela com comentários sobre um *spotted* compartilhado da *fanpage* Crush Central.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/CanalhasDoCentral>. Ano 2018.

É importante esclarecer que o envio dos “bilhetinhos” eletrônicos anônimos (ou não)<sup>35</sup> e seu posterior encaminhamento às pessoas desejadas aconteceram pela Central Crush, outra página administrada por alunos da escola Governador Milton Campos.

Toda a movimentação do evento criou expectativas e memes, uma vez que os membros que recebiam os *spotteds* vangloriavam-se sobre o fato e aqueles que não recebiam lamentavam o ocorrido. E esse lamento aconteceu, na maioria das vezes, em forma de memes da internet, como se pode ver na figura 10.

**Figura 10** – Eu vendo as pessoas receberem spotted e sem ganhar nenhum...

Eu vendo as pessoas receberem spotted e sem ganhar nenhum...



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/CanalhasDoCentral>. Ano 2018.

O meme “Eu vendo as pessoas receberem spotted e sem ganhar nenhum...” traz a imagem de Pepe, o anfíbio mascote do site 4chan<sup>36</sup>: Pepe e o bordão “Feels good man”<sup>37</sup> foram criados por Matt Furie como uma piada voltada para o Gaia Online, site de fóruns dedicados a animes. Também conhecido como o “sapo sentimental”, Pepe é uma personagem que representa a tristeza existencial, sendo muitas vezes identificado com os sentimentos de baixa autoestima dos jovens.

<sup>35</sup> Em vários *spotteds* compartilhados da Central Crush, observa-se não apenas a identificação do (a) jovem que é alvo da paixão como do (a) que está enamorado (a).

<sup>36</sup> O 4chan é um site, com regras mínimas de publicação, que possui sub-fóruns dedicados a vários assuntos como mangá, anime, jogos eletrônicos, música, literatura, política e esportes. O site é bem popular, sendo um dos responsáveis de popularizar os memes da internet. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/4chan>. Acesso em 20 jan. 2019.

<sup>37</sup> A tradução livre de “Feels good man” aproxima-se de “É bom cara!” expressando algo que dá sensação de prazer físico.

Perante o exposto, acrescento que ao realizar um movimento iterativo entre a coleta de dados e a análise, pela amostragem intencional, tencionei apresentar peças ricas em informações para uma análise mais profunda (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2011). Embora o meme da internet pudesse ser abordado quantitativamente, adotei a abordagem qualitativa por entender que apenas assim me aprofundaria nas singularidades do campo investigado.

#### 4.9 Uma análise a partir da taxonomia dos memes

Ao compreender o meme da internet enquanto artefato cultural, levei em consideração as circunstâncias socioculturais em que os sujeitos estavam envolvidos e suas intenções comunicativas. As peças produzidas pelos jovens traduziram suas “experiências, sensibilidades e saberes” que, muitas vezes, “não cabem nos padrões ou cânones culturais e nas propostas curriculares escolares” (VIANA, 2014, p. 258).

Os dez memes da internet analisados reproduziram sentimentos, reivindicações, provocações, trocadilhos e ironias dos membros da *fanpage* Estadual Central, podendo ser caracterizados, de acordo com Shifman (2014), como de “discussão pública”. Paralelamente a essas concepções a respeito das práticas comunicativas, considerei ainda as particularidades que as peças apresentaram a partir da proposta de Recuero (2007).

Sob esse ponto de vista, ao examinar os atributos originais dos memes presentes no *corpus* de análise, entendi que eles se classificavam como “miméticos”; pois, embora sofressem mutações e recombinações, tinham sua estrutura inalterada, sendo facilmente reconhecidos como imitações.

Dos dez memes analisados, a expressão “Vocês não vão entrarem” (e suas variações) apresentou o maior tempo de sobrevivência na *fanpage*, sendo identificada como “persistente”. Originado em outubro de 2016, esse meme foi o que mais gerou réplicas, recombinações e comentários no grupo.

As peças apresentadas no *corpus* de análise ainda puderam ser classificadas como “fecundas”; pois, apesar de serem aceitas pelos membros da *fanpage*, tendo quantidade relevante de alusões, não se espalharam para diferentes redes sociais, permanecendo nos grupos fechados criados pelos alunos (ou ex-alunos) da escola Governador Milton Campos, como Central da Depressão e Crush Central.

Sob esse ponto de vista, os memes compartilhados na *fanpage* possuem um alcance “local”, já que o pequeno grau de separação entre os membros permite maior interação. Nessas condições, o laço social presente no grupo é caracterizado como forte.

Isso exposto, acrescento que os memes da internet compartilhados na *fanpage* Estadual Central ainda foram analisados levando em conta a abordagem integradora proposta por Souza Júnior (2014). Em outras palavras, primeiro, foram examinados os modos de produção do conjunto de memes para depois analisar para quem essas unidades foram direcionadas, identificando ainda as relações originadas do processo de divulgação desses elementos (SOUZA JÚNIOR, 2015).

Nesse aspecto, a produção e compartilhamento de memes da internet, configurou-se como uma maneira de conhecer a si mesmo e de reconhecer o outro. Como Dayrell e Carrano (2014), entendo que os jovens transitam por diversos espaços culturais de modo bem espontâneo. E, diante da velocidade das informações do mundo contemporâneo, eles interagem mutuamente com dimensões locais e globais, mesclando singularidades e universalidades.

Para finalizar essa análise, ressalto que, além da interpretação dos resultados e da aplicação das categorias para exame, busquei identificar quais padrões de forma foram conservados nas replicações (SOUZA JÚNIOR, 2014).

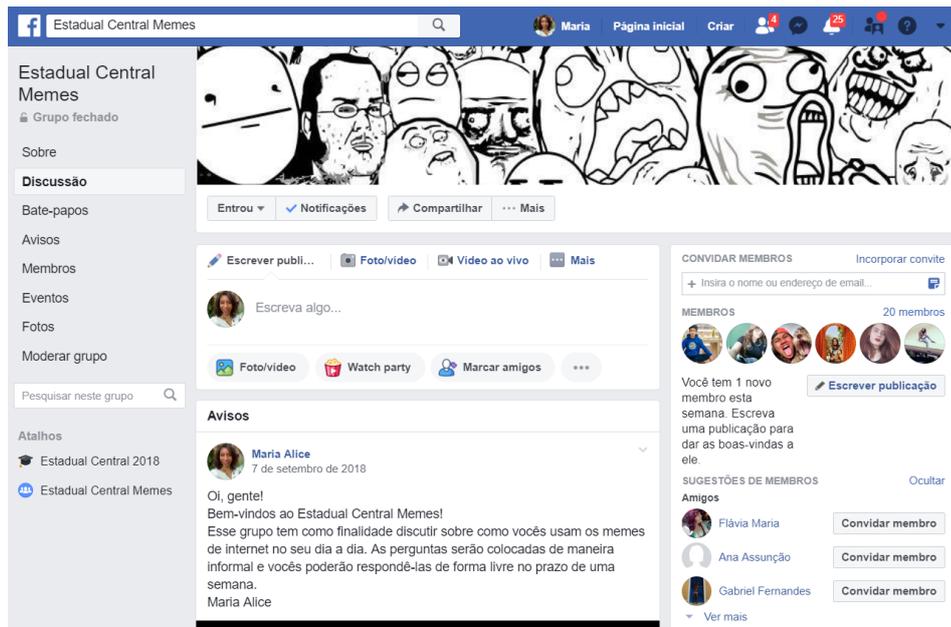
Esse capítulo mostrou as particularidades do campo investigado, analisando os memes da internet produzidos pelos membros da *fanpage* Estadual Central. Seguindo as considerações de Recuero (2007), quanto à fidelidade (atributos originais), as peças apresentaram recombinações, embora sua essência permanecesse a mesma. Quanto à longevidade (tempo de sobrevivência), notou-se que o complexo de memes “Vocês não vão entrarem” replicou durante um longo espaço de tempo. Quanto à fecundidade (quantidade de replicações), percebeu-se que as peças apenas se espalharam por grupos menores. Quanto ao alcance (tipos de nós que atinge), averiguou-se que elas foram propagadas entre indivíduos próximos que interagem frequentemente.

## 5 O QUE DIZEM OS JOVENS SOBRE O MEME DA INTERNET

Diferente do que o senso comum pensa, além de ser fonte de autoconhecimento, as redes sociais virtuais têm reunido afinidades, facilitando os relacionamentos entre os jovens. De acordo com Dias (2016), ao completar os encontros face a face, a internet fornece aos jovens um espaço próprio. A autora ainda afirma que, como usuários ativos das redes sociais, os jovens criam, adicionam e controlam suas postagens nesses locais, manipulando as informações de acordo com seus gostos e compartilhando-as com o público de sua preferência, dando às redes sociais uma característica de rede rizomática<sup>38</sup>.

Diante dessa constatação, ao constituir um grupo fechado no Facebook, composto por 20 membros, tive como intenção reunir os voluntários da pesquisa em um ambiente que lhes fosse familiar. O grupo intitulado “Estadual Central Memes” tornou-se, assim, o local para contatar os voluntários, conforme se pode ver na imagem 8.

**Imagem 8** – Captura de tela da página inicial do grupo fechado Estadual Central Memes, criado especificamente para a coleta de dados.

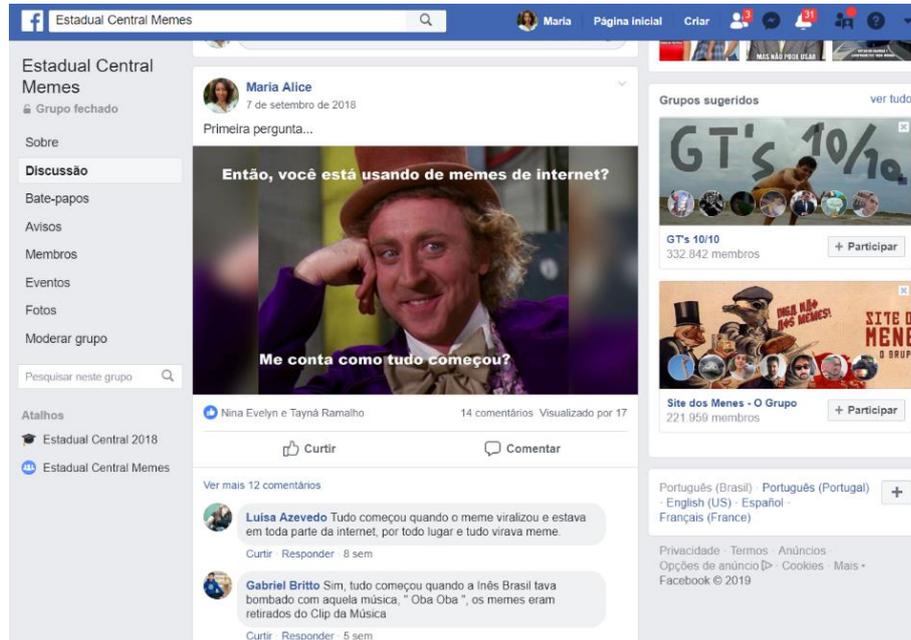


Fonte: Própria. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/239878116658046/>. Ano 2018.

<sup>38</sup> Originado da Botânica, o adjetivo “rizomático”, refere-se a rizoma, isto é, caule em forma de raiz. Na filosofia, o termo ilustra o modo de organização do conhecimento que se assemelha a uma raiz, da qual originam vários ramos sem uma relação de subordinação. Disponível em <https://www.dicio.com.br/rizomatico/>. Acesso em 12 jan. 2019.

Para que os participantes da pesquisa se sentissem confortáveis em relação à coleta de dados, elaborei um questionário com oito perguntas em formato de meme da internet (APÊNDICE IV), como se pode verificar na imagem 9.

**Imagem 9** – Captura de tela do questionário virtual em formato de memes aplicado no grupo fechado criado especificamente para a coleta de dados.



Fonte: Própria. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/239878116658046/>. Ano 2018.

## 5.1 Percalços da coleta de dados

Como dito anteriormente, embora tivessem respondido ao questionário de sondagem, os voluntários da fase inicial da pesquisa não responderam ao convite para participarem do grupo fechado. Diante desse silêncio, resolvi procurar por outros membros da *fanpage* na própria escola Governador Milton Campos.

Diante da necessidade de alterar a maneira de me aproximar dos integrantes da *fanpage* Estadual Central para prosseguir com minha pesquisa, compreendi que as redes sociais virtuais não me isentaram de estar fisicamente no campo investigado. Configurando-se aparentemente como uma contradição de meu objeto de pesquisa, precisei de um ambiente físico e da intervenção da instituição escolar para que os sujeitos da investigação existissem.

Apesar disso, esse fato confirmou três concepções teóricas em relação às comunidades *on-line*: a) Faria (2008) quando observa que, apesar das trocas simbólicas no ciberespaço, o

corpo físico é a garantia da intermediação com o mundo material; b) Kozinets (2014) ao ponderar que as pessoas têm utilizado a internet para aumentar os vínculos com os grupos aos quais pertencem; c) Dias (2016) quando alega que o ambiente virtual serve para completar o encontro face a face, facilitando o relacionamento entre sujeitos.

Para dar continuidade à minha investigação unicamente pelo ambiente virtual, eu deveria me expor por mais tempo na *fanpage* para que um apoio recíproco se estabelecesse. Diante do curto prazo para a realização dessa fase da pesquisa, promovi o encontro presencial entre integrantes selecionados do grupo, tendo como pressuposto que as comunidades *on-line* são habitadas por pessoas reais que acabam se encontrando no mundo real.

Autorizada pelo diretor da escola Governador Milton Campos e aceitando a sugestão das professoras de língua portuguesa; durante três dias, visitei sete turmas da educação integral, sendo três do segmento do primeiro ano e quatro, do segundo.

No contato inicial, os estudantes se mostraram bem receptivos, concordando em participar das atividades propostas pela pesquisa. Nesse momento, 28 jovens aceitaram fazer parte do grupo fechado criado por mim. No primeiro encontro com os voluntários, informei sobre minha proposta de investigação, as peculiaridades do estudo e exigências do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Ressaltei ainda sobre a não obrigatoriedade de participação e expliquei sobre o preenchimento dos documentos obrigatórios: Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), termo de assentimento para menores de idade, termo de autorização de uso de imagem para menores de idade.

Também esclareci como se daria a participação deles na pesquisa. Comentei sobre o questionário virtual, a coleta de dados no grupo fechado criado exclusivamente para a investigação e as entrevistas. Frisei que a realização de cada atividade proposta não ultrapassaria a duração de 50 minutos e dependeria da disponibilidade deles e da autorização das professoras de língua portuguesa. Mencionei, ainda, que as entrevistas seriam filmadas para facilitar o processo de análise. Marquei nova data de reunião e encerrei o encontro, entregando os documentos que deveriam ser entregues aos pais para que pudessem assinar, autorizando a participação dos filhos.

Entretanto, na data marcada para o segundo encontro, dos 28 estudantes, 19 apresentaram disposição para responder ao questionário virtual. Embora estivesse disponível no grupo fechado do Facebook, podendo ser respondido a qualquer momento, para os participantes da pesquisa, estudantes da escola de tempo integral, era mais confortável respondê-lo na instituição.

Desse modo, os voluntários foram conduzidos por mim a um dos laboratórios de informática para que a ação fosse efetivada, como se pode verificar na foto 1.

**Foto 1** – Aplicação do questionário virtual no laboratório de informática da Escola Estadual Governador Milton Campos.



Fonte: Acervo pessoal da autora. Ano 2018.

As visitas ao laboratório aconteceram de acordo com a disponibilidade dos voluntários e isso coincidiu com os horários vagos ou com a autorização das professoras de língua portuguesa para que os alunos selecionados se ausentassem de suas aulas. Para a conclusão dessa fase da pesquisa, foi necessário que eu permanecesse na escola durante uma semana no período da tarde.

## **5.2 Analisando os dados do questionário virtual**

O Centro de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC) aponta que 77% dos usuários de internet no Brasil estão entre 10 e 17 anos. Isso indica que os ambientes virtuais, cada vez mais utilizados por adolescentes e jovens, têm potencializado a comunicação entre eles (DIAS, 2016). De mais a mais, ao fazer parte do cotidiano, a internet vem influenciando as relações constituídas pelos sujeitos, principalmente entre adolescentes e jovens, que organizam novas maneiras de relacionar, de ver, sentir e estar no mundo. Para confirmar isso, dados do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) afirma que dos 21 milhões dos adolescentes e jovens, entre 12 e 17 anos, 70% deles acessam a internet, sendo que 85% conectam-se às redes sociais (DIAS, 2016).

Ao compreender esse contexto, percebi melhor a relação entre meme da internet e cultura juvenil. Diante disso, as indagações do questionário virtual buscaram identificar as práticas comunicativas associadas ao meme. Isso exposto, na primeira pergunta, quis saber dos jovens se eles utilizavam memes da internet no dia a dia e como tiveram conhecimento do gênero. Dos 19 participantes, 17 responderam à questão, sendo unânimes em dizer que recorriam aos memes em sua comunicação diária.

Sobre o contato inicial com as peças, as respostas foram diversas: pelos canais do Youtube, como o Gameplay RJ; pelos mememakers dos Estados Unidos, grupos virtuais que produzem memes; pelas conversas com os amigos; pelo Twitter ou Facebook e até por meio de videoclipes. Aliás, Bernardo Galvão relatou que seu primeiro contato com os memes foi por meio do Rap dos memes, do Mc Dark Sorcerer.

Os jovens se referiram ao meme da internet como sinônimo de “zueira”. João Victor, por exemplo, mencionou o Trollface, meme considerado um clássico da *web*. Surgidas na década de 80, as Rage Faces, são personagens que expressam reações. O Trollface faz parte das Rage Faces, sendo conhecido por fazer referência a uma pessoa que “prega uma peça” em outra<sup>39</sup>. Gabriel Britto lembrou Inês Brasil e a música “Oba oba”. Inês ganhou notoriedade, tornando-se meme, depois que seu vídeo de inscrição para o processo seletivo do Big Brother Brasil viralizou na internet, mesmo ela não tendo participado do programa<sup>40</sup>.

Para os jovens, os memes deixam “tudo” mais divertido, sendo “uma maneira de se expressar positivamente”. O artefato os auxilia nos momentos em que a linguagem puramente verbal não consegue expressividade. Para Ana Carine, os memes deixam “a conversa entre amigos mais interessante”. Ela relatou que costumava expressar seus sentimentos produzindo peças a partir das fotos engraçadas de familiares e amigos. Já Maria Clara disse que costumava utilizar os memes nas conversas com os amigos, fazendo referência a momentos do dia a dia ou comportamentos de pessoas conhecidas. Nina Evelyn frisou que a maneira como as peças se espalharam na internet foi muito espontânea. Ela recordou que, em seu caso, “bastou olhar uma imagem e conseguir rir de tamanha ironia”.

A segunda pergunta do questionário foi respondida por 16 participantes e indagava sobre como eles utilizavam os memes no dia a dia. Pelas respostas dos jovens, pude concluir que eles utilizavam esse artefato cultural tanto na comunicação das redes sociais como no face

---

<sup>39</sup> Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Rage\\_comics](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rage_comics). Acesso em 3 mai. 2019.

<sup>40</sup> Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/In%C3%AAs\\_Brasil](https://pt.wikipedia.org/wiki/In%C3%AAs_Brasil). Acesso em 3 mai. 2019.

a face, por exemplo, os bordões recorrentes dos memes normalmente surgiam durante suas conversas. Guilherme Augusto mencionou que nos momentos livres, costumava entrar na internet apenas para ver memes. Ana Carine e Nina Evelyn disseram que sem o meme o dia delas não era o mesmo, ficava incompleto. Giovana informou que se mantinha atualizada em relação aos memes, pois novidades surgiam a todo momento. Apenas Luísa disse que não costumava compartilhar muitos memes, preferindo vê-los. A partir das respostas dos participantes, confirmei que o meme estava na escola, em casa, nos momentos de lazer, sendo utilizado pelos jovens nas conversas com familiares e amigos.

A terceira pergunta do questionário virtual sondava sobre os produtores, sendo também respondida por 16 jovens. Ao verificar as respostas dos participantes, constatei que além de consumirem memes, eles também produziam esses artefatos. Dos 16, nove eram produtores de memes da internet. Sobre essa produção, João Victor, por exemplo, revelou que ao criar suas peças utilizava “fotos zuadas”. Ele acrescentou que normalmente seguia as tendências do momento e recorria às fotos dos amigos: “Só precisa ter criatividade para poder fazer um meme”, disse. Para Ana Carine, criar memes era algo “bem natural”. Ela declarou que ao produzir uma peça sempre recorria a um contexto para expressar sua opinião com “uma pitada de humor”. Para Tayná, bastou “a foto engraçada que calhava com a situação” para criar um meme de uma professora. Giovana acrescentou que quando elaborava um meme, sua preocupação estava em fazer os outros rirem.

Wesler Lacerda comentou que certa vez tiraram uma foto dele distraído e ela virou meme. Gabriel Britto relatou que quando criou seu meme postou em um grupo fechado de amigos no Facebook. Guilherme Augusto esclareceu que para se criar uma peça bastava ter um *smartfone*. “Além disso, existem aplicativos que tornam a produção mais fácil”, acrescentou. Nina informou que ao criar memes, preocupava-se primeiramente com onde postá-lo, para depois escolher o assunto ao qual atrelar sua crítica.

A quarta pergunta respondida por 17 voluntários sondava sobre o motivo que levava uma pessoa a criar e compartilhar memes da internet. A questão teve respostas bem diversas, mas os jovens reconheceram que a produção e compartilhamento das peças normalmente estavam associados à vontade de fazer os outros divertirem, expressar opinião, identificar-se com um grupo, melhorar a comunicação em determinadas situações. Amanda e Evelyn Cristina concordaram que para se produzir um meme era preciso ter tempo ocioso. Luísa e Maria Clara disseram que a disposição de se criar um meme estava relacionado à vontade de interagir.

A quinta questão queria saber dos voluntários se eles conheciam alguém que não usava memes e se eles tivessem de convencer alguém de usá-los o que eles fariam. Dos 14 jovens que responderam à questão, seis disseram que conheciam pessoas que não usavam memes, identificando-as entre os indivíduos na faixa entre 40 e 60 anos. Para tentar convencer essas pessoas a utilizarem esses artefatos, a síntese dos argumentos foi o seguinte: os memes são um novo modo de se comunicar, são uma linguagem “mais fácil e divertida para conversar”, são garantia de riso, são uma “experiência divertida e viciante”, da qual não dá para se arrepender.

A sexta pergunta foi respondida por 14 voluntários e buscava informações sobre as páginas de entretenimento especializadas na produção de memes da internet. Nos comentários, eles citaram a South América Memes, GT’s 10/10, Neaki e História No Paint. Os jovens ainda mencionaram que buscavam por memes em algumas redes sociais como Facebook, Twitter e grupos de WhatsApp. Segundo os voluntários, esses sites agradam por serem irônicos e engraçados.

A sétima questão questionava sobre a experiência dos jovens com memes da internet nos componentes curriculares. Foram 11 respostas para essa pergunta. Giovana e Nina responderam que nenhum professor havia utilizado memes em suas aulas. Evelyn Cristina e João Victor mencionaram sobre a presença de memes nas provas de língua portuguesa. Amanda comentou que os estagiários de arte e o professor de jornalismo trabalharam com memes em suas aulas. Bernardo, Gabriel, Guilherme, Luisa, Maria Clara e Wesler lembraram-se do trabalho realizado entre as professoras de história e língua portuguesa sobre o contexto político brasileiro<sup>41</sup>. Na fala de Wesler: “Sim, tivemos que fazer um meme sobre a Dilma no ano passado” (2017). “Sim, foi uma experiência muito divertida e inusitada, que divertiu os alunos e ajudou a fixar e discutir a matéria”, completou Maria Clara.

A última pergunta queria saber dos voluntários que fatos possivelmente se transformariam em memes da internet. Essa questão foi respondida por 14 jovens. Os jovens concordaram que qualquer acontecimento poderia virar meme. Entre as possibilidades estavam fatos engraçados e pessoas distraídas; situações com muitas pessoas, em que uma se destacava; acontecimentos polêmicos, que geravam críticas ou diversidade de opiniões; situações ou fatos aceitos pela coletividade.

Ao final dessa fase, marquei novo encontro com os jovens para buscar os documentos exigidos pelo CEP e para dar prosseguimento à pesquisa. Todavia, na data marcada para

---

<sup>41</sup> A experiência se refere ao trabalho desenvolvido por mim e a professora Cláudia Lobo publicado na Revista Brasileira de Educação Básica. O artigo está disponível em: <<https://rbeducacaobasica.com.br/memes-de-internet-e-o-contexto-politico-brasileiro-uma-sequencia-didatica-para-as-aulas-de-historia/>> Acesso em 18 jan. 2019.

recolhê-los, mais nove estudantes desistiram de participar da pesquisa. Entre as alegações, estavam a falta de disponibilidade para os encontros ou a não autorização dos pais para dar continuidade à investigação.

Assim, após esse retorno dos jovens, para conhecer melhor a relação dos integrantes da *fanpage* com memes da internet em suas interações cotidianas, realizei, em forma de diálogo, as entrevistas com os voluntários (APÊNDICE V). Como algumas indagações se referiam especificamente ao fundador e aos administradores da página, para completar meu empreendimento, contatei esses integrantes da *fanpage* Estadual Central pelo Facebook. Obtive o retorno de três jovens (Ricardo Félix, Guilherme Lizandro e Henrique Amaral), que se prontificaram em responder às perguntas pelo *chat* dessa rede social.

Agendei as entrevistas com os 10 jovens remanescentes com o objetivo de aprofundar-me sobre determinadas questões. Com exceção de uma dupla (Bernardo Galvão e Wesler Lacerda), todas as entrevistas aconteceram individualmente. Dando prosseguimento às minhas ações, iniciei os encontros na semana consecutiva. As filmagens aconteceram na antessala da biblioteca e no laboratório de informática.

### **5.3 O uso da entrevista na interpretação do campo investigado**

A entrevista é uma atividade de interpretação “que auxilia o pesquisador a superar intuições ou impressões precipitadas e possibilita a desocultação de significados invisíveis à primeira vista, que, no entanto, não poderão afastá-los de suas percepções” (SZYMANSKI; ALMEIDA; PRANDINI, 2001, p. 151). De acordo com as autoras, o sentido de uma unidade de significado apenas será indicado após o agrupamento das categorias conforme um critério comum.

Desse modo, antes de iniciar as entrevistas, busquei o entendimento do problema, não apenas pelos referenciais teóricos, mas também pela minha experiência profissional. Levando em considerações os sujeitos envolvidos no processo de coleta de dados, fiquei atenta não apenas na fala dos entrevistados e nas interações estabelecidas durante a entrevista como nos diferentes aspectos do ambiente escolar (SZYMANSKI; ALMEIDA; PRANDINI, 2001).

Durante as entrevistas, pude ter acesso e compreender melhor a cultura dos jovens no mundo contemporâneo. Nesse momento, considerei também o clima emocional, incluindo esses elementos aos dados da pesquisa. Gravei os encontros para que as declarações dos entrevistados subsidiassem meu texto de referência. Seguindo as orientações de Szymanski, Almeida e

Prandini (2001), realizei as transcrições das entrevistas sem substituições de termos, acrescentando apenas a pontuação necessária para que o texto ficasse coerente e coeso.

Desse modo, na fase final da redação, reuni os discursos dos jovens, tendo como base as categorias já estipuladas. O conjunto de entrevistas permitiu conhecer o comportamento dos jovens na *fanpage* investigada em relação à produção e compartilhamento de memes da internet.

#### **5.4 Retomando à origem da *fanpage* Estadual Central**

Com a finalidade de reunir os todos os alunos da escola Governador Milton Campos num único espaço, a *fanpage* Estadual Central foi criada por um grupo de estudantes, que se intitulavam Canalhas do Central, no ano de 2015. Nas palavras do fundador da página, Ricardo Félix:

Esse grupo foi criado com o intuito de obter uma comunicação em massa com os alunos do colégio. Eu era um pouco influente no colégio e pensei: “Porque não ajudar a direção e os amigos com os recados, organizações etc.” Hoje eu me envolvo pouco, mas tenho orgulho do feito.

De acordo com Guilherme Lizandro, um dos primeiros membros da *fanpage*, o intuito inicial era que os turnos e as unidades da escola pudessem interagir, trocando informações sobre a instituição. Na época da criação, os integrantes do movimento Canalhas do Central divulgavam a página para os alunos novatos, adicionando aqueles que queriam fazer parte do grupo. No início, os todos os administradores da página faziam parte do movimento, porém quando concluíram o ensino médio, a administração foi transferida para outros membros, normalmente ex-alunos.

Atualmente os integrantes do Canalhas do Central ou já se formaram ou saíram da escola. O fundador do grupo vive em Portugal e quase não acompanha as atividades do grupo criado por ele. No entanto, a página continua ativa, sendo passada de geração a geração de estudantes.

Ao entrevistar Henrique Amaral, um dos administradores atuais da página, ele me comunicou que a função principal dos administradores “é garantir a liberdade de expressão e a simulação de um ambiente natural de convivência escolar”. Para ele, a quantidade de memes postados no grupo não é surpreendente. Isso se justifica, pois o grupo se caracteriza como escolar, tendo outras finalidades. No entanto, Henrique ressaltou que entende os memes como meio de expressão criativa e artística. Ao ser perguntado sobre comentários ou memes ofensivos, informou que em sua gestão não presenciou remoção de conteúdo indevido:

“Acreditamos que por simular um ambiente natural, o que foi dito não ‘deve’ ser ‘desdito’ apenas corrigido”.

### 5.5 Os participantes da pesquisa e suas atuações

Ao entrevistar os participantes da pesquisa, primeiramente quis saber por qual motivo se associaram à *fanpage* Estadual Central. Os jovens foram unânimes em dizer que queriam saber das “coisas” da escola. Para eles, reunir os alunos num grupo que compartilhasse informações sobre o que estava acontecendo na escola era algo bem interessante.

A *fanpage* “é um grupo que está a maioria dos alunos e ex-alunos do Estadual Central, então a gente troca muitas experiências com pessoas que já estudaram aqui na escola e com pessoas que ainda estudam”, informou Gabriel Britto. “Eu entrava lá para ver se tinha alguma coisa do colégio e também sobre a greve. Se ia continuar a greve ou não”, acrescentou João Victor.

Os voluntários revelaram que participar da *fanpage* permitia ainda interagir com outros jovens (alunos ou ex-alunos), ou seja, a página oportunizava compartilhar conteúdo, fazer amizades ou simplesmente trocar ideias com estudantes de outro turno ou unidade da escola. “Foi uma coisa de combinação mesmo. Me falaram pra entrar e eu entrei”, acrescentou Wesler Lacerda.

Minha segunda pergunta aos entrevistados foi sobre as vantagens e as desvantagens de usar memes no dia a dia. Os jovens foram unânimes em dizer que a comunicação se tornava mais descontraída com a utilização dos memes. Em resumo, para os jovens, os memes ajudam a aproximar os pares, porque se referem a assuntos comuns; tornam a conversa mais interativa; entretém as pessoas e deixam a comunicação mais dinâmica e divertida.

Ana Carine ressaltou que o meme auxilia na socialização dos sujeitos, permitindo que as pessoas se identifiquem umas com as outras a partir das ideias que as peças vinculam. Nas palavras dela: “Nossa aquela menina fala a mesma coisa que eu e não tem a ver com característica externa”. Para Gabriel Britto,

Um meme pode dizer muita coisa, mostrar muita coisa. Pode ser um meme político ou sobre um acontecimento, pode ser (...) uma montagem com alguém famoso e isso cria a impressão engraçada. Daquela coisa do riso, fora do nosso meio comum.

Do mesmo modo que um meme pode ser criado para divertir, sendo que a maioria das pessoas os vejam como “brincadeira”, ele pode disseminar um discurso ofensivo ou preconceituoso. E essa foi a principal desvantagem que os jovens perceberam em relação aos

memes: “Pode ser que alguém se sinta ofendido”, disse Guilherme Augusto. “Muitas das vezes a pessoa pode interpretar mal”, acrescentou Ana Carine.

A terceira pergunta se referiu aos memes postados na *fanpage* Estadual Central. Eu quis saber dos entrevistados quais peças eles consideraram mais interessantes. Além dos memes referentes ao diretor, foram mencionados os memes que tinham como base a imagem dos cérebros iluminados e o meme dos alunos pulando o muro da escola. Também foram lembrados os memes criados como reações aos *spotteds* e aos jogos estudantis InterClasse.

Os entrevistados disseram que os memes chamavam a atenção deles por abordarem os acontecimentos relacionados ao dia a dia da escola, permitindo refletir sobre a realidade que vivem. Ana Carine ressaltou que apreciava as peças criadas a partir de expressões meméticas, pois a mesma legenda surgia em contextos cada vez mais diferentes. Gabriel Britto frisou que se identificava bastante como os memes relacionados ao horário de entrada da escola. Nas palavras dele:

Eu acho que a carga do Estadual Central, do grupo principalmente, é zueira. Mas também das coisas sérias que acontecem dentro da escola, que a gente tem de levar na seriedade. Um meme que eu acho que tem a cara do Estadual Central, apesar de ser um meme, assim errado, é quando a direção da escola fecha o portão da escola. E, antes não tinha a parte de vidro e os alunos vão e pulam o muro. Aí alguém tira a foto e fez o meme. Nossa muito legal! Achei criativo!

Percebi que as peças que tinham como temáticas os conflitos vividos pelos jovens na escola, eram mais apreciados por eles. “O pessoal gosta mais de produzir memes que envolva alguma decisão da escola, que não foi tomada por a gente, por exemplo, a reposição [da greve] (...). Eles adoram fazer memes dessa desorganização da escola”, disse Ana Carine.

Na quarta pergunta, indaguei aos voluntários, se eles tinham entendido todos os memes da página. Os jovens revelaram que era comum não compreender uma peça ou outra e, nesse caso, eles recorriam a estratégias diversas, entre elas: solicitar explicações aos amigos ou a quem criou a peça, ler os comentários do meme, inteirar-se sobre os acontecimentos do dia, fazer pesquisas na internet.

Meu quinto interesse foi investigar o comportamento dos voluntários da pesquisa na *fanpage* Estadual Central. Em outras palavras, eu queria inteirar-me sobre a participação deles: se eles postavam conteúdo, se comentavam as postagens e principalmente se compartilhavam memes. Dos dez membros entrevistados, apenas Daniela Neves não tinha um histórico de participação, pois havia acabado de se associar à página. Os demais jovens detalharam como agiam no grupo, conforme se pode verificar no quadro 1 a seguir.

**Quadro 1** – Respostas dos participantes da pesquisa à pergunta “Você costuma compartilhar os memes da internet postados na *fanpage* Estadual Central.

Participantes	Ações na <i>fanpage</i> Estadual Central
Ana Carine	Costumo muito [compartilhar memes do grupo]. Normalmente eu copio eles e mando no grupo do WhatsApp para todo mundo ver e compartilhar também.
Bernardo Galvão	Os memes do Estadual que eu vi e gostei, eu compartilhei no <i>stories</i> do WhatsApp. Na página do Estadual Central, se eu já curtir três publicações foi muito. Eu só comento para marcar alguém para ver. Eu também não fico curtindo muito, eu só salvo o meme mesmo e passo para frente.
Gabriel Britto	Eu costumo pegar os memes do Estadual Central e compartilhar com amigos meus, conhecidos de fora da escola. “Nossa, Olha como é a galera da minha escola. Muito zueira, né?” Eu [costumo marcar] amei ou curtidas, comentários também, vários risos. É o meu posicionamento sobre o que eu achei engraçado naquele meme ou se eu achei muito pesado ou muito inconveniente.
Giovanna Santos	Costumo [compartilhar memes do grupo] (...), mas nunca produzi para a página.
Guilherme Augusto	Sempre que eu vejo um meme interessante na página, eu costumo curtir e compartilhar. Já produzi memes para a página e postei lá. (...) Eu já tirei memes do Estadual Central e compartilhei em outras páginas e até no WhatsApp.
João Victor Wiermann	Eu compartilho os memes da escola com o povo da minha sala, com os amigos de outras salas (...). Eu faço de tudo: posto de vez em quando e quando surge uma ideia muito boa ou eu faço um comentário ou converso com todo o grupo.
Luísa Azevedo	Eu curto às vezes [memes do grupo] e faço algumas perguntas. Participo mais ou menos uma vez por semana.
Vivian Bertoldi	Eu curto e comento os [memes] que eu me identifico. Compartilho, mas criar não.
Wesler Lacerda	Na maioria das vezes eu só curto. Eu nunca fui de comentar os memes do Estadual Central, porque eu não gosto muito não de comentar. Na minha opinião, eu não gosto de ficar comentando se o meme foi ruim ou bom, eu gosto de ficar variando com a opção de like, de triste, de nervoso, de amei... Eu só comento para marcar alguém para ver.

Fonte: Dados colhidos pela autora. Ano 2018.

Na sexta pergunta, quis saber se os entrevistados tinham percebido memes ofensivos ou com discurso de ódio. Apenas Guilherme Augusto declarou ter presenciado um comentário racista na *fanpage*, que segundo ele logo foi removido por um dos administradores. Ana Carine e Luísa foram categóricas em afirmar que nunca tinham visto memes ofensivos ou com discurso de ódio na página. Os demais titubeassem ao responder a essa pergunta. A justificativa para essa dubiedade é simples: memes da internet são produções que podem gerar interpretações ambíguas: “O que é ofensivo pra mim, pode não ser ofensivo para outra pessoa”, disse Vivian Bertoldi. Para Guilherme Augusto, algumas criações são até ofensivas, mas o meme parece

amenizar o discurso. Giovanna Santos mencionou que viu memes de brigas que aconteceram na escola entre alunos. Segundo ela, os criadores dos memes “colocaram as imagens de quem brigou como se fossem fracos” e isso ela considerou impactante para o emocional dos envolvidos.

Diante dessas ponderações, os entrevistados identificaram dois complexos de memes, como se verifica na imagem 10, que se configurariam, no mínimo, como desrespeitosos: primeiro, o meme do garoto do topete e, o segundo, meme do diretor Trakinas, que já foi abordado anteriormente.

**Imagem 10** – Reprodução das imagens que deram origem a dois conjuntos de memes recorrentes na *fanpage* Estadual Central: o garoto do topete e o diretor Trakinas.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/CanalhasDoCentral>. Ano 2018.

Nas peças “do garoto do topete”, o jovem que nelas aparece ora é retratado como um genuíno representante da escola Governador Milton Campos, em virtude do topete “estiloso”, ora é ridicularizado pelo extremo zelo com os cabelos. Sobre o primeiro conjunto de memes, Wesler Lacerda ponderou o seguinte: “Eu já observei [o meme] daquele garoto do topete, das pessoas fazendo memes sobre ele, mas eu não conheço ele e não sei se ele levou para o lado pessoal ou se ele aceitou numa boa”.

Sobre o segundo complexo de memes, dois entrevistados declararam o seguinte: “Eu vi um meme falando do diretor. Ele nem está no grupo. Eu não sei se é ofensivo, se é certo”, disse Vivian. “O meme do diretor da escola (...), colocaram uma foto daquela marca de biscoito com

o rosto dele por cima<sup>42</sup> e colocaram um apelido, eu achei engraçado; mas, ao mesmo tempo, eu achei superpesado por ele ser o diretor da escola”, comentou Gabriel Britto.

Em minhas incursões pela *fanpage* Estadual Central, observei que o número de peças compartilhadas na página tinha diminuído consideravelmente no ano de 2018. Diante disso, na sétima pergunta, quis saber dos voluntários se eles tinham suposições sobre o porquê do ocorrido. A essa indagação, pude condensar as respostas em três grupos.

Para um primeiro grupo de estudantes, a pouca produção de memes está associada ao momento que eles vivem, principalmente pela implantação da escola em tempo integral: “Aqui, no Estadual Central, a gente está ficando muito cansado de ficar estudando o dia todo. Não está dando tempo de a gente ficar no Facebook, mexendo, criando. Querendo ou não, criar requer tempo, requer criatividade e isso não dá tempo aqui na escola”, comentou Vivian Bertoldi. Já Gabriel Britto argumentou o seguinte:

Eu acho que a cada ano o pensamento da juventude muda muito e a conjuntura também (...). Na mente de outras pessoas, pode até parecer que meme foi uma moda, meme passou ou está acabando a era do meme. Mas depende muito da criatividade de fazer o meme, colocar assuntos atuais, coisas que estão acontecendo na atualidade, coisas que acontecem na escola, no dia a dia.

Para o segundo grupo, o motivo foi a transferência dos estudantes que criavam memes. Os entrevistados supõem que ainda há muitos alunos que produzem memes com temas do cotidiano escolar, entretanto não estão compartilhando as peças no grupo.

Para o terceiro grupo, a quantidade de memes diminuiu porque os demais membros do grupo não estão curtindo, comentando e compartilhando como antes. Giovanna argumentou que quem faz meme espera certa repercussão das peças e se isso não acontece a vontade de produzir se torna menor.

Como os voluntários da pesquisa frequentam outros sites ou páginas da internet, quis saber deles, na oitava pergunta, se a quantidade de memes da internet postados na *fanpage* Estadual Central era relevante. Os entrevistados concordaram que a coleção de memes postada na página era pequena: “Os memes do Estadual Central são muito pouco e raramente eles postam um meme bom”, analisou Wesler. “São poucos os memes que tem qualidade, que você

---

<sup>42</sup> Ao se observar o meme, percebe-se que a montagem foi feita a partir da foto, ou seja, a imagem da mascote que representa o biscoito da marca Trakinas foi colocada por cima do rosto do diretor. A primeira parte do enunciado traz uma exigência do diretor para atender as inúmeras reivindicações dos alunos (“manda por escrito”) a segunda parte apresenta o *slogan* do biscoito de chocolate (“trakinas, o biscoito que é a sua cara”).

fala ‘nossa que meme bom!’” acrescentou Ana Carine. Isso mostra que os membros da página, devido às experiências anteriores com memes são bem rigorosos ao avaliar uma peça.

Diante dessa colocação, perguntei: “O que é um meme bom?” Wesler Lacerda respondeu que “para um meme ser bom”, precisava ter origem nas “coisas” do dia a dia, ser engraçado, ter referências ou ser irônico. Como exemplo, ele citou o meme do goleiro Alisson, que na estreia do Brasil na Copa do Mundo de 2018, tornou-se notícia (e meme) ao retirar a pontapés uma bola gigante que havia entrado no campo<sup>43</sup>.

Minha última pergunta teve como foco os memistas. Dos dez entrevistados, sete eram produtores de memes. Diante disso, quis ouvir deles como se dava o processo de criação de cada um. Guilherme Augusto revelou que quando fez um meme com um professor, buscou evidenciar, por meio de uma montagem de fotos, os momentos da vida em que o profissional não estava exercendo a profissão. O jovem disse que recorria a fotos diferentes do professor associada à legenda “Como você está hoje?”. Embora não tenha postado o meme na *fanpage* investigada, ele compartilhou no grupo de WhatsApp de sua turma.

Daniela Neves, apesar de não ter postado peças na *fanpage* investigada, assegurou que criar memes para ela era quase instantâneo: “Eu vejo a foto e já imagino a legenda”. Ela acrescentou que costumava mostrar a produção para a pessoa que estava na foto para confirmar sua anuência. Segundo ela, a maioria das pessoas reagiam de maneira positiva: “Eu acho engraçado, ela acha engraçado e aí a gente ri junto”. Depois disso, o meme acaba se transformando em uma “piada interna”. A jovem acrescentou que se preocupava principalmente com a foto:

Eu faço memes comigo mesma ou com meus amigos. [Além disso], a legenda é muito importante, pois você precisa de uma legenda bem lógica, que muita gente entenda. Por exemplo, meme de piada interna entre amigos, não dá para compartilhar na rede social, pois as pessoas podem não entender.

João Victor afirmou ter postado alguns memes na *fanpage* Estadual Central: “Para criar, eu normalmente procuro algo que (...) é muito engraçado, uma foto antiga de algum amigo (...) ou eu pego um assunto que está em alta (...), que também dá certo. Eu uso aplicativo apenas para editar a foto, para escrever nela”.

Ana Carine explicou que raramente faz memes para compartilhar para redes sociais abertas: “Eu faço memes para ficar entre mim e meus amigos”, disse. Segundo ela, quando

---

<sup>43</sup> Disponível em <https://www.otempo.com.br/superfc/copa-2018/bola-do-kiko-e-alisson-pistola-goleiro-pisa-em-bal%C3%A3o-e-diverte-torcida-1.1857698> Acesso em 22 jan. 2019.

produz costuma recorrer a um acontecimento do dia a dia escolar e destacar a reação dos envolvidos. Normalmente ela costuma produzir o meme, usando o próprio *smartfone*. Nas palavras dela:

Faço uma colagem, porque dá dando meme. Eu faço na hora, não uso aplicativo não. Quando estou em casa e quero fazer um mais elaborado, aí eu uso aplicativo. (...) Por exemplo, a professora chegou e falou: “Eu vou dar uma prova surpresa”. Aí eu vou mexer na galeria e acho uma foto, até minha mesma ou então do Google e pego essa frase [da professora] e coloco a reação da maioria da sala. Nisso eu faço memes diários.

Embora nunca tenha postado memes na página investigada, Bernardo Galvão informou que costuma associar uma imagem que viralizou a uma frase de sua autoria ou vice-versa, colocando um título. “Eu costumo pegar uma imagem que (...) está fazendo sucesso (...) e usar uma frase que eu imaginei”, informou.

Wesler Lacerda declarou que tem apenas um meme postado na *fanpage* Estadual Central. Ele afirmou que ao produzir um meme se preocupa mais com a legenda, pois para ele apenas a imagem não é capaz permitir o entendimento completo da peça: “Se eu colocar uma legenda boa, ela [a pessoa] pode entender o que está na imagem. Quando eu vou montar um meme, eu evidencio os fatos (...) os que aconteceram na minha vida, no meu dia a dia”.

Gabriel Britto confessou que já produziu memes usando a imagem de professores ou de funcionários da escola. No entanto, julgou que não seria apropriado postá-los na *fanpage* Estadual Central: “Eu cheguei a compartilhar com alguns amigos no grupo da minha sala (...). Só que foi aquela coisa mais interna, não foi aquela coisa tão expandida para todas as pessoas da escola”. Para essas produções, ele recorreu a um aplicativo de edição de seu *smartfone*: “A pessoa está parada assim, aí coloca um balãozinho, ela falando alguma coisa que tem a ver com a realidade que a gente vive dentro da escola”, acrescentou.

Por meio dessas entrevistas, entendi que para os jovens o meme da internet se apresenta como um elemento singular de comunicação, sendo um dos elementos importantes na configuração da cultura juvenil.

## **5.6 O que diz o diretor da Escola Estadual Governador Milton Campos sobre a *fanpage* Estadual Central**

Como a *fanpage* Estadual Central traz no nome o *status* de uma escola referência em Minas Gerais, pairou a dúvida se essa presença institucional tolhia as ações dos jovens do grupo. Desse modo, com a intenção de esclarecer sobre essa dubiedade, utilizando a ferramenta áudio

do WhatsApp, entrevistei o diretor da escola Governador Milton Campos para saber qual era a posição da direção em relação aos membros da página do Facebook.

Questionado se havia alguma censura por parte da direção da escola em relação às postagens na *fanpage* Estadual Central, João Pereira Neto esclareceu que, apesar de ter conhecimento da página, nunca houve nenhuma interferência de sua gestão no que se refere às atividades dos jovens nessa ou em outras redes sociais. “Todas as minhas ações desde que cheguei à escola foram totalmente democráticas, sempre conversei, sempre ouvi”, acrescentou.

O diretor João disse entender a reação dos jovens no que diz respeito à sua gestão. Segundo ele, quando assumiu a direção da escola, não havia muita rigidez no cumprimento de regras, como uso de uniforme, horário de chegada ou assiduidade às aulas (mesmo estando na instituição). Para o gestor, nada mais natural que os jovens reagirem à sua administração por exigir deles o acatamento das normas.

Ao ser apresentado aos memes que fazem parte do *corpus* de análise desta dissertação, notei a surpresa do diretor diante das peças em que aparece como personagem. Nas palavras dele: “Achei muito interessante [os memes] e vejo também que [os alunos] mandam um recado para a direção. Gostaria de ter tido conhecimento desses memes antes. Temos de dialogar mais com nossos alunos, ouvi-los mais”. E acrescentou: “Obviamente é aceitável tudo que eles colocam [nas redes sociais] (...). Eles se manifestam até de forma respeitosa, lógico que com uma certa graça, com tom artístico”.

As palavras do diretor João Pereira Neto alertam para a necessidade de se manter um diálogo constante com os jovens, concordando com Dayrell e Carrano (2014), quando argumentam que as experiências juvenis são carregadas de saberes sensíveis que podem se mesclar a outras áreas do conhecimento.

## **5.7 A relação entre os dados coletados e o contexto teórico**

Apesar de utilizarem outras redes sociais como o Twitter e o Instagram, o Facebook ainda é muito popular entre os jovens, por esse motivo tornei-o espaço de investigação dessa experiência. Desse modo, após analisar os memes na *fanpage* Estadual Central e realizar as entrevistas com os jovens voluntários, concordo com Dayrell e Carrano (2014), quando dizem que a escola ainda não é capaz de atender todos os interesses e necessidades dos jovens, tornando-se, muitas vezes, um lugar tedioso para se estar. A instituição escolar é vista por muitos alunos apenas como uma obrigação, já que o mercado de trabalho exige deles um diploma.

Pela fala dos jovens, percebi que a *fanpage* é um espaço de afinidades e afetividades. No grupo, os jovens procuram similitudes e diferenças. O grupo atende à necessidade de comunicação e de trocas. Lá eles encontram solidariedade, são reconhecidos, constroem autonomia e identidade. Na página, eles encontram informações, trocam ideias, buscam modos de se afirmarem diante de outros grupos juvenis ou do mundo adulto. Além disso, a participação ativa na *fanpage* permite que eles convivam com a diversidade. Nesses espaços, percebem-se diferentes, aprendendo a respeitar as diferenças (DAYRELL e CARRANO, 2014).

Da mesma maneira que acontece nos espaços físicos da escola, a *fanpage* é invadida pelo modo de ser jovem, que vai do modo de se vestir ao comércio de artigos do gosto juvenil. A página é ainda o lugar dos encontros ou desencontros, das amizades ou aversões, dos amores ou decepções. A criação da *fanpage* Estadual Central é a comprovação que os jovens criam suas próprias maneiras de socialização, trocando informações e produzindo saberes.

Analisando as postagens da página, ainda pude perceber que os jovens não se relacionam com o tempo e espaço da mesma maneira que os adultos. Para os últimos, o tempo que impera é o tempo presente; para os primeiros, nas relações dentro e fora da escola, há um “movimento constante de aproximações e afastamentos, numa mobilidade entre diferentes turmas ou galeras” (DAYRELL, 2007, p. 1111).

Na *fanpage* Estadual Central, pude verificar vínculos de sociabilidade, afetivo-relacionais e pedagógicos. Na página, observei vários momentos de sociabilidades, como divulgação de eventos culturais ou escolares, festas e encontros. Dito de outro modo, o grupo funciona como lugar para expandir as amizades, encontrar os colegas e relacionar com subgrupos de interesses. Além disso, há inúmeros exemplos mostrando que membros acessam a página para compartilhar conteúdos, trocar ideias, estar com outras jovens e obter contatos.

Outro fato percebido foi que, embora os integrantes se mostrem, muitas vezes, avessos ao “ofício de aluno”, eles reproduzem muitos comportamentos próprios da sala de aula no espaço virtual. Em outras palavras, há um número significativo de *posts* voltados para a busca de informações sobre as atividades realizadas na escola. Aliás, todos os jovens entrevistados mencionaram que se associaram ao grupo para ter acesso às informações referentes à instituição.

Nesse aspecto, o sentimento de pertencimento a um grupo é estimulado pelos diversos compartilhamentos de um meme da internet, que convergem o estado afetivo de um indivíduo aos estados afetivos daqueles com quem dialoga (BARRETO, 2015). Em outros termos, o meme está carregado de valor simbólico, já que transmite determinadas ideologias culturais.

Dessa forma, os comentários tecidos a partir do compartilhamento de uma determinada peça podem tanto proporcionar o estreitamento dos vínculos sociais como aumentar as distâncias (RECUERO, 2007).

Considerando as asseverações de Shirky (2011), percebi que a *fanpage* Estadual Central não se encaixa no eixo de organização gerenciada e de mercado, nela não há comando para coordenar a participação dos membros nem estabelecimento de preços para os serviços presentes. Como lembrado por um dos administradores da página, a proposta do grupo é se aproximar do ambiente da escola e dos amigos.

Nesse sentido, nota-se que os membros internalizam os padrões do grupo e reagem aos comportamentos que ameaçam tais padrões, confirmando que, em grupos pequenos cada membro está intimamente conectado a todos os outros (SHIRKY, 2011). Em outras palavras, o autogerenciamento auxilia nos comportamentos de acordo com o melhor da natureza humana, conforme se pode perceber na fala de um dos entrevistados, que ponderou sobre postar ou não um meme que criticava um professor.

Não se pode negar que, na sociedade brasileira, a diversidade cultural também é resultado do “acesso diferenciado às informações, às instituições que asseguram a distribuição dos recursos materiais, culturais e políticos”. Em contato com a *fanpage* Estadual Central, percebi que a educação pode acontecer “nos mais diferentes espaços e situações sociais, num complexo de experiências, relações e atividades, cujos limites estão fixados pela estrutura material e simbólica da sociedade, em determinado momento histórico” (DAYRELL, 2001, p. 142-143). No entanto, ter acesso às informações não significa que os jovens consigam articular suas vivências a esses conhecimentos, daí a importância da mediação escola para “aprofundar, consolidar e potencializar ainda mais essas referências” (VIANA, 2014, p. 258).

Na *fanpage* Estadual Central, além de expor seus valores e modos de pensar num diálogo horizontal, muitos membros se posicionam como produtores de conhecimento, já que produzem objetos culturais a partir de suas experiências escolares.

Convém ressaltar que os jovens não se associam ao grupo apenas pelos interesses particulares, eles atribuem sentido ao que fazem, afirmando-se como donos de suas ações. Donos de trajetórias distintas, constroem identidades, preparando projetos de vida e associando a grupos diferenciados (WELLER, 2014).

Nesse capítulo da dissertação, pôde-se perceber que um meme da internet tem como referência não só o repertório individual e cultural de seu criador, como também o conjunto de conhecimento daqueles que o compartilham. Ainda foi apresentado o texto de referência

baseado no questionário virtual e nas entrevistas realizadas com dez jovens, membros da *fanpage* Estadual Central. Essa unidade também apresentou reflexões a partir do resultado das análises, mostrando que nas práticas sociais, quem produz, não produz aleatoriamente.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No dia 6 de março de 2013, fui surpreendida com a notícia da morte por overdose de Alexandre Magno Abrão, mais conhecido por Chorão. Era admirável como o vocalista, principal letrista e cofundador da banda Charlie Brown Jr. mesmo em plena vida adulta, carregava em si aquele “algo” da condição jovem.

Oriundo de uma família pobre, Chorão teve uma adolescência difícil, vivia pelas ruas, mal frequentava a escola (parou de estudar no 7º ano) e com frequência tinha problemas com a polícia. Aos 14 anos, começou a andar de *skate* e interessar-se por música<sup>44</sup>. Nesse sentido, suas composições traduzem um pouco da juventude brasileira, tantas vezes silenciada, tantas vezes sem chance, tantas vezes “não levada a sério”.

Mesmo sendo fã da banda Charlie Brown Jr., foi apenas lendo a obra *Juventude e ensino médio*, que a letra da canção “Não é sério” reverberou em mim com toda sua força. Em certa parte da coletânea, DAYRELL e CARRANO (2014, p. 106) perguntam: “E se em sua escola os jovens fossem perguntados se são levados a sério, o que eles diriam?” Sem titubear, respondo que os jovens de minha escola responderiam com memes da internet. Como na letra da canção, os jovens da *fanpage* Estadual Central “estão no clima” e fazem memes. Eles sabem que a verdadeira revolução começa na mente e que se eles podem, eles fazem.

Desde que o meme da internet se mostrou para mim como objeto de pesquisa, a cada peça estudada, fui percebendo como esse artefato permitia ao jovem expressar seu pensamento, mostrando seu posicionamento político e social. Construídos com ironia, sagacidade e criatividade, muitos dos memes postados na *fanpage* Estadual Central configuraram-se como forma de protesto, revelando a relação entre os jovens e a cultura da escola – suas regras e seus atores.

Ao longo da pesquisa, fui reunindo as principais contribuições acadêmicas sobre o meme da internet, mostrando como esse artefato, além de vincular diferentes campos do conhecimento, demandava dos sujeitos habilidades para usufruir, criar e compartilhar peças. Minhas leituras mostraram que, além de compartilhar conteúdos, o meme estabelecia conexões entre os interlocutores, já que a construção de seu sentido, embora fosse uma ação individual, exigia a articulação de conhecimentos prévios vindos de diferentes fontes.

No texto da dissertação, mencionei as particularidades do meme da internet, salientando seu caráter intertextual. Ainda o identifiquei como forma de expressão da cultura digital,

---

<sup>44</sup> Disponível em <https://www.pensador.com/autor/chorao/biografia/>. Acesso em 25 fev. 2019.

evidenciando seu caráter complexo, que não apenas compartilhava um conteúdo, mas estabelecia conexões entre os sujeitos. Meu exame evidenciou que, enquanto unidade de imitação, o meme abarcava questões afetivas, política e críticas, compreendendo não apenas tendências individuais, mas a essência de uma cultura que compartilha, imita e *remixa*.

Em minha pesquisa, o meme da internet foi visto como artefato relacionado à cultura juvenil. Na análise do *corpus*, percebi que a capacidade de mutação de um meme era potencializada pela sobreposição de informações, que criavam um diálogo entre o momento histórico, a finalidade da produção e a ideologia implícita.

Ao entender o meme da internet enquanto artefato cultural, um intrincado que só faz sentido dentro de um contexto sociocultural, considerei os participantes do discurso, elementos da enunciação, situações e intenções comunicativas. Nesse sentido, se de um lado, a escola produz práticas, problemas, demandas e modos de identidade que lhe são peculiares; de outro, abarca os discursos presentes nos vários artefatos tecnológicos da contemporaneidade.

Na construção desta dissertação, o meme da internet foi compreendido em relação aos acontecimentos culturais e sociais que o cercavam. Esta produção mostrou ainda a existência de teorias que abarcavam o tema de pesquisa, identificando quais práticas comunicativas foram realizadas utilizando meme da internet entre os membros da *fanpage* Estadual Central. Além dos marcos teóricos sobre esse artefato cultural, mostrando como se encontra esse tipo de investigação no atual cenário, relacionei o meme ao contexto cultural, revisitando concepções sobre tecnologias digitais, cibercultura, excedente cognitivo, cultura escolar e juventude.

Ao traçar o percurso metodológico, não apenas investiguei o meme da internet, identificando as teorias que o elucidam, como busquei compreender o que motivava os usuários da *fanpage* Estadual Central a utilizarem-no em suas interações cotidianas. Desse modo, a partir da análise do *corpus* selecionado na *fanpage* Estadual Central foram avaliados tanto o ambiente e os conhecimentos anteriores de seus interlocutores como a intenção comunicativa do produtor da peça.

Também articulei as particularidades do campo investigado com a análise dos memes da internet produzidos pelos membros da *fanpage* Estadual Central, mostrando que uma peça tem como referência não só o repertório individual e cultural de seu criador, como o conjunto de conhecimento daqueles que o compartilham.

Além de realizar reflexões a partir do resultado das análises, mostrando que nas práticas sociais, quem produz, não produz aleatoriamente, apresentei um texto de referência baseado nas respostas do questionário virtual e nas entrevistas realizadas com dez jovens, membros da

*fanpage* Estadual Central. As entrevistas tiveram como finalidade aprofundar a interpretação das relações e sentidos que jovens construíam por meio do meme da internet.

Nesta investigação, ficou muito evidente a tendência dos membros da *fanpage* Estadual Central em problematizar os acontecimentos do dia a dia escolar e, apesar de não provocar comportamentos, percebi que as tecnologias digitais permitem que esses comportamentos se estabeleçam. Vale ressaltar que embora a produção de memes da internet tenha diminuído no ano de 2018, a página continua em plena atividade, sendo recorrente postagens dos conflitos enfrentados pelos jovens no cotidiano escolar.

O modo de ser dos jovens da Escola Estadual Governador Milton Campos invade a *fanpage* Estadual Central, comprovando que a criação do grupo foi também uma maneira que eles encontraram para se socializar. Nesse sentido, os diversos compartilhamentos estreitam os vínculos sociais, diminuindo as distâncias.

Entendo que, ao analisar as práticas comunicativas na *fanpage* Estadual Central, de um lado, proponho uma reflexão sobre como os jovens por meio do meme da internet legitimam sua própria cultura; de outro, como a compreensão de elementos dessa cultura pode possibilitar que representações negativas sobre os jovens sejam desconstruídas e novos modos de pensá-los sejam efetivados.

Enfim, no Brasil, já é hora de “se levar o jovem a sério”, é hora de acreditar no potencial que vem deles. E, nas palavras de Chorão (1970-2013), “Não se pode parar de lutar/ senão não muda (...)/ Deixa ele viver/ É o que liga”.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Fernando José de; ALMEIDA, Maria Elisabeth Bianconcini de. **Aprender construindo: a informática e transformando com os professores**. Brasília: Secretaria da Educação à Distância, MEC, 1999. (Coleção Informática para a Mudança na Educação). Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me003152.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2017.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liberlivros, 2005. p. 7-70.
- ARAÚJO, Juliana Xavier de. **Memes: a linguagem da diversão na internet. Análise dos aspectos simbólicos e sociais dos Rage Comics**. 2012. 86 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/428/5/JXAraujo.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2018.
- ARROYO, Miguel G. Os jovens, seu direito a se saber e o currículo. In: Juarez Dayrell, Paulo Carrano, Carla Linhares Maia. (Org.) **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- BACCEGA, Maria Aparecida. Televisão e Escola: aproximações e distanciamentos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25, 2002, Salvador. **Anais...** Salvador: 2002. Disponível em: <[http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002\\_Anais/2002\\_NP11BACCEGA.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP11BACCEGA.pdf)>. Acesso em: 26 dez. 2018.
- BARRETO, Krícia Helena. **Os memes e as interações sociais na internet: uma interface entre práticas rituais e estudos de face**. 2015. 147 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/ppglinguistica/files/2009/12/BARRETO-Kr%C3%ADcia-Helena-TESE-2015.pdf>>. Acesso em: 2 nov. 2017.
- BASSEY, M. Case Study Research in Educational Settings. **Maidenhead**: Open University Press, 2003, p. 81-83. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Ivo\\_De\\_Sousa/post/What\\_should\\_be\\_the\\_ideal\\_methodology\\_in\\_studying\\_the\\_drivers\\_of\\_international\\_students\\_who\\_study\\_in\\_India\\_How\\_should\\_we\\_select\\_the\\_sample/attachment/59d626c079197b8077985072/AS%3A323112875298818%401454047521029/download/Case\\_Study\\_Research\\_in\\_Educational\\_Settings\\_\\_Doing\\_Qualitative\\_Research\\_in\\_Educational\\_Settings\\_.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Ivo_De_Sousa/post/What_should_be_the_ideal_methodology_in_studying_the_drivers_of_international_students_who_study_in_India_How_should_we_select_the_sample/attachment/59d626c079197b8077985072/AS%3A323112875298818%401454047521029/download/Case_Study_Research_in_Educational_Settings__Doing_Qualitative_Research_in_Educational_Settings_.pdf)> Acesso em: 23 mar. 2018.
- BASTOS, João Augusto. Educação tecnológica: conceitos, características e perspectivas. In: **Revista de Tecnologia e Interação**, 1998. Coletânea educação e tecnologia.
- BELMIRO, Celia Abicalil. A imagem e suas formas de visualidade nos livros didáticos de Português. In: **Educação & Sociedade**, ano XXI, no 72, Agosto/2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v21n72/4191.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. Entre modos de ver e modos de ler, o dizer. In: **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 28, n. 04, p. 105-131, dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/v28n4/05.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2019.

BENWELL, Bethan & STOKOE, Elizabeth. Discourse and Identity. **Edinburgh**: Edinburgh University Press Ltd. 2006. p. 1-12. *Disponível em:* <[https://www.researchgate.net/publication/259754504\\_Discourse\\_and\\_Identity](https://www.researchgate.net/publication/259754504_Discourse_and_Identity)>. Acesso em: 12 abr. 2018.

BERBER-SARDINHA, Tony. **Linguística de corpus**. São Paulo: Manole, 2004.

BERLO. David K. **O processo da comunicação**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

BLACKMORE, Susan. The evolution of meme machines. In Meneghetti, A. *et al.* **Ontopsychology and memetics**. Rome: Psicologica Editrice, 2002. p. 233-240. Disponível em: <<https://www.susanblackmore.uk/conferences/the-evolution-of-meme-machines-3/>>. Acesso em: 2 ago. 2018.

BOURDIEU, Pierre. **As formas de capital**. In: J. Richardson (Ed.) Manual de Teoria e Pesquisa para a Sociologia da Educação. New York, Greenwood, 1986, p. 241-258.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. Trad. Isabel de Lorenzo. 2. Ed. Revista. São Paulo, 2000.

CARVALHO, Janete Magalhães; SILVA, Sandra kretli da. O “uso” dos artefatos culturais como movimentos táticos e estratégicos, em espaços lisos e estriados, nos currículos praticados no cotidiano escolar. In: **Revista teias. Infância, territórios & temporalidades**. v. 10, n. 20, 2009. *Disponível em:* <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24083/0>>. Acesso em: 24 dez. 2018.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Zahar, 2003; p.7-14.

\_\_\_\_\_. Internet e Sociedade em Rede. In: MORAES, D. (Org.) **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 255-287.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAGAS, Viktor. A febre dos memes de política. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS (ANPOCS), 40, 2016, Caxambu. **Anais...** Caxambu, Minas Gerais, 2016. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro/st-10/st17-8/10320-a-febre-dos-memes-de-politica/file>> Acesso em: 2 nov. 2017.

CHAGAS, Viktor *et al.* A política dos memes e os memes da política: proposta metodológica de análise de conteúdo de memes dos debates eleitorais de 2014. In: **Intexto**, Porto Alegre,

UFRGS, n. 38, p. 173-196, jan./abr. 2017. *Disponível em:* <<http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/63892>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Trad. Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **A ideologia da competência**. Organizador: André Rocha. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014. v. 3.

CHERVEL, André. L'histoire des disciplines scolaires. Paris: **Histoire de L'éducation**, n.38, 1988, p. 59-119.

CHOPRA, Deepak; TANZI, Rudolph E. Supercérebro: Como expandir o poder transformador da sua mente. São Paulo: Alaúde, 2013.

COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. (Orgs.). **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

COSCARELLI, Carla Viana. Os dons do hipertexto. **Littera: Revista de Linguística e Literatura**. Pedro Leopoldo: Faculdades Integradas Pedro Leopoldo, v.4, n.4, jul/dez, 2006. p.7-19. *Disponível em:* <<http://www.letras.ufmg.br/carlacoscarelli/publicacoes/DonsDoHipertexto.pdf>> Acesso em: 25 mai. 2017.

DALEY, Elizabeth. Expandindo o conceito de letramento. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 49, n.2: 481-491, jul./dez. 2010. *Disponível em:* <<http://www.scielo.br/pdf/tla/v49n2/10.pdf>> Acesso 11 mai. 2017.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. Trad. Geraldo Florsheim, Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Universidade da Universidade de São Paulo, 1978 [1976].

DAYRELL, Juarez Tarcísio. A escola como espaço sociocultural. In: **Múltiplos olhares sob a educação e cultura**. 2. Reimpressão. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

\_\_\_\_\_. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. Set /Out /Nov /Dez 2003 Nº 24. *Disponível em:* <<http://observatoriodajuventude.ufmg.br/publication/view/o-jovem-como-sujeito-social/>> Acesso em: 23 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 100, v. 28, p. 1.105-28, out. 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 21 dez. 2018.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola. In: **Juventude e ensino médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Juarez Dayrell, Paulo Carrano, Carla Linhares Maia (Org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DENNETT, Daniel C. **Memes**: myths, misunderstandings and misgivings. DRAFT. for Chapel Hill, October 1998. Disponível em: <<https://ase.tufts.edu/cogstud/dennett/papers/MEMEMYTH.FIN.htm>> Acesso em: 12 jan. 2018

DIAS, Vanina Costa. **Morando na rede**: novos modos de constituição de subjetividades de adolescentes nas redes sociais. Curitiba: CRV, 2016.

ESCALANTE, Pollyana Rodrigues Pessoa. **O potencial comunicativo dos memes: formas de letramento na rede digital**, 2015, 120f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://www.ppgcom.uerj.br/wp-content/uploads/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Pollyana-Escalante.pdf>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

EUZÉBIO, Michelle Donizeth; CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth. Usos Sociais da Escrita: Um Estudo sobre Práticas e Eventos de Letramento na Vivência de Professoras Alfabetizadoras. In: **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 13, n. 1, p. 13-34, jan./abr. 2013. p. 13-34. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ld/v13n1/a02v13n1.pdf>> Acesso em: 2 nov. 2017.

FARIA, José Neto de; MOURA, Mônica. Design e cultura contemporânea: a formação dos objetos culturais. In: CONAHPA. CONGRESSO NACIONAL DE AMBIENTES HIPERMÍDIA PARA APRENDIZAGEM, 3, 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2008. Disponível em: <[http://wright.ava.ufsc.br/~alice/conahpa/anais/2008/conahpa2008.zip%20folder/artigos/Design\\_e\\_cultura\\_contemporanea\\_a\\_formacao\\_dos\\_objetos\\_culturais.pdf](http://wright.ava.ufsc.br/~alice/conahpa/anais/2008/conahpa2008.zip%20folder/artigos/Design_e_cultura_contemporanea_a_formacao_dos_objetos_culturais.pdf)>. Acesso em: 20 dez. 2018.

FONTANELLA, Fernando. O que é um meme na Internet? proposta para uma problemática da memesfera. SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER, 3, 2009, São Paulo, **Anais...** São Paulo, 2009. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/48077247/O-que-e-um-meme-na-Internet-ABCiber-2009>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Tradução: Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREITAS, Wesley R. S.; JABBOUR, Charbel J. C. Utilizando estudo de caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. In: **Estudo & Debate**, Lajeado, v. 18, n. 2, p. 07-22, 2011. Disponível em: <<https://www3.ufpe.br/moinhojuridico/images/ppgd/8.12a%20estudo%20de%20caso.pdf>> Acesso em: 24 nov. 2018.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1.ed., 13 reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALLIDAY, M.A.K. **Language as social semiotic**. London: Arnold, 1978.

HAMILTON, Mary. Expanding the new literacy studies: using photographs to explore literacy as social practice. In: BARTON, David; HAMILTON, Mary; IVANIC, Roz (Org.) **Situated literacies**. London: Routledge, 2000. p.16-32.

HORTA, Natália Botelho. **O meme como linguagem da internet: uma perspectiva semiótica**. 2015. 191 fl. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Aleph, 2009; p. 27-53.

JENKINS, Henry *et al.* Executive Summary e Introduction: media virus and the meme. In: JENKINS, Henry. **Spreadability: if it doesn't spread, it's dead**. 2010. Disponível em: <[http://henryjenkins.org/blog/2009/02/if\\_it\\_doesnt\\_spread\\_its\\_dead\\_p.html](http://henryjenkins.org/blog/2009/02/if_it_doesnt_spread_its_dead_p.html)> Acesso em: 2 nov. 2018.

KENWAY, Jane. Educando cibercidadãos que sejam “ligados” e críticos. In: SILVA, Luiz Heron (Org.). **A escola cidadã no contexto da globalização**. 2. ed. Petrópolis:Vozes, 1998. p. 99-120.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online (métodos de pesquisa)**. Porto Alegre: Penso, 2014.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. Colour as a semiotic mode: notes for a grammar of colour. In: **Sage publications**. London, v.1 p.343-368. 2002.

\_\_\_\_\_. **Reading images: the grammar of visual design**. London. New York: Routledge, 2006 [1996].

LEMO, André. **Cibercultura, cultura e identidade: em direção a uma “Cultura Copyleft”?**. Contemporânea, v.2, n. 2, p 9-22 dez. 2004. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3416/2486>> Acesso em: 26 dez. 2018.

LEMO, André; CUNHA, Paulo (orgs). **Olhares sobre a cibercultura**. Sulina, Porto Alegre, 2003; p. 11-23. Disponível em: <<https://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/cibercultura.pdf>> Acesso em: 26 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. **Ciber-cultura-remix**. 2005. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<https://facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/remix.pdf>>. Acesso em: 26 dez. 2018.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LEU, Donald J.; KINZER, Charles K.; COIRO, Julie; CASTEK, Jill; HENRY, Laurie A. Novas literacias: uma teoria de duplo nível da natureza mutável da alfabetização, Instrução e Avaliação. In: **Theoretical models and processes of reading**. Newark, DE: International Reading Association, 2013.

LIMA, Maria Emília Amarante Torres. Análise do discurso e/ou análise de conteúdo. In: **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 9, n. 13, p. 76-88, jun. 2003. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/166/179>> Acesso em: 13 dez. 2017.

LINCOLN, Y.; GUBA, E. G. **Naturalistic inquiry**. Newbury Park, CA, SAGE, 1985.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: **Gêneros textuais e ensino**. Organizado por Ângela Paiva Dionísio, Anna Rachel Machado e Maria Auxiliadora Bezerra. 3 ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. páginas 19-36.

MARTINS, Gilberto Andrade. Estudo de caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisas no Brasil. In: **RCO – Revista de Contabilidade e Organizações** – FEARP/USP, v. 2, n. 2, p. 8 - 18 jan./abr. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rco/article/view/34702>> Acesso em: 12 dez. 2018.

MATTOS, CLG. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-83. ISBN 978-85-7879-190-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

MERRIAN, S. B. **Case Stu4J Research in Education**. San Francisco: Jossey Bass, 1988.

MINAYO, M. Cecília de Souza. Fase de análise ou tratamento do material. In: **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: ABRASCO, 1996. Disponível em: <[http://www.faed.udesc.br/arquivos/id\\_submenu/1428/minayo\\_\\_2001.pdf](http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo__2001.pdf)> Acesso em: 12 dez. 2017.

MORAES, M. **Ser humana: quando a mulher está em discussão**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

PAULA, Gustavo Nogueira de. O Videogame é um artefato cultural? In: BRAZILIAN SYMPOSIUM ON GAMES AND DIGITAL ENTERTAINMENT RIO DE JANEIRO, 3, 2009, Rio de Janeiro, **Anais...** Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <[http://www.sbgames.org/papers/sbgames09/culture/full/cult24\\_09.pdf](http://www.sbgames.org/papers/sbgames09/culture/full/cult24_09.pdf)>. Acesso em: 23 dez. 2018.

PEREIRA, Luana Gomes. Leitura, gêneros textuais e novas tecnologias. In: **# Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia**, Canoas, v.1, n.1, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/1709>. Acesso em: 3 mai. 2019.

PETERS, Otto. **A educação a distância em transição: tendências e desafios**. Trad. Leila Ferreira de Souza Mendes. São Leopoldo. RS: Ed. Unisinos, 2004.

PRIMO, Alex. Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo. **Revista da Famecos**, n. 12, p. 81-92, jun. 2000. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/int\\_mutua\\_reativa.pdf](http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/int_mutua_reativa.pdf)>. Acesso em: 26 dez. 2018.

RAGGI, Nathália. Juventudes na contemporaneidade: identidades, identificações, nomadismos. In: **Rev. Bras. Adolescência e Conflitualidade**, 2010 (0): 78-93. Disponível em: <http://revista.pgskroton.com.br/index.php/adolescencia/article/view/212>. Acesso 3 mai. 2019.

RECUERO, Raquel da Cunha. Memes e dinâmicas sociais em weblogs: informação, capital social e interação em redes sociais na Internet. In: **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 15, p. 1-16, julho/dezembro 2006. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/4265>> Acesso em: 12 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. Memes em weblogs: proposta de uma taxonomia. In: **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 32, p. 23-31, abril de 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3411>> Acesso em: 12 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

REZENDE, Shirlei Sales; FERREIRA, Aline Gonçalves; VARGAS, Francielle Alves. Juventude, gênero e sexualidade no ciberespaço: algumas possibilidades da extensão universitária. In: **Revista Triângulo**. v. 7, n. 1: 46-59, jan./jun. 2014 Disponível em: <<http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/revistatriangulo/article/view/514>> Acesso em: 21 dez. 2018.

RIBEIRO, Ana Elisa. Letramento digital: um tema em gêneros efêmeros. In: **Revista da ABRALIN**, v.8, n.1, p. 15-38, jan./jun. 2009 Disponível em: <<http://www.abralin.org/revista/RV8N1/ANA.pdf>> Acesso em: 18 mai. 2017.

\_\_\_\_\_. Multimodalidade e Produção de Textos: Questões para o Letramento na Atualidade. In: **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 64, p. 21-34, jan./jun. 2013. [ISSN 1982-2014]. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo>>. Acesso em: 4 nov. 2017.

ROCHA, Everardo. **A sociedade do sonho**: comunicação, cultura e consumo. Rio de Janeiro: Mauad, 1995. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=vYVf\\_l18jX4C&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=vYVf_l18jX4C&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false)> Acesso em: 4 nov. 2018.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROSINI, Alessandro Marco. **As novas tecnologias da informação e a educação a distância**. São Paulo: Thomson, 2007.

ROUSELL, Jennifer; KRESS, Gunther; PAHL, Kate; STREET, Brian. A Prática Social da Leitura Multimodal: Novos estudos de alfabetização – Multimodal Perspectiva sobre a leitura. In: **Theoretical models and processes of reading**. Newark, DE: International Reading Association, 2013.

SALES, Shirlei Rezende. **Orkut.com.escol@**: currículos e ciborguização juvenil. 2010, 230f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/FAEC-8M4H42/orkut.com.escol\\_\\_curr\\_culos\\_e\\_ciborguiza\\_\\_o\\_juvenil.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/FAEC-8M4H42/orkut.com.escol__curr_culos_e_ciborguiza__o_juvenil.pdf?sequence=1)> Acesso em: 2 nov. 2017.

SALES, Shirlei Rezende. Tecnologias digitais e juventude ciborgue: alguns desafios para o currículo do Ensino Médio. In: **Juventude e ensino médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Juarez Dayrell, Paulo Carrano, Carla Linhares Maia (Org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

SHIFMAN, Limor. **Memes in digital culture**. MIT press, 2014.

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. Cultura escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. **UFPR Educar**, Curitiba, n. 28, p. 201-216, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n28/a13n28.pdf>> Acesso em: 4 nov. 2018.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação**: criatividade e generosidade no mundo conectado. Tradução Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SANTOS, Zaira Bomfante dos. **Aspectos semióticos e lexicogramaticais de peças publicitárias**: a construção de uma leitura multimodal. 2009, 144f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp112790.pdf>> Acesso em: 21 dez. 2018.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. In: **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf>> Acesso em: 11 mai. 2017.

SOUSA, Cirlene Cristina de; LEÃO, Geraldo Magela Pereira. Ser Jovem e Ser Aluno: entre a escola e o Facebook. In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 279-302, jan./mar. 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2175-62362016000100279&script=sci\\_abstract](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2175-62362016000100279&script=sci_abstract)> Acesso em: 21 dez. 2018.

SOUZA JÚNIOR, Jaime. de. **Memes pluralistas – práticas linguístico-midiáticas em fenômenos bilíngues**: um estudo sistêmico-funcional e multimodal sobre propagação via corpora digitais. 2014. 173 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <[http://www.bdtd.uerj.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=8781](http://www.bdtd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=8781)> Acesso em: 4 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. #Selfienaurna, memes, imagens e fenômenos: propagações digitais e uma proposta multimodal e semiótico-social de análise. In: **Texto Livre**, v. 8, 2015. Disponível <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/8968>> Acesso em: 4 nov. 2017.

STAKE, Robert E. **The art of case study research**. [s.l.]: SAGE Publications, 1995.

SZYMANSKI, H.; ALMEIDA, L. R.; PRANDINI, R. C. A. R. Perspectivas para a análise de entrevista. In: **Revista Psicologia da Educação**. São Paulo, 13, 2º sem. de 2001, p. 151-159. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicoeduca/article/view/32842>> Acesso em: 22 jan. 2019.

TEIXEIRA, Inês. Uma carta, um convite. In: **Juventude e ensino médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Juarez Dayrell, Paulo Carrano, Carla Linhares Maia (Org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

TROTTA, Tatiana de; CARVALHO, Marília G. de. Representações sociosemióticas na mídia. In: SCHWARTZ, Juliana. (Org.) *et al.* In: **Discutindo as representações de gênero na literatura, no teatro e na propaganda**: coletânea. Curitiba: CEFET-PR, 2004.

VALENTE, Eduardo Soares. **Para uma real beleza e autoestima feminina**: analisando as campanhas e links do site Dove como artefatos culturais. 2009, 116f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2009. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=173088](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=173088)> Acesso em: 21 dez. 2018.

VIANA, Maria Luiza. Estéticas, experiências e saberes: artes, culturas juvenis e o Ensino Médio. In: **Juventude e ensino médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Juarez Dayrell, Paulo Carrano, Carla Linhares Maia (Org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

VIÑAO FRAGO, Antonio. **Tiempos escolares, tiempos sociales**. Barcelona: Editorial Ariel Practicum, 1998.

WATZLAWICK, Paul, BEAVIN, Janet Helmick e JACKSON, Don D. **Pragmática da comunicação humana**. São Paulo: Cultrix, 1993.

WELLER, Wivian. Jovens no Ensino Médio: projetos de vida e perspectivas de futuro. In: **Juventude e ensino médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Juarez Dayrell, Paulo Carrano, Carla Linhares Maia (Org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. Letramento Digital e Ensino. In: Carmi Ferraz Santos e Márcia Mendonça. (Org.). **Alfabetização e Letramento**: conceitos e relações. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, v. 1, p. 133-148. Disponível em: <<https://escolafutura.files.wordpress.com/2013/11/letramento-digital-e-ensino.pdf>> Acesso > 12 maio 2017.

YIN. Robert. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZANELLI, José Carlos. Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas. In: **Estudos da Psicologia**, n. 7, p. 79-88, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2002000300009&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2002000300009&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em: 21 dez. 2018.

## APÊNDICES

## APÊNDICE I

### Levantamento dos memes da internet postados na fanpage Estadual Central

A seguir será apresentado um levantamento dos memes da internet produzidos de 2015 a 2018. O critério utilizado para essa seleção foi catalogar todos os memes da página, bem como os complexos de memes produzidos a partir dos eventos polêmicos do cotidiano escolar dos membros do grupo.

(Continua)

Nome do meme	Ano	Curtidas	Comentários/ Compartilhamentos
Senhora cadê os 6 mil	2015	157	32
Se loco cachorrera!	2015	127	17
Hoje eu não gasto menos de 6 mil Kirida	2015	5	-
A beca de 6 mil	2015	3	-
Quem jaah me viu	2016	24	5
Novatos / Veteranoa	2016	69	17
Meninas du estadual centrau	2016	44	5
Batista all	2016	148	33
Começou a treta	2016	60	6
Micão Tour	2016	45	7
Tá na hora de vc parar de ser trouxa	2016	481	45
Cries Corrupto language	2016	15	-
Como os petistas votaram	2016	34	2
Por trás de todo jovem revolucionário	2016	29	218
O socialismo tem um discurso sedutor	2016	8	-
In Moro the trust	2016	7	-
Qdo vc está no grupo da escola	2016	20	-
Está no Estadual, e é de direita? Como pode?	2016	107	104
Quando vc se acha a foda do grupo	2016	16	12
Qdo vc é do grêmio, mas não fuma maconha	2016	90	24
Quando você é ex aluno do central, e algum aluno atual reclama de você estar no grupo	2016	42	-
Sem título	2016	11	2
O Brasil só vai para frente quando	2016	14	1
Sharkboy e Lavagirl	2016	36	2
Onde eu gozo, amor? Fora Temer	2016	27	8
Mulheres se vestem para impressionar outras mulheres	2016	17	16
Uso mangas largas para esconder a dor	2016	32	2
Não vai subir ninguém	2016	74	
Qdo vc tira 2,5 e o professor não arredonda pra 8	2016	104	6
Leite em pó	2016	116	1
Qdo descubro que meus esquemas se conhecem	2016	32	5
Quem trolou mais	2016	97	23
Uso mangas largas para esconder a dor	2016	21	-
Como a sociedade quer que eu me vista	2016	116	220
Como expulsar alguentrem educadamente	2016	181	16
Qdo vc é do grêmio e a aula é sobre vagabundos	2016	120	36
Qdo vc é do grêmio e te obrigam a ficar estudando	2016	94	11
Poxa grêmio, magoaram o buzz	2016	50	2
Umadi Martins	2016	36	-
Putá Merda	2016	87	16
Nossa filha! Ainda bem que você é boa menina...	2016	44	2

(Continua)

Nome do meme	Ano	Curtidas	Comentários/ Compartilhamentos
Has Science	2016	23	16
Sem título (sobre as ocupações)	2016	51	4
Sem título	2016	33	14
Estudar/Ocupar e resistir	2016	69	6
Art Appreciation Day	2016	30	2
Vamos ocupar a escola	2016	34	-
Indo para escola/ Vocês não entrem	2016	129	34
Qdo vc é do grêmio e vê a escola sem ocupação	2016	35	7
Não sei o que mais me deixa triste	2016	25	5
Vocês não entrem	2016	35	1
Que porra é essa marreco	2016	51	10
Vcs não entrem/Foda-se mermão	2016	49	1
Como isso foi parar aí?	2016	54	3
Ele demora pra responder	2016	68	7
Chega pra minha e fala	2016	9	-
Bombas? nem ligo!	2016	119	42
Que galera chata do caralho	2016	39	5
Que galera chata do caralho	2016	27	-
Quando alguém me expõe no Duelo de Shade.	2016	40	18
Coisas que eu quero comer agora	2016	97	70
Fora grêmio	2016	40	4
Sou vagabunda sim	2016	120	18
Como eh UFC nas iscolas de B.H	2016	37	-
Mininas du istadual centrau	2016	44	5
Começou a treta	2016	60	6
Este sou eu atualmente vendo ...	2016	8	3
Baile anual dos políticos ficha limpa	2016	13	3
Aquele momento em que o temer toma posse e a lei áurea não é revogada	2016	8	-
Quando você é um ex aluno e está no grupo dos novatos	2016	38	6
Nossa, está no estadual e é de direita?	2016	107	104
Quando você se acha a foda do grupo, mas escreve licença	2016	16	12
Quando você é do grupo e não consegue um cruzo	2016	23	2
Verdadeiro significado de tanto faz	2016	26	27
Sem nome (Pepe)	2016	11	2
Evolução da esquerda	2016	8	15
“The Estadual Central 2016” starter pack	2016	135	24
Uso mangas largas para ocultar minha dor	2016	32	2
Não vai subir ninguém	2016	74	--
Eu fazendo prova	2016	75	10
Halloween 2016	2016	47	
Sem título (sobre a prisão Eduardo Cunha)	2016	15	8
Absolutety Putasso	2016	36	7
Capitão Corno	2016	124	63
Quem trolou mais?	2016	97	23
O grêmio me representa	2016	99	14
Uso mangas largas para ocultar minha dor/ o grêmio me representa	2016	21	
Vocês vão entrar	2016	41	3
Perguntaram ao Dalai Lama:	2016	33	12
Vocês não vão entrem	2016	60	9
Why I'm “antissocial”	2016	4	
Quando você é do grêmio e vê uma escola sem ocupação	2016	56	4
Não sei o que é mais triste...	2016	25	5
Vocês não vão entrem	2016	31	1

(Continua)

Nome do meme	Ano	Curtidas	Comentários/ Compartilhamentos
Que porra é essa marreco	2016	51	10
Vcs não vão entrarem / Fodase mermão	2016	49	1
Como isso foi parar aí?	2016	54	3
Ele demora pra responder/Deve estar me traindo	2016	68	7
Chega pra mina que você tá afim e fala: o grêmio não me representa	2016	8	-
Moça do Central, que é contra ocupação	2016	99	35
Ele demora pra responder/Deve estar me traindo	2016	165	79
Eu indo pro Central	2016	26	-
Quando você vê o grêmio apanhando, mas lembra que eles não te deixarem entrarem	2016	76	7
Vendo as tretas quarta feira	2016	36	-
Vamos começar a reunião do grêmio	2016	66	4
What?! Vcs não vão entrarem !	2016	8	
Câmeras captam a reação das pessoas ao ouvirem vocês não vão entrarem	2016	56	6
Qdo vc é aluno do central chinga o pessoal da ocupação	2016	14	1
Quando a mina fala “entrarem”	2016	51	1
Vocês não vão entrarem /Até parece que não quer ficar em casa	2016	56	13
Remember the muro de Berlim?	2016	109	4
Filho, achei uma foto do seu avô	2016	25	1
Quando o povo do grêmio fala “se quiser somar aqui”/ “fala galera”	2016	18	
Quando você é aluno do Estadual e não te deixa entrarem	2016	26	
Quando o gremio falou que me representava !!!!!	2016	21	1
Não alimente o mico	2016	36	-
Somente os bruxos conseguem ler:	2016	69	3
Me solta, preciso falar “Vcs n vao entrarem”	2016	16	
O Central vai mudar quando entender que herói	2016	54	
Já acabou grêmio	2016	10	
Quando aquela esquerdinha diz que você não pode entrarem	2016	21	1
Vcs não vão entrarem	2016	13	-
Quando seu amigo fala que vai se juntar ao Grêmio do Estadual Central	2016	42	2
Quando o grêmio perde o poder	2016	11	-
Com ocupação/Sem ocupação	2016	27	-
Mais negrinho/menos ocupação	2016	12	-
Vocês nao vao entrarem	2016	20	-
Como assim nao vamos entrarem	2016	32	-
Quando dizem que a ocupação é pra me ajudar no futuro	2016	20	3
Só você pode entrarem em meu coração	2016	52	21
Me solta, tenho de fazer memes pro Central	2016	86	11
Aquele personagem que morre, mas jamais será esquecido	2016	10	-
Treta bonita, treta formosa	2016	29	1
Vaza Gremio, aqui e Inter crlh!!!!	2016	34	4
Gente feia é igual a gente bonita	2016	9	-
Tá achando que vai estudar...	2016	26	-
Deus tá vendo essas putaria ai	2016	10	-
Sexta no Central	2016	32	2
Me barraru hj	2016	19	-
Primeira punheta a gente nunca esquece	2016	48	-
The “Grêmio Abre Alas” starter pack	2016	97	12
Olha meu respeito com os demais da escola	2016	51	12
Não vai emtrarem ninguém	2016	51	2
Em uma escola grêmio cm vc está hj?	2016	2	-

(Continua)

Nome do meme	Ano	Curtidas	Comentários/ Compartilhamentos
Quando o grêmio fala que eu não vou entrarem	2016	71	10
Defina entrarem com uma imagem	2016	23	2
Batistas##	2016	31	2
Quando vc é do central e tá vendo as tretas	2016	15	-
Só uso shortinho se for assim	2016	25	3
Estamos estudando por ensino melhor e voces nao vao entrarem	2016	62	8
Quando você chega no Central e os vagabundos não foram embora	2016	16	1
Quando tá na hora de fazer os molotovs	2016	33	2
A galera descendo do busu na quarta feira	2016	9	3
Fora Temer	2016		
Fora Grêmio	2016		
Hora do grêmio dxr tds entrarem	2016	75	2
Ele demora para responder/Ae eu disse que ia pra escola estudar	2016	57	7
Precisamos de você	2016	6	
Quando você lembra que quarta feira o pessoal do grêmio...	2016	60	10
O que você quer ver quarta?	2016	62	1
Quando sua amorzinho apóia o grêmio	2016	37	27
Quando vc é do grêmio e fica 5 minutos sem fazer merda	2016	26	-
Não entrarem/Entrarem	2016	39	1
Vocês não vão entrarem	2016	26	
Vcs não vão entrarem	2016	20	4
Defendo o estudo/Mais Vcs não vão entrarem	2016	30	2
Ocupação Central 2016	2016	14	-
Alô? Eu só queria dzr...	2016	26	-
Suspeito 1: Vocês não vão entrarem	2016	83	2
Xopis di Belo Horizonte	2016	52	4
Já posso entrarem	2016	72	6
Eu vou entrarem	2016	22	--
Qndo me dxm entrarem	2016	29	
Não entrarem/Entrarem	2016	15	5
Quando você não é do grêmio e faz meme pro Central	2016	48	9
Indo gatão e xeroso pra escola	2016	50	10
Vai cair oficina no Enem?	2016	40	4
Não entre sem permissão	2016	32	2
Qndo dzm que eu não vou entrarem	2016	38	11
Quando você é professor é você não vai entrarem	2016	27	2
Sem título	2016	9	5
Esperando a hora de entrarem	2016	34	-
Esse é Farin	2016	14	47
Quando sua amorzinho apóia o grêmio	2016	12	23
Corre glr e a PM	2016	34	
A única integrante bonita do grêmio	2016	42	2
Estadual Central é o Titanic/Memistas	2016	71	6
Extremistas do Estadual Central/Eu	2016	52	-
Vocês estudantes não vão passarem	2016	21	1
Itenzynho anti ocupacao, adquira já	2016	9	4
O que é preciso para esmagar a cabeça de alguém	2016	39	5
O grêmio é o caraio	2016	14	-
Como eu queria estar	2016	17	-
Eu quarta-feira	2016	15	-
Ei crianças tá afim de drogas?	2016	64	2
Eu/Passando perto da ocupação	2016	26	-
Vocês não vão entrarem	2016	7	
Quem gostou bate palmas, quem não gostou paciência	2016	15	1

(Continua)

Nome do meme	Ano	Curtidas	Comentários/ Compartilhamentos
Quando vc é grêmio e não sabe...	2016	98	73
Paz não é uma opção	2016	3	
Você está arrumando muita treta	2016	10	-
Sem título	2016	13	-
O primeiro anal a gente nunca esquece	2016	9	9
Vosê caiu nô entrarem da gremista	2016	40	16
Desapega	2016	22	4
Quando vc é do grêmio e s usa o microfone pela 1ª vez	2016	12	1
Quando chega quarta e você e do grêmio	2016	86	9
Nos queria ta como? mas nao deixaram a gente entrarem	2016	24	-
Ele morde?	2016	119	12
O grêmio me representa	2016	43	4
E ela diz / vcs não vão entrarem / Oh meu Deus!	2016	134	-
Voar voar subir subir !!!!!	2016	13	-
O que as pessoas acham que vai cair no Enem	2016	113	10
Não vao / fora / entrarem / temer / por fora / por dentro	2016	35	6
Se a galera ficassem... / Fodase meu irmão	2016	9	-
Armem as ogivas nos ursos / Nos vamos entrarem	2016	12	-
Quando você vê uma pessoa não entrarem / Mas se lembra que a pessoa é do grêmio	2016	13	-
A beca de 6 mil reais	2016	44	12
A felicidade no olhar / De quem vive no socialismo	2016	25	8
Vosse caiu no conto da crasse baixa / Digite "Sai crasse auta" para se livrar	2016	26	15
4 coisas que todo mundo odeia	2016	114	12
Quando você é do Estadual e vai estudar pro Enem	2016	64	
Quando você ta assistindo o video do grêmio	2016	32	1
Odeio essas pessoas que gostam de rotular os outros	2016	10	-
Negada chegando na aula quarta-feira	2016	84	11
Conjugação / Eu entro / Tu entras / Nós entrarem	2016	33	
Quando vc é da ocupação e ta cansado dos memes da jessica / Já acabou, jessica???	2016	44	8
"Sou do grêmio"	2016	9	-
Qual é pior?	2016	19	14
Descubra seu nome / No grêmio do Estadual	2016	75	20
Grêmio Abre Alas – Estadual Central	2016	44	29
Quando alguém me expõe no Duelo de Shade.	2016	40	18
Você é muito alienado cara!!! / Aham...	2016	49	-
Meu Deus do céu que galera chata do caralho	2016	27	-
Sobre hoje no central kkk	2016	119	42
The "Quarta-Feira no Central" Starter Pack	2016	68	21
Eu vendo essas tretas/ Melhor foto	2016	75	3
Sem textão, resumo de hoje:	2016	32	5
Meu Deus do céu que galera chata do caralho	2016	17	1
Quando você vai pra escola e não deixam você entrarem	2016	12	8
Voces não vao entrarem	2016	5	-
Alô queria falar com o gremio / Vc não me representa	2016	9	-
Quando o gremio fala que não vamos entrarem	2016	3	-
Indo para escola / "Vocês não vão entrarem"	2016	4	-
Vocês não vão entrarem	2016	5	-
Não vão entrarem ninguém	2016	4	-
Vocês não vão entrarem	2016	13	-
Ocupação central 2016	2016	8	-
Qndo me dxm emtrarem	2016	2	-

(Continua)

Nome do meme	Ano	Curtidas	Comentários/ Compartilhamentos
Eu vou emtrarem	2016	6	-
Qndo dzm q / Eu não vou emtrarem	2016	4	-
Hora do Grêmio dxr tds emtrarem	2016	14	1
Já posso emtrarem	2016	3	-
Vcs não vão emtrarem	2016	2	-
Defendo o estudo / Mais vcs não vão emtrarem	2016	5	-
Alô? Só queria dzr... / Q vcs não vão emtrarem	2016	3	-
Eu esperando ter uns molotov voando	2016	9	3
Fui Roubada / Pulçaaa	2016	75	29
Coisas que eu queria comer agora	2016	90	70
The “Quarta-Feira no Central” Starter Pack/ Fora Grêmio	2016	33	16
Brasília ficaria melhor assim?	2016	94	168
Amanhã tem aula ou guerra???	2016	14	-
Quando você é esquerdinha e vê um negro que não vitimiza	2016	34	1
Como deveria ser / Como é	2016	14	-
Principal arma do Grêmio	2016	12	3
Quando você é a favor da PEC mas não pode falar nada que é oprimido	2016	7	
Eu vendo a treta da esquerda x direita.	2016	621	159
Eu esperando o debate na escola	2016	108	47
Definição de ironia	2016	12	-
Filho a policia ta aqui na porta	2016	94	12
Faz o cuspe	2016	33	7
Ainda bem que o meu filho nunca se envolveu em um crime virtual né filho?	2016	44	6
Se um esquerdista não pode ter um iphone	2016	11	3
Não adianta bancar o politizado	2016	63	18
quantos Sharingans um hokage desse merece?	2016	36	56
Quando sua posição ideológica consegue ter voz mas você falta no dia	2016	12	-
Comece a sua redação com “primeiramente fora Temer”	2016	23	-
Toma no cu pegaro eu colano no ENEM	2016	9	3
Fez o trabalho? Me deixa copiar?	2016	22	3
Você caiu na mentira do 20	2016	47	27
Quando você nem é da escola	2016	9	7
Na hora de exigir direitos	2016	72	-
Então você acha que alguém precisa de ocupação para usar droga e transar?	2016	9	1
Trump e Temer alguma referencia?	2016	9	8
Quando você goza dentro	2016	89	84
Vem cá minha filha, me abraça aqui	2016	21	15
Champions League é moda/ Interclasse é foda	2016	58	42
Quando o cara já repetiu 3 vezes	2016	54	17
Como o amiguinho que ocupa a escola acha quié	2016	34	12
Quando o professor pede pro aluno apitar o interclasse	2016	90	21
Pq Vcs tão bloqueado a avenida?	2016	38	1
Essa prova aqui ta uma porra	2016	9	7
Volta as aulas / estadual central	2016	239	63/11
Uso mangas largas para ocultar a minha dor	2016	24	0/1
Se não for pra ser assim nem precisa ter eleição pra grêmio	2016	232	127/1
Numa escala de Seiya, como você está hoje?	2016	12	19
Quando seu amigo feio pega a mina 10/10 da escola	2017	37	69
A aula de hoje é sobre fracasso/Que foi seus putos?	2017		
Chaminé	2017	86	15

(Continua)

Nome do meme	Ano	Curtidas	Comentários/ Compartilhamentos
Quando o diretor chegou:	2017	15	13
Quando vc tranca o diretor	2017	104	13
Como minha mãe pensa que eu estou na escola	2017	40	6
Homão desses chega a calcinha molhar	2017	36	37
Postei e sai correndo	2017	245	31
Postei e sai correndo	2017	126	83
Dia normal/PAC	2017	242	36
Meu pac hj	2017	55	5
Estudar para o Pac	2017	32	1
Meu foco jogando	2017	6	-
Que boquinha	2017	26	2
Pac Man	2017	108	10
#pas	2017	52	8
Não fazer greve	2017	12	4
Quando o teu professor de educação física é gordo	2017	60	7
Quando você vai sair pro rolê	2017	19	2
A greve continua	2017	43	66
Quando a fila do almoço ta grande	2017	36	6
O P.A.C é sábado/ Eu:	2017	85	5
Interessante, pena que o dono do spotted nao estava em sala	2017	32	18
Quando é o último dia de spotted e você n recebeu nenhum...	2017	38	3/1
Aquele momento que você recebe um spotted e fica super feliz mais e te xingando kakakak	2017	20	4
To com um beck pra gente	2017	38	3
Eu quero fazer jornalismo	2017		-
Essa novinha é terrorista	2017	13	-
Na hora de apresentar um trabalho copiado	2017	45	4
Quando criam um Shade Central	2017	28	7
No meio da noite, sua casa é invadida	2017	6	7/1
De boas esperando as tretas nos spotted	2017	11	-
Quando o Central Crush volta/ Mesmo assim não vou receber Spotted	2017	21	-
Quando perguntam se ja recebi um spotted	2017	58	11
Não existe mulher feia	2017	13	1
Quando me perguntam o que falha mais	2017	23	11
Legal cara / Não aguentou a pressão? / Pede para sair!	2017	19	-
Evento de troca de spotted	2017	38	12
Quando a sua ideia dá certo	2017	22	6/1
Fez o trabalho? – Me deixa copiar?	2017	44	22/1
Quando você fez algo	2017	44	33
#PAS	2017	46	10/2
Tretaaaaas	2017	61	9
Quando você tá matando aula no centro e encontra a sua mãe no ônibus	2017	24	5
Como chegar no crush	2017	14	0/3
Quando ta rolando central crush mas a sua n tem facebook	2017	14	8
Aceita namorar comigo	2017	6	-
Quando vc encontra o seu par ideal pelo melhor spotted!	2017	21	-
Quando vc manda sportted pra pessoa mas sabe que não tem a mínima chance	2017	47	49
Então vcs n vão mandar spotted pra mim... jae	2017	16	1
Quando vc recebe um spotted e não sabe quem mandou.	2017	13	2
Quando a professora que te odeia	2017	17	11/1
Te mandam um spotted / Mas a pessoa é feia.	2017	58	38/1

(Continua)

Nome do meme	Ano	Curtidas	Comentários/ Compartilhamentos
Briguem desgraçados / Briguem	2017	18	0/2
Você não vai incomodar com quem fuma se você fumar também	2017	48	6
Muita treta vish	2017	6	-
Recebi um correio elegante e vc não	2017	21	0/1
Quando os seus amigos te lembram que você apoiava o grêmio	2017	62	11/1
Que tipo de Abre Alas é esse?	2017	55	10/2
Quando a Jessica Costa passa na tua frente	2017	65	45
Vai rolar sessão de spotted na unidade 1 amanhã/ unidade 2 não vai subir	2017	29	20
Em breve....	2017	64	21/2
Quando você ta na fila do central	2017	139	20/6
Quando vc tá conversando com a mina e ela começa a falar de outro cara	2017	27	1/1
Estudar um dia antes da prova	2017	29	0/2
Num vai subir ninguém	2017	173	30/4
Quando acaba a net do celular e vc fica vendo a galeria	2017	16	3/1
Mais uma Quinta-feira normal aqui no estadual!	2017	247	21/12
Quando a mina te da um fora	2017	38	12/1
Quando o Crush Central Vai na sua sala e te entrega dois spotted	2017	18	3
Quando vc ainda nem ficou c o boy e ele te manda um “eu te amo”	2017	10	8
Quando aquela pessoa que você conversa todo dia começa a te dar vacuo e afastar de você	2017	27	8/2
Quando o evento tá daora mas a escola corta o barato (essa escola tá uma porra)	2017	40	13
A fome conversa com o Pica Pau	2017	8	1
Quando você está vendo memes	2017	9	
O porteiro disse que os alunos n ia sair 17:00	2017	201	41
A queda do muro de Berlim	2017	459	66
hm que mar lindo	2017	9	2
A fome conversa com o Pica Pau	2017	20	3
Só vdd	2017	3	-
Início do ano letivo...	2017	62	4/1
Meu Deus do céu que galera chata do caralho	2017	18/23	1
Estudando / Fazendo meme	2017	8	0/1
Meu Deus do céu que galera chata do caralho	2017	35	8
Frida Kahlo: Adorada pelas feministas	2017	21	68
Meu Deus do céu que galera chata do caralho	2017	31	1
Quando “os canalhas” abrem a porta da sua sala	2017	45	15
Recebi uma notificação do central // era o povo tretando atoa dnv	2017	77	42/2
Admita: No primeiro dia de aula...	2017	21	-
Kit para o início das aulas	2017	38s	15
Quando te lembram que você	2017	125	5
Quando vc precisa de nota e tenta agradar o professor	2017	150	24
Coisas q eu vo levar só pra garantir q nn vão tacar tinta né mim am	2017	71	36
Quando alguém do central fala / Que não vai levar tinta na cara	2017	23	12/1
- Como foi a aula hoje filho? / - Mil tretas	2017	36	5
Quando você acorda para ir para aula	2017	22	1
Quando você passa de bike pela mina	2017	17	1/1
Aqueles personagens que seram eternos amigos	2017	58	27
Aluno do Terceirão	2017	69	11
Primeiro dia de aula do ano	2017	42	7
Mas e a erva?	2017	14	4
Trote sobre tela	2017	45	21
Quando você é feio e mesmo assim tem foto no perfil	2017	39	1

(Continua)

Nome do meme	Ano	Curtidas	Comentários/ Compartilhamentos
Quando voce encontra a pitaguinha que vc mandou um spotted	2017	55	10
Quando não tem mais spotteds	2017	63	20
Quando o novo diretor chega	2017	60	5
Quando vc pega recuperação em quase tudo e ainda passa de ano.	2017	88	79
Ata	2017	10	-
Quando ta chegando perto do dia do trote	2017	28	0/6
Primeiro dia de aula iuppiii / Vai ter trote	2017	68	8/2
Chapa 2	2017	27	-
Putasso.mp4	2017	68	8
Eita corre	2017	191	24
Mais um dia normal no central	2017	82	9
Professores sofredores	2017	20	1
Quando vc para pra pensar nas recuperações	2017	17	1
Quando acabam as aulas	2017	85	7
Queda do Muro de Berlim	2017	470	28
Ai vc passa de ano e ninguém acredita	2017	13	2
Eis que sai a lista da recuperação	2017	9	-
Hoje é dia de PAC	2017	14	1
Eis que ninguém gosta do novo diretor da escola	2017	11	1
Se não for pra entrar assim	2017	10	3
Eis que seus amigos se formam	2017	15	3
Meu recado pros professores que fazem provas difíceis	2017	10	-
Ultimo dia de aula no central vai ser como	2017	25	3
Tá na hora de vc parar de ser trouxa	2017	168	10
Vários no final do bimestre	2017	6	-
Tentando achar os membros da chapa 2	2017	17	4
Vcs discutindo / eu e o Hans tamo como	2017	18	2
Eis que chega o último dia de aula	2017	25	-
Quando dá o intervalo e a merenda é boa	2017	13	3
Bem isso	2017	11	1
Mais um dia normal no Estadual Central	2017	96	14
Quando a professora divide a sala em dois grupos	2017	8	-
Patrocínio da Caixa Econômica é pros fracos	2017	11	2
Estão prontos meus amgs	2017	45	3
Depressão pós Pac.	2017	248	32
Venha conhecer	2017	242	34
Parei	2017	110	8
Como minha mãe pensa que eu estou	2017	40	2
Aqui nós louva é o baseadão	2017	129	2
Proeb, após o ultimo sinal	2017	8	--
Quando vc precisa de nota e tenta agradar o professor	2017	149	13
Povo nao perde tempo	2017	18	2
Aavuahaha apos o pac	2017	44	1
Quando alguém de direita	2017	8	3
Minha sala	2017	33	2
Eis que o ano está acabando	2017	15	-
Eis que a professora diz que curte novinhos	2017	4	-
Aquele meme mal feito	2017	19	3
Toninho já tá preparado pra quem for mal esse ano	2017	38	3
Topete mais malado do Central	2017	168	9
Eis que seus amigos estão conversando	2017	4	-
Aí começa o intercalasse	2017	26	-
Bullying/Briga/Sem uniforme	2017	109	4
Esses alunos gostam mesmo do Centralzão	2017	75	-

(Continua)

Nome do meme	Ano	Curtidas	Comentários/ Compartilhamentos
De que é feito o universo?	2017	52	3
Aluno raiz e aluno nutella	2017	90	41
Você é ateu?	2017	2	-
Pra quem falar que não sou do estadual	2017	98	168
Como ter um topete	2017	35	4
Sem título	2017	84	17
Sem título	2017	176	21
Sem título	2017	71	9
Qualquer semelhança é mera coincidência	2017	19	1
Quando o topete do seu topete tem um topete	2017	81	5
Olha a onda	2017	139	12
Serra elétrica pra cortar topete	2017	17	2
Era isso que vc queria?	2017	8	9
Meu precioso	2017	57	11
Af mano, o cara não para	2017	9	2
Quando você vira administrador do grupo	2017	54	4
Eis que divulgam as notas do PAC	2017	76	11
Tendo uma visão periférica da vergonha alheia	2017	27	4
Se formar no ensino médio	2017	88	10
Aí vc pergunta ao grêmio quando vai ser a eleição	2017	17	-
Com o que minha escola se importa	2017	66	20
Mil tretas no colégio e olha como a gente está	2017	16	-
Marque seus amigos	2017	16	1
Quando o povo lembra que vc fazia parte do Grêmio	2017	38	2
Mais um dia de aula normal no central	2017	82	15
Já que o mandato do grêmio	2017	12	2
Quando o professor está explicando a matéria	2017	8	
Ao invés de Funk deviam tocar isso no dia D, que o povo da escola curte mais	2017	42	1
Quando o grêmio estudantil promete...	2017	71	3
Eis que vc tira 4,5 na prova	2017	2	-
Quando entrei no central pela primeira vez	2017	50	4
Meme lixo pra descontrair	2017	167	22
Aí seu material some e seus amigo tenta disfarçar	2017	9	-
Eis que vc vai despedir da sua sala	2017	19	4
Quando tentarem me assaltar na porta da escola	2017	51	5
Daí a professora fala a nota de todo mundo alto	2017	7	-
Quer falar comigo?/ Me manda por escrito	2017	175	23
Postei e sai correndo	2017	67	5
Aqueles golpes que enganam muitas pessoas	2017	43	6
Entrando na escola	2017	95	1
Dar bolada no colega	2017	50	6
Eis que vc recebe o boletim	2017	20	2
Lugares que eu gostaria de beber leite	2017	141	38
Eis que vc diz que só vai dormir	2017	31	1
Quando você vê o crush de papinho com azinimiga	2017	96	11
Eis que vc estuda em outra escola	2017	116	2
Aquele momento em que vc atrapalha a foto da escola inteira	2017	244	5
Eis que um João entra na unidade II	2017	72	2
Vou chamar o conselho tutelar	2017	47	2
Pessoas de biologia amando	2017	24	3
Materias de História do 3º ano	2017	23	1
Aula normal no Central	2017	28	-
Lula por quantos anos	2017	46	12

(Continua)

Nome do meme	Ano	Curtidas	Comentários/ Compartilhamentos
E assim termina mais um dia de aula normal no Central	2017	56	1
Eis que vc tem 11 anos e a luz da escola acaba	2017	9	-
Vulgo biblioteca do Central	2017	120	23
Mais um dia de aula normal no Central	2017	143	9
Eis que sua mãe diz que você é comunista	2017	7	-
Eis que vc ta morrendo de sono	2017	41	-
Quando o Ubiraci começa com as piadas dele	2017	6	1
Os estudos/Eu	2017	6	2
Início do ano no meio do ano	2017	53	1
Dai começam a falar que vc rouba as canetas da sua sala	2017	15	7
Parece que não foi dessa vez	2017	157	5
Eis que vc sai de casa atrasado	2017	17	-
Eis que mlk chama sua cremosa pra dançar quadrilha	2017	51	2
Roubar um veículo	2017	38	7
Suas bitucas chegam	2017	4	-
E o mlk consegue entrar 7:03	2017	114	7
Hora de ir pra casa	2017	72	6
Mais um dia de aula normal no Central	2017	138	6
É a lei do duende	2017	139	7
Quando são 7:02	2017	17	-
Mais um dia normal no Central	2017	11	-
Se vc vai ou não dançar quadrilha	2017	99	1
Alguém aí vai querer participar	2017	67	1
Quando te colocam no grupo da quadrilha	2017	38	2
Eis que o trakinas fala que vai chama o conselho tutelar	2017	54	-
Eis que o herói volta na sua forma mais poderosa	2017	254	-
A quadrilha tá chegando aé	2017	39	11
Posha gremiu	2017	116	2
Eis que vc é comunista	2017	12	2
Se não for assim, nem quero	2017	17	-
Quando os canalhas dizem	2017	10	-
Quando vc chega na escola e não vai ter encontro de 1 real	2017	40	-
Quando vc é feio e recebe um spotted	2017	17	-
Aquele momento em que o assunto é a rejeição	2017	72	2
Quadrilha em outras escolas	2017	141	5
A galera afim de mandar uns passinhos assim e o trakinas tira o funk	2017	31	-
Como pedir aquela gata pra dançar quadrilha	2017	37	1
Quando me perguntam se eu quero intercalasse	2017	8	2
Sua barriga me dá arrepios	2017	157	18
Vocês não vão entrarem após 7:01	2017	105	-
Quando vc entra na escola	2017	117	7
Diretor Resposta	2017	230	14
Entrando na sala do Central e indo parar nos casos de família	2017	346	2
Nós estudamos de manhã	2017	9	
Quando o mano chega falando	2017	36	2
Quando vc chega 3 minutos atrasado	2017	30	-
Quando vc chega 7:01	2017	52	2
Não pode ter relações de afeto na escola	2017	51	-
Quando o diretor novo diz que não vai poder ter encontro de 1 real	2017	10	-
Quando não tem mais spotted	2017	7	-
Eu vendo as pessoas recebendo spotted sem ganhar um	2017	31	3
Todo mundo recebendo spotted	2017	36	2
Quando acordo atrasado para a escola	2017	9	2

(Conclusão)

Nome do meme	Ano	Curtidas	Comentários/ Compartilhamentos
Aonde está a França? Aonde está o Brasil?	2017	57	6
Eis que o portão está fechado	2017	24	-
Quando o diretor novo ve que já deu 13h01	2017	42	-
Não tem problema vc não ter recebido spotted	2017	8	-
Quando perguntam se já	2017	13	1
Quando você é feio e recebe um spotted	2017	18	1
Quando todo mundo começa a recebe spotted	2017	34	2
Te mandaram um spotted	2017	13	1
Novas normas pra a escola?	2017	51	4
Mais um dia de aula normal no Central	2017	334	25
Eu fazendo Olimpíada de Matemática	2017	21	-
Se não for pra dançar quadrilha assim/ Nem danco	2017	47	2
Como foi na OBMEP	2017	32	-
Quando você está vendo memes	2017	9	-
Quando te lembram que você não gostava do Jefferson	2017	124	4
Quando me perguntam o que eu espero do Interclasse esse ano	2017	6	12
Pulando o muro ao som de Sweet Dreams	2017	161	43
Quando o diretor chegou	2017	16	11
Quando vc tranca o diretor no banheiro	2017	106	7
Quando o novo diretor chega	2017	62	2
Quando seu amigo é feio	2017	37	10
Como minha mãe pensa que estou na escola	2017	42	4
Ultimo dia de aula no central vai ser como	2017	26	17
Ai você acorda determinado a passar de ano/ Tem greve	2018	109	4
Ex aluno / Gustavo Lima	2017	72	11
Isso é um assalto	2017	50	10
Breve nos cinemas/ Greve Infinita	2018	182	26
Como ser um retardado	2018	58	6
Dia D chegando, e os mano já pensa	2018	29	12
O que o diretor achou que era / O que realmente era	2018	84	1
Material Escolar das escolas de Minas Gerais	2018	36	1
Se preparando pra ouvir as piadinhas do Ubira	2018	14	-
Aí a tia da merenda diz que você já merendou	2018	36	1
Oque levar no primeiro dia de aula	2018	68	3
Gotinha/Peninha/Tijolinha	2018	139	31
No primeiro dia eu quero ta como...entendedores, intenderão	2018	19	2
Dica pros novatos	2018	32	6
Trakinhas (o meme é uma resposta à pergunta)	2018	7	-
Eu/Minha nota na PAC	2018	41	3
Porra/Já avisei que vai dar merda	2018	39	3
Brigar por causa de amigos	2018	41	1
Quando entrei no central e ja teve greve de 1 mes	2018	71	4
So pra lembrar o meu ano que entrei msm	2018	65	5
Ae professor não precisamos mais vir na sua aula	2018	21	2
Estudar/Reclamar da escola	2018	46	1
Qual foi novato, ta tirando	2018	47	14

## Referências

ESTADUAL Central 2018. Disponível em:  
<https://www.facebook.com/groups/CanalhasDoCentral/> Acesso 22 jun 2018.

## APÊNDICE II

### Convite

Caríssimos (as) usuários (os) do Estadual Central,

Estou precisando da ajuda de vocês: sou mestranda da Universidade do Estado de Minas Gerais e há um ano iniciei meus estudos sobre a memética (estudo formal dos memes), sendo que minha investigação se voltou para como os memes da internet têm emergido como uma nova forma de expressão cultural.

Em contato com grupo do Estadual Central, percebi que memes da internet estão bem presentes no dia a dia de vocês e por isso gostaria de compreender como se dá essa relação. Será que vocês poderiam me auxiliar nessa tarefa?

Assim, ficarei muito agradecida se puderem preencher um questionário de sondagem para minha pesquisa.

Maria Alice de Souza

## APÊNDICE III

### QUESTIONÁRIO DE SONDAAGEM

Caros jovens,

Apesar de surgir fora da escola, os memes da internet têm sido assimilados pela cultura escolar, por isso estou desenvolvendo uma pesquisa que objetiva estudar o meme como artefato cultural e sua relação com o contexto educacional.

Para iniciar meu trabalho, gostaria de solicitar a vocês que respondessem algumas questões que se encontram abaixo. Esse questionário será usado apenas para uma sondagem e não haverá sua divulgação, por isso não há necessidade que se identifiquem.

Desde já agradeço a colaboração de todos.

#### QUESTÕES

1. Marque abaixo seu sexo:

(      ) Masculino              (      ) Feminino

2. Qual é a sua idade:

15 (    )      16 (    )      17 (    )      18 (    )      19 (    )

Outra (      )      Qual? \_\_\_\_\_

3. Você costuma recorrer ao uso de memes da internet em sua comunicação do dia a dia?

(      ) Sim    (      ) Não

Em caso afirmativo, com que frequência?

(      ) Sempre

(      ) Uma vez por semana

(      ) Quinzenalmente

(      ) Mensalmente

Em caso afirmativo, que tipos de memes costuma curtir ou compartilhar? (É possível marcar mais de um tema)

- Afetivos
- Escolares
- Sociais
- De opinião pública
- Outro \_\_\_\_\_

**4.** Você costuma produzir memes da internet?

- Sim       Não

**5.** Você já compartilhou ou curtiu algum meme da internet na *fanpage* Estadual Central?

- Sim       Não

**6.** Você faria parte de um grupo que discutisse os hábitos de produção e compartilhamento de memes da internet com temáticas escolares?

- Sim       Não

Em caso afirmativo, como participaria desse grupo:

- Presencialmente
- Virtualmente
- Ambos

Caso queiram saber mais a respeito dessa pesquisa e no futuro participar dela, deixo meu e-mail para contato: [mariaalicepesquisa@gmail.com](mailto:mariaalicepesquisa@gmail.com)

Obrigada pela atenção de todos,

Maria Alice

## APÊNDICE IV

### Questionário Virtual



Participante 1 (Daniela) com toda a certeza.

Participante 2 (Wesler) tudo começou com um canal no yt, gameplay rj.

Participante 3 (Amanda) Sim, porem uso mais no facebook e twitter.

Participante 4 (Evelyn) entrei no twitter e não parou mais.

Participante 5 (João) sim,começou a partir de mememakers la do EUA com aqueles memes mais clássicos e tradicionais ,com por exemplo o troll face entre outros...Tudo começou quando o meme viralizou e estava em toda parte da internet, por todo lugar e tudo virava meme.

Participante 6 (Luísa) Tudo começou quando o meme viralizou e estava em toda parte da internet, por todo lugar e tudo virava meme.

Participante 7 (Gabriel) Sim, tudo começou quando a Inês Brasil tava bombado com aquela música, " Oba Oba ", os memes eram retirados do Clip da Música.

Participante 8 (Maria Clara) tudo começou em conversas particulares com amigos, fazendo referencias a momentos do dia ou atitudes de determinados amigos, até os memes começarem a fazer referencia a tudo, e acabaram se tornando expressões.

Participante 9 (Ana) começou com o meu contato com o facebook , e ter muitas fotos zuadas de familiares e amigos ,entao comecei a expressar sentimentos meus nas fotos , e para deixar a conversa entre amigos mais interessante.

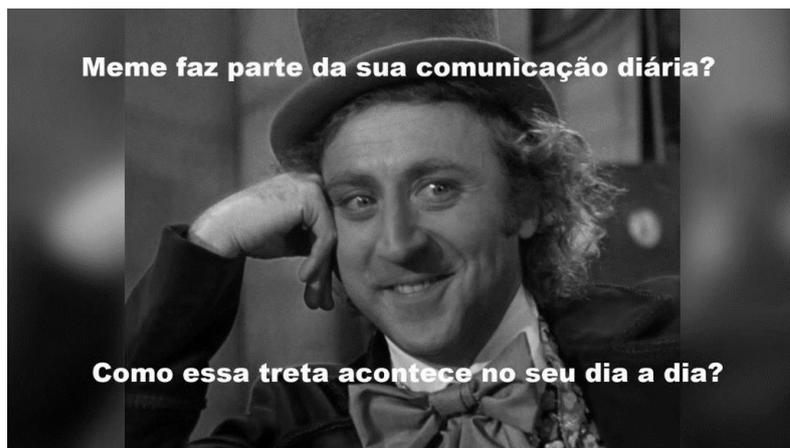
Participante 10 (Giovana) Tudo começou com conversas com amigos, até o meme estourar no mundo todo e fazer parte do nosso dia a dia!! Eu uso para deixar tudo mais engraçado e divertido, por isso virou uma maneira de se expressar positivamente.

Participante 11 (Bernardo) <https://youtu.be/YtpATpMKDkg> tudo começou com esse link.

Participante 12 (Guilherme) começou a se expandir a partir das paginas de facebook.

Participante 13 (Tayna) Sim. EU uso pra conversar com os amigos ou pra expressar algo. Começou com meu amigo que usa bastante e me mostrou.

Participante 14 (Nina) pensar em como tudo começou é bem inesperado, porque paramos pra pensar e acabamos concluindo que foi tudo de forma muito espontânea, bastou olhar uma imagem, e conseguir rir de tamanha ironia.



Participante 1 (Daniela)

Participante 2 (Wesler) Eis que você está de boa no ônibus e começa a lembrar dos memes.

Participante 3 (Amanda) Sim, pelo twitter. Sobre a treta, impossível não usar memes !!

Participante 4 (Evelyn) sim, não sei o que dizer, so sentir. Participante 5 -João sim,em todo meio de comunicação tanto virtual como no real,tipo na escola e em casa.

Participante 6 (Luísa) Não muito. Costumo mais ver do q usá-los.

Participante 7 (Gabriel) Não. Porquê uso uma linguagem mais seria no dia a dia, mais às vezes crio memes dos meus amigos mesmo kkkk.

Participante 8 (Maria Clara) sim, os memes fazem parte da minha comunicação, como referencias diárias a momentos engraçados.

Participante 9 (Ana) eu uso meme pra tudo !! sem meme meu dia está incompleto.

Participante 10 (Giovana) O meme é uma maneira engraçada de se comunicar, por isso procuro me manter atualizada e usá-los diariamente.

Participante 11 (Bernardo) sim, sempre que converso com meus amigos.

Participante 12 (Guilherme) sempre q estou a toa entro no facebook e vejo memes.

Participante 13 (Tayna) Sim.. pelo whats.

Participante 14 (Jhow) claro companheiro o tempo todo nesse país.

Participante 15 (Brenda) uso muito os memes, quase todos os momentos da minha vida.

Participante 16 (Nina) sem meme meu dia não é o mesmo uaaai 🤔. pra mim é a melhor forma de expressão.



Participante 1 (Daniela) fazer nunca mas suar bastante sempre.

Participante 2 (Wesler) tiram foto minha distraido ai "vira meme".

Participante 3 (Amanda) Nunca fiz, mas uso bastante.

Participante 4 (Evelyn) não faço. mas uso.

Participante 5 (João) sim,faço com as tendencias do momento e com fotos zuadas dos meus amigos.Só precisa ter criatividade para poder fazer um meme.

Participante 6 (Luísa)

Participante 7 (Gabriel) Siim, só que foi em grupo de amigos no Facebook.

Participante 8 (Maria Clara) eu nunca criei um meme.

Participante 9 (Ana) sim já criei vários. e bem natural eu simplesmente crio . e para se criar um meme basta um contexto , e uma opiniao geral e uma pitada de humor.

Participante 10 (Giovana) Já criei vários memes!! É preciso de ter bom humor, criatividade, contexto, senso e fazer ao menos um pessoa rir.

Participante 11 (Bernardo) sim, tirei fotos dos meus amigos e as transformei em um meme.

Participante 12 (Guilherme) sim, tirei varias fotos dos meus amigos e fiz uma brincadeira com elas, so é preciso ter um celular q é o suficiente.

Participante 13 (Taina) Fiz. Criei um com a prof de português... precisou de uma foto engraçada que calhava com a situação.

Participante 14 (Jhow) Bangui é loco tiu.

Participante 15 (Brenda) ja criei alguns memes, é preciso imaginação e um bom senso de humor para criar e entender memes.

Participante 16 (Nina) já criei alguns memes, creio que para criar um, depende de onde você pretende usar, qual o assunto predominante no momento. quando eu criei memes eu usei apenas a critica e a ironia.



Participante 1 (Daniela)

Participante 2 (Wesler) era pra ser esse o motivo Ai seu amigo para de te marcar pra marca a mina que ele conheceu ontem.

Participante 3 (Amanda) Não ter o que fazer.

Participante 4 (Evelyn) ser atoa.

Participante 5 (João) expressar opinião, dar uma ideia ou também divertir outra pessoa.

Participante 6 (Luísa) O fato de querer se interagir em e estar ou ficar por dentro dos acontecimentos.

Participante 7 (Gabriel) Acredito que seja o humor, a forma de descontração que o humor traz.

Participante 8 (Maria) as pessoas interagem bastante com memes e compartilha-los mostra que vc esta por dentro das discussões da internet.

Participante 9 (Ana) poder expressar um pensamento provocando humor e melhora o entendimento ao mesmo tempo.

Participante 10 (Giovana) A intenção de compartilhar e criar memes é se identificar, rir e fazer outras pessoas rirem contigo.

Participante 11 (Bernardo) compartilhar uma opinião.

Participante 12 (Guilherme) para fazer um divertimento.

Participante 13 (Taina) Divertir as pessoas.

Participante 14 (Jhow) Falou comigo?

Participante 15 (Brenda)

Participante 16 (Nina) cada um se expressa de uma forma. quando eu crio ou compartilho um meme, eu me identifico ou quero fazer alguém rir.

Participante 17 (João Botelho) fazer mais amigos rirem daquilo kkkk.

Participante 18 (Julia) Geralmente quando um determinado meme combina com vc.



Participante 1 (Daniela)

Participante 2 (Wesler) acesso mais a sam.

Participante 3 (Amanda) não uso, pego tudo no twitter e no face.

Participante 4 (Evelyn) costumo ver no South America Memes ou no twitter.

Participante 5 (João) acesso grupos do facebook que produzem isso tipo a SAM,GT's 10/10 entre outros.

Participante 6 (Luísa) Sim. Chamam atenção pelo fato de serem totalmente irônicos e engraçados.

Participante 7 (Gabriel) Costumo dar uma olhada às vezes na página no Facebook, Jaciara Macumbeira. Acho hilário KKKKKkK.

Participante 8 (Maria) costumo curtir paginas de memes do facebook, porque fazem referencias engraças e relacionadas a coisas que eu gosto.

Participante 9 (Ana)

Participante 10 (Giovana) Sim, eu costumo participar de grupos e páginas das redes sociais sobre memes além de produzir alguns com fotos minhas.

Participante 11 (Bernardo) acesso mais o NEAKI.

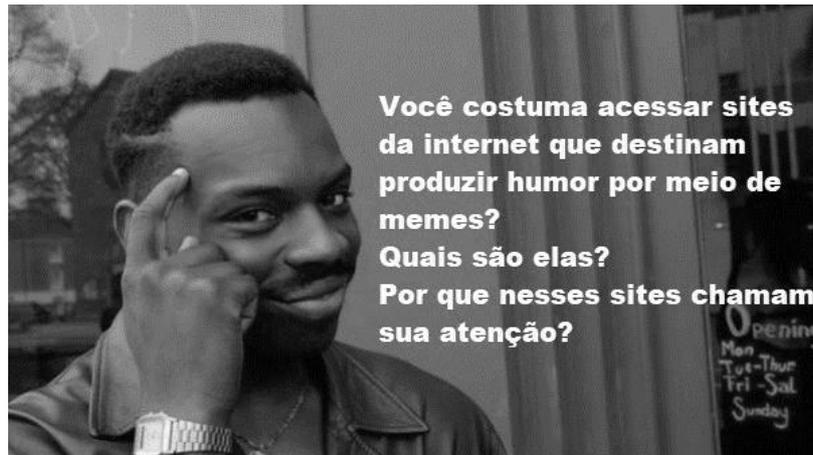
Participante 12 (Guilherme) acesso principalmente a south america memes.

Participante 13 (Taina)

Participante 14 (Jhow )

Participante 15 (Brenda) costumo curtir e seguir paginas criadas para memes.

Participante 16 (Nina)



Participante 1 (Daniela)

Participante 2 (Wesler)

Participante 3 (Amanda) Não uso, pego tudo no twitter e no face.

Participante 4 (Evelyn) costumo ver no South America Memes ou no twitter.

Participante 5 (João) acesso grupos do facebook que produzem isso tipo a SAM,GT's 10/10 entre outros.

Participante 6 (Luísa) sim. Chamam atenção pelo fato de serem totalmente irônicos e engraçados.

Participante 7 (Gabriel)

Participante 8 (Maria)

Participante 9 (Ana) tbm gosto de ir em grupo de memes mais eu passo mais tempo fazendo os memes , toda oportunidade deve ser aproveitada kkkk ! e chamam minha atenção pq eu gosto muito de memes !

Participante 10 (Giovana)

Participante 11 (Bernardo)

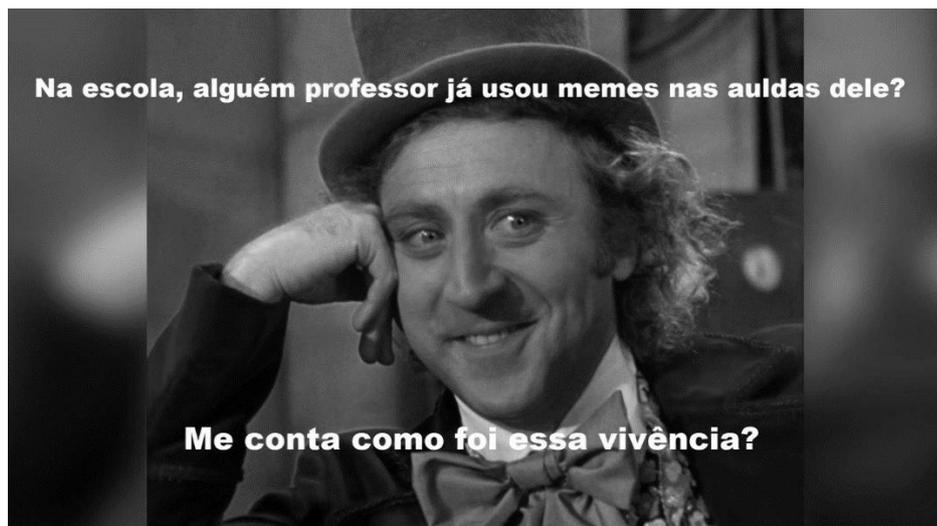
Participante 12 (Guilherme)

Participante 13 (Taina) História no Paint.

Participante 14 (Jhow)

Participante 15 (Brenda)

Participante 16 (Nina) costumo ir nos grupos de memes aqui do face, a interação entre os membros do grupo é bem divertida, vc acaba conhecendo pessoas novas e o conteúdo também é entretenimento puro heheheh.



Participante 1 (Daniela) alguém não e nem algum.

Participante 2 (Wesler) sim, tivemos q fazer um meme sobre a Dilma no ano passado.

Participante 3 (Amanda) Sim, os alunos que estão fazendo estagio com a professora de artes e o professor de jornalismo.

Participante 4 (Evelyn) professora de português em provas.

Participante 5 (João) professora de português em provas.

Participante 6 (Luísa) Sim. Foi muito interessante e inesperado.

Participante 7 (Gabriel) Sim. Minha professora do ano passado, fizemos um trabalho apenas sobre memes, onde os alunos criavam memes.

Participante 8 (Maria) sim, foi uma experiencia muito divertida e inusitada que divertiu os alunos e ajudou a fixar e discutir a amteria.

Participante 9 (Ana)

Participante 10 (Giovana) Infelizmente, não.

Participante 11 (Bernardo) sim, fizemos um meme da dilma.

Participante 12 (Guilherme) sim, fizemos um meme da dilma.

Participante 13 (Taina)

Participante 14 (Jhow)

Participante 15 (Brenda)

Participante 16 (Nina) nunca nem vi.



Participante 1 (Daniela)

Participante 2 (Wesler) fatos e pessoas distraídas.

Participante 3 (Amanda) quando um video ou imagem viraliza.

Participante 4 (Evelyn) tudo.

Participante 5 (João) fotos e videos engraçados, que causam um alvoroço na internet, tipo aqueles que viralizam e ficam famosos rápido.

Participante 6 (Luísa) Alguém achar o acontecimento engraçado ou irônico e diferente que viraliza. Consigo.

Participante 7 (Gabriel) Um acontecimento engraçado, um acontecimento que leva uma crítica ou uma opinião.

Participante 8 (Maria) situações com muitas pessoas envolvidas onde uma se destaca.

Participante 9 (Ana) consigo ,principalmente algo que é coletivo , algo que se encaixa perfeitamente em um pensamento da maioria.

Participante 10 (Giovana) Eu acredito que um acontecimento, uma situação, um momento divertido que possa ser compartilhado e "aceitado" de forma geral é meme.

Participante 11 (Bernardo) videos ou imagens que viralizam.

Participante 12 (Guilherme) uma situação q viraliza ou que pegam uma cena despercebida

Participante 13 (Taina) UM situação que viraliza.

Participante 14 (Jhow)

Participante 15 (Brenda)

Participante 16 (Nina) acho que oq determina um meme é justamente e pensamento coletivo, uma ideologia representada por uma sociedade.

**Referências**

ESTADUAL Central Memes. Disponível em

<https://www.facebook.com/groups/239878116658046/> Acesso 22 jan. 2019.

## APÊNDICE V

### ROTEIRO PARA ENTREVISTA

O objetivo geral desta pesquisa é compreender os usos sociais do meme da internet. Para se alcançar essa finalidade, um roteiro de entrevista semiestruturado foi elaborado, tendo como tema principal a participação dos voluntários na *fanpage* Estadual Central. As questões serão colocadas de maneira informal e os participantes poderão respondê-las de forma livre.

#### Membros

1. O grupo Estadual Central é um grupo fechado. Por que você se associou a ele?
2. Você costuma compartilhar, curtir ou comentar memes da internet na página do Estadual Central? Descreva como é sua participação nesse grupo?
3. Você já produziu algum meme especificamente para a página do Estadual Central? Narre como foi essa experiência.
4. Fora do grupo Estadual Central, você costuma conversar sobre memes da internet com amigos, conhecidos ou parentes? Quais seus temas preferidos para debate?
5. Que vantagens e desvantagens você percebe em se comunicar recorrendo aos memes da internet no grupo Estadual Central?
6. Além de ser um canal que assegura a troca de mensagens entre os alunos da escola Governador Milton Campos, a *fanpage* do Estadual Central produz uma quantidade considerável de memes da internet. Para você, por que isso acontece?
7. Você acha que os memes da internet criados pelos alunos do Estadual Central (ou compartilhados na página) têm como única finalidade o entretenimento dos usuários ou têm caráter político, ideológico ou moral? Justifique sua resposta.
8. Por que você curtiu ou comentou determinado meme no grupo?
9. Você compreendeu todos memes publicados na página do Estadual Central na primeira leitura ou precisou de explicações dos colegas? Que conhecimentos faltaram para que os entendessem?

10. Na página Estadual Central, há algum meme que você considera ofensivo ou tenha representado alguma infração? Explique o motivo.
11. Qual o meme da página do Estadual Central você considerou mais interessante? Explique por quê?
12. Quais conjuntos coadaptados de memes você consegue identificar na *fanpage* Estadual Central? Que relações são construídas (conexões surgidas) nas peças que você identificou?
13. Na página do Estadual Central, você já presenciou discurso de ódio em postagens ou em comentários? Como você reagiu?
14. Você já respondeu a alguma provocação ou fórum de discussão utilizando meme da internet?
15. Você compartilha memes criados por outras agências na *fanpage* do Estadual Central? Por que você recorre a essa estratégia?
16. Você já compartilhou (ou compartilha) memes publicados na página do Estadual Central em outros grupos? Por que recorre a essa estratégia? Caso isso nunca tenha compartilhado explique por quê?
17. Por que você postou algum meme ou determinado comentário no grupo e “saiu correndo”?

### **Produtores (*Corpus de análise*)**

1. Você foi o autor de memes compartilhados no grupo Estadual Central. O que ou quem procurou evidenciar na peça criada. Explique as motivações de sua produção.
2. O meme que você produziu obteve muitos comentários (ou não obteve comentários)? Como você reagiu a isso?

### **Administradores (*Entrevista on-line*)**

1. Quem foram os criadores da *fanpage* Estadual Central? Com qual finalidade essa página foi criada?
2. Vocês são administradores da página Estadual Central. Quais funções vocês desempenham?
3. A quantidade de memes da internet que são postados na página Estadual Central surpreendem vocês? Para vocês, por que isso acontece? Como vocês entendem essas participações?
4. Vocês já tiveram de retirar algum meme da página? Se afirmativo, narrem os motivos que os levaram a tal postura.

5. A *fanpage* Central da Depressão também foi criada e é administrada por alunos (as) da escola Governador Milton Campos? Qual a relação desse grupo com vocês?